



**unioeste**

**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**CÍNTHIA MORELLI ROSA**

**O AGIR DO PROFESSOR EM FOCO: UM ESTUDO DE EDITORIAIS E CARTAS DO  
LEITOR DA REVISTA NOVA ESCOLA**

CASCADEL - PR

2012

CÍNTIA MORELLI ROSA

**O AGIR DO PROFESSOR EM FOCO: UM ESTUDO DE EDITORIAIS E CARTAS DO  
LEITOR DA REVISTA NOVA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Interdiscurso: Práticas Culturais e Ideologias.

Orientador: Prof. Dr. Wander Amaral Camargo.

CASCADEL – PR  
2012

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

**Biblioteca Central do Campus de Cascavel – Unioeste**

**Ficha catalográfica elaborada por Jeanine da Silva Barros CRB-9/1362**

R694a Rosa, Cíntia Morelli  
O agir do professor em foco: um estudo de editoriais e cartas do leitor da Revista Nova Escola. / Cíntia Morelli Rosa.— Cascavel, PR: UNIOESTE, 2012.  
2012. 139f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Wander Amaral Camargo  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.  
Bibliografia.

1. Análise do discurso. 2. Agir do professor. 3. Revista Nova Escola. I. Camargo, Wander Amaral. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 21ed. 401.41

CÍNTHIA MORELLI ROSA

**O AGIR DO PROFESSOR EM FOCO: UM ESTUDO DE EDITORIAIS E CARTAS DO  
LEITOR DA REVISTA NOVA ESCOLA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes  
Membro Efetivo (da Instituição)

---

Profa. Dra. Ivete Janice de Oliveira Brotto  
Membro Efetivo (da Instituição)

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristóvão  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
Membro Efetivo (convidado)

---

Prof. Dr. Gustavo Biasolli Alves  
Membro Suplente (da Instituição)

---

Profa. Dra. Anna Rachel Machado  
Membro Suplente (convidado)

---

Prof. Dr. Wander Amaral Camargo (UNIOESTE)  
Orientador

*Dedico este trabalho:*  
*Ao meu filho Eduardo, motivo da minha caminhada*  
*Ao meu marido Paulo, eterna paixão*  
*A todos aqueles que fazem do ensino o seu trabalho*  
*Aos meus futuros alunos*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação de mestrado implica na necessária lembrança de pessoas queridas que contribuíram para que eu pudesse chegar nesta etapa. Embora o espaço seja pequeno para agradecer a tantos, tentarei citar aqueles que foram essenciais ou que participaram de forma efetiva para a concretização desse sonho. Assim, agradeço a todos que torceram e rezaram por mim nestes dois anos, mas de forma especial:

Ao Professor Doutor Wander Amaral Camargo, por acreditar no meu potencial, selecionando-me como sua orientanda e oferecendo subsídios para a composição desta dissertação.

Aos professores Alexandre Ferrari Soares, Luciane Thomé Schröder e Roselene de Fátima Coito, que nas minhas primeiras tentativas de seleção do mestrado mostraram-se solícitos e contribuíram com seus conhecimentos para o meu aprimoramento.

Ao Colégio Luterano Rui Barbosa, de Marechal Cândido Rondon/PR, na pessoa do diretor Neander Kloss, que permitiu a conciliação de meu trabalho com as atividades de pesquisa.

Aos professores participantes do Seminário de Pesquisa e da banca de qualificação: Gustavo Biasolli, Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Alexandre Ferrari Soares e Ivete Janice de Oliveira Brotto, pelas ricas sugestões e intervenções.

Ao meu marido e parceiro, Paulo Roberto da Cruz, pelo incentivo e constante apoio.

Aos meus pais, Manoel e Elizabeth, pela ajuda nos momentos de apuros e por apoiarem as minhas decisões.

Enfim, a DEUS, pela oportunidade.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa  
a si mesmo, os homens se educam entre si,  
mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

ROSA, Cíntia Morelli. **O agir do professor em foco**: um estudo de editoriais e cartas do leitor da Revista Nova Escola. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel/PR.

## RESUMO

Nesta dissertação tivemos como objeto de estudo o agir do professor retratado na Revista *Nova Escola*, por meio de seus editoriais (Seção *Caro Educador*) e das cartas dos leitores (Seção *Caixa Postal*). Tal temática justifica-se tendo em vista as constantes discussões sobre professor, condições de trabalho, saúde, indisciplina, etc, além de ser uma maneira de colaborar com uma nova tendência de pesquisa a qual trabalha as relações existentes entre linguagem, trabalho e educação. Para tanto, tomamos como embasamento teórico o Interacionismo Social de Bakhtin/Voloshinov (2010a), com extensão para o Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (2009) e, ainda, fazendo uso da teoria dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997a/2010b). A metodologia, de abordagem dialética, possui fundamento no método sociológico de Bakhtin, tendo em vista o contexto social amplo e o contexto social imediato; e nos procedimentos metodológicos de Bronckart, conforme os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. A fim de selecionar os editoriais e as cartas dos leitores, tomamos como recorte inicial de nossa pesquisa o período de publicação de *Nova Escola*, de outubro de 2009 a outubro de 2010. Porém, para oferecer um estudo mais aprofundado, selecionamos apenas quatro editoriais desse período e seus respectivos depoimentos, ou seja, cartas dos leitores publicadas na edição seguinte. Portanto, as análises abordaram os quatro editoriais selecionados e mais 10 depoimentos, cujos conteúdos foram os temas discutidos nas edições referentes aos editoriais. Assim, a dissertação teve como objetivo geral contribuir com reflexões sobre o agir do professor conforme os discursos que circulam na mídia, fazendo um levantamento sobre a imagem que se tem do professor. Nesse sentido, partimos das seguintes questões motivadoras: 1) Como se configura a imagem e o agir do professor em editoriais da Revista *Nova Escola*?; 2) Como o professor se vê/se define em situações de interação com a Revista, por meio de cartas publicadas na seção *Caixa Postal*?; e 3) Existe uma banalização do trabalho do professor nos textos analisados?. Os resultados apresentados nas análises dão conta de afirmar que o discurso presente nos editoriais (cartas do editor) visa a um agir do professor no sentido de que ele utilize os conteúdos da publicação na própria sala de aula ou num contexto escolar de forma geral. Com relação às cartas dos

leitores, encontramos, na voz do leitor, a reprodução do discurso da Revista ao reiterar aquilo que foi dito na edição anterior.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de discurso, agir do professor, Revista Nova Escola.

ROSA, Cíntia Morelli. **The teacher's performance focus**: a study of editorials and letters from readers of the *Nova Escola Magazine*. 139f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel/PR.

## ABSTRACT

In this thesis, we had as object of study the teacher's performance portrayed in *Nova Escola* magazine, through its editorials (*Caro Educador* section) and letters from readers (*Caixa Postal* section). This thematic is justified considering the constant discussions about the teacher, the working conditions, health, discipline, etc., besides being a way to collaborate with a new trend of research that works the existing relationships between language, work and education. Therefore, centered on the theoretical basis of the Social Interactionism by Bakhtin/Voloshinov (2010a), extending to the Social-Discursive Interactionism by Bronckart (2009), and also making use of the theory of the discursive genres (Bakhtin, 1997a/2010b). The methodology, in a dialectical approach, has its basis on Bakhtin's sociological method, given the broad social context and the immediate social context; and on Bronckart's methodological procedures, as the mechanisms of textualization and enunciative mechanisms. In order to select the editorials and readers' letters, we selected, as an initial demarcation of our research, the publication of *Nova Escola* magazine from October 2009 to October 2010. However, to provide a more detailed study, we elected from that period only four editorials and their respective statements, i.e., readers' letters published in the next issue. Therefore, the analysis addressed the four selected editorials and more 10 testimonies, whose contents were the topics discussed on those editions referent to the editorials. Thus, this study had the objective of contributing to reflections on the acting of the teacher according to the discourses that circulate in the media, doing a survey on the image one has of the teacher. Accordingly, we set the following motivating questions: 1) How are set the image and performance of the teacher in editorials of *Nova Escola* magazine?, 2) How is the teacher seen/defined in the interactions with the magazine, through letters published in the *Caixa Postal* section? and 3) Is there a trivialization of the teacher's work in the analyzed texts?. The results presented in the analysis assert that the discourse in the editorials (editor's letters) aims at a performance of the teacher in the sense that he or she uses the contents of the publication in their classroom or a school context in general. With regard to the readers'

letters, we found, in the voice of the reader, a reproduction of the magazine's discourse reinforcing what was said in the previous issue.

**KEYWORDS:** discourse analysis, teacher's performance, *Nova Escola* magazine.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Professor de ontem e professor de hoje.....	56
Figura 02: Capa da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 226, Outubro/2009.....	86
Figura 03: Editorial da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 226, Outubro/2009.....	87
Figura 04: Capa da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 227, Novembro/2009.....	98
Figura 05: Editorial da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 227, Novembro/2009.....	99
Figura 06: Capa da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 234, Agosto/2010.....	104
Figura 07: Editorial da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 234, Agosto/2010.....	106
Figura 08: Capa da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 236, Outubro/2010.....	114
Figura 09: Editorial da Revista <i>Nova Escola</i> , edição 236, Outubro/2010.....	116

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Comparativo das tendências Subjetivismo Idealista, Objetivismo Abstrato e Interacionismo Social.....	23
Quadro 02: Síntese da proposta metodológica.....	45
Quadro 03: Mostra de editoriais a serem analisados.....	46
Quadro 04: Mostra de depoimentos a serem analisados.....	47
Quadro 05: Texto “A Vingança”.....	62
Quadro 06: Texto “A Maldição do Professor”.....	64
Quadro 07: Ficha Técnica da Revista <i>Nova Escola</i> .....	71
Quadro 08: Perfil dos Leitores da Revista <i>Nova Escola</i> .....	80
Quadro 09: Organização dos textos a serem analisados.....	84

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RNE – Revista Nova Escola

FVC – Fundação Victor Civita

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

ALTER – Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas relações

LAEL – Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

PUC – Pontifícia Universidade Católica

UEL – Universidade Estadual de Londrina

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 INTERAÇÃO SOCIAL E INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD): ALICERCES DA PESQUISA</b> .....	18
1.1 BAKHTIN E SUA PROPOSTA DE INTERACIONISMO SOCIAL.....	18
1.2 INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO ENTRA EM CENA: NOVO MODELO PROPOSTO POR JEAN PAUL BRONCKART.....	26
1.3 UMA QUESTÃO DE GÊNERO.....	30
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	37
2.1 UM ESTUDO DE BASE MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICA.....	37
2.2 PROPOSTA METODOLÓGICA: CAMINHOS PARA A ANÁLISE.....	39
2.3 SELEÇÃO DOS DADOS.....	45
<b>3 O AGIR DO PROFESSOR EM FOCO</b> .....	50
3.1 O PROFESSOR E SUA SITUAÇÃO DE TRABALHO.....	50
3.2 O AGIR NO DISCURSO.....	53
3.3 A (DES)VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR.....	55
<b>4 REVISTA NOVA ESCOLA: SUPORTE DOS GÊNEROS DA ESFERA JORNALÍSTICA</b> .....	66
4.1 REVISTA NOVA ESCOLA COMO SUPORTE MIDIÁTICO.....	66
4.2 JORNALISMO OPINATIVO: EDITORIAL X CARTA DO LEITOR.....	73
4.2.1 O Gênero Editorial.....	76
4.2.2 O Gênero Carta do Leitor.....	78
4.3 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS GÊNEROS.....	80
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	84
5.1 CONTEÚDO TEMÁTICO: INDISCIPLINA.....	85
5.1.1 Editorial “Indisciplina: Causa ou Sintoma?” .....	87
5.1.2 Seção Caixa Postal.....	93
5.2 CONTEÚDO TEMÁTICO: PRÊMIO VICTOR CIVITA.....	97

5.2.1	Editorial “Um brinde aos professores”.....	99
5.3	CONTEÚDO TEMÁTICO: LEITURA.....	102
5.3.1	Editorial “Trabalho em equipe”.....	106
5.3.2	Seção Caixa Postal.....	110
5.4	CONTEÚDO TEMÁTICO: CARREIRA DO PROFESSOR.....	112
5.4.1	Editorial “O professor do século 21”.....	116
5.4.2	Seção Caixa Postal.....	119
	<b>À GUIA DE CONCLUSÃO.....</b>	<b>124</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>134</b>

## INTRODUÇÃO

As relações existentes entre a Mídia e a Educação sempre nos chamaram bastante atenção, principalmente porque as duas áreas atuam diretamente na formação e na construção de opiniões e consciências. Dessa área de interesse e por termos uma formação acadêmica em Comunicação Social/Jornalismo, nasceu a ideia de pesquisar a Revista *Nova Escola*, editada pela Fundação Victor Civita, do Grupo Abril. Tal publicação é subsidiada por meio de parcerias com o governo federal, o que tem permitido sua distribuição gratuita às escolas públicas brasileiras. Podemos pressupor, pelas informações, que o conteúdo apresentado nesse veículo de informação e de formação possui estreita ligação com a posição ideológica e os interesses do governo federal. Compreendemos, portanto, que pesquisar tal veículo midiático contempla duas importantes áreas do conhecimento, a Comunicação e a Educação, as quais sempre foram focos de pesquisas anteriores. Vale dizer que os primeiros estudos por nós realizados abordaram a influência dos meios de comunicação de massa no agir pedagógico e a importância da inclusão das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) na Educação.

À luz da teoria do interacionismo social de Bakhtin (2010a), com extensão para o interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (2009), e fazendo uso da teoria dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997a/2010b), nossa dissertação tem como tema central as relações existentes entre a linguagem e o trabalho docente presentes em textos veiculados na mídia revista especializada em Educação. Amparados nos procedimentos teórico-metodológicos de Bronckart (2006/2008), os estudos sobre a relação linguagem e trabalho oferecem importantes reflexões sobre os modos de agir presentes nos discursos. Assim, a temática será o agir do professor retratado por meio dos gêneros *editorial*<sup>1</sup> e *carta do leitor*.

Tendo em vista as constantes discussões sobre professor, condições de trabalho, saúde, indisciplina, etc., tentamos mostrar a imagem que a Revista *Nova Escola* faz do trabalho do professor por meio das seções *Caro Educador* (editorial da publicação) e *Caixa Postal* (carta dos leitores). Para tanto, são analisados quatro editoriais que abordam – direta ou indiretamente – o trabalho docente, bem como os depoimentos referentes aos assuntos desses editoriais.

---

<sup>1</sup> Optamos pelo termo editorial por ser mais específico da área de jornalismo e por ser a origem do gênero carta do editor. Porém, salientamos a proximidade e até o hibridismo dos gêneros editorial e carta do editor, tendo em vista as características ressaltadas nas considerações finais desta dissertação. Dessa forma, mesmo que a terminologia adotada cause certa confusão, ressaltamos que ela não interfere no foco do estudo (o agir docente). Assim, partimos da premissa de que tanto o editorial quanto a carta do leitor representam a posição do veículo midiático e que, ambos, refletem o conteúdo da edição de forma metonímia, ou seja, a parte pelo todo.

Como não haveria possibilidade de analisar todo o conteúdo da publicação, optamos por nos pautar nos editoriais que representam a voz e a linha editorial da Revista, e o espaço do leitor, local em que o professor/leitor pode se manifestar a respeito dos conteúdos publicados. Segundo Melo (1994) e Beltrão (1980), os editoriais presentes nos veículos de comunicação representam a posição ideológica das empresas jornalísticas, além de estabelecer um diálogo com o leitor (digamos, professor). Já a seção de cartas dos leitores representa a “voz”<sup>2</sup> do próprio leitor, assim como nos termos expostos por Melo (1994). Nesse sentido, faz-se necessário analisar como se configura a imagem do profissional de educação nos editoriais selecionados e quais os apagamentos que a publicação apresenta, buscando refletir sobre a situação de seu trabalho na educação brasileira. Dessa forma, analisamos a imagem que a Revista tem do professor e a imagem que o próprio professor faz de si e de sua atuação.

Além de contribuir com os estudos dessa nova corrente metodológica – o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD, de agora em diante) – a dissertação visa a atender às propostas atuais que tendem a valorizar a perspectiva discursiva. Assim, estão unidos Discurso, Comunicação e Educação em um só trabalho.

É importante mencionar que a ideia inicial era verificar se a *Nova Escola* estava sendo utilizada como manual didático, o que dependeria da entrada na sala de aula. Porém, após a realização de uma pesquisa exploratória informal, feita com alguns colegas atuantes na Educação Básica, percebemos que a Revista serve apenas de material de consulta, o que derrubou nossa hipótese. Então, estudar o agir docente por meio da linguagem presente na mídia revista especializada pareceu-nos ser um importante início de pesquisa científica, que poderá servir de subsídio para estudos futuros sobre o mesmo tema.

Nessa perspectiva de discussão sobre questões educacionais, bem como de sua relevância no cenário atual, a dissertação teve como objetivo geral contribuir com reflexões sobre o agir do professor conforme os discursos que circulam na mídia, particularmente na Revista em questão, tida como especializada em educação. Sendo o discurso o espaço onde estão presentes as práticas languageiras, analisamos os modos de agir, uma vez que o periódico – por meio dos editoriais - apresenta seu posicionamento quanto ao conteúdo veiculado e o profissional – fazendo uso do espaço do leitor – reitera (ou não) o discurso proferido pela publicação. Já os objetivos específicos foram, com base nos editoriais selecionados, verificar qual o discurso difundido pela Revista no que se refere ao agir

---

<sup>2</sup> Cabe salientar que essa “voz” (Melo, 1994) do leitor não é livre, ela passa pelo crivo da editora e, não raramente nem por acaso, os textos publicados favorecem o discurso dominante da revista. Tal favorecimento está sendo por nós comprovado na medida em que a quantidade de depoimentos em concordância com a Revista é muito maior do que os depoimentos que apresentam certa reflexão ou questionamento aos editores.

docente, levantando a imagem construída desse profissional; e perceber qual a representação que o docente faz de seu próprio agir por meio das cartas enviadas.

Assim, fizemos as seguintes indagações que motivaram a pesquisa:

- Como se configura a imagem e o agir do professor em editoriais da Revista *Nova Escola*?
- Como o professor se vê/se define em situações de interação com a Revista, por meio de cartas publicadas na seção *Caixa Postal*?
- Existe uma banalização do trabalho do professor nos textos analisados?

Para buscar respostas a essas indagações, nossa dissertação de mestrado conta com cinco capítulos, conforme apresentação a seguir. Uma introdução, seguida do primeiro capítulo, que se refere aos pressupostos teóricos do Interacionismo Social com base nos estudos de Mikhail Bakhtin/Voloshinov (2010a) e Jean Paul Bronckart (2009), que são os alicerces da pesquisa, abordando, ainda, os gêneros do discurso, baseando-nos nos estudos de Bakhtin (1997a/2010b). No segundo capítulo constam os procedimentos metodológicos que nortearam o desenvolvimento da dissertação, com apresentação do método materialista histórico dialético (Marx), do programa metodológico de Bakhtin/Voloshinov e dos procedimentos metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart. No mesmo capítulo consta a seleção dos dados a serem analisados. O terceiro capítulo adentra na situação de trabalho do professor na atualidade, buscando contextualizar não apenas as questões relativas ao trabalho docente, mas também o agir do professor por meio dos discursos veiculados e, ainda, a imagem da (des) valorização da categoria de professor, conforme discursos constituídos principalmente em veículos midiáticos. Partindo para uma breve análise do suporte dos gêneros selecionados, temos o quarto capítulo apresentando algumas considerações sobre a Revista *Nova Escola*, com a intenção de oferecer subsídios ao leitor sobre as características desse veículo de comunicação. Além disso, trazemos alguns conceitos sobre o Jornalismo Opinativo, o qual abrange os gêneros editorial e carta do leitor, bem como os aspectos formais e estruturais de cada um desses gêneros, com uma pequena apresentação do contexto de produção desses objetos. Dando início às análises que compõem o trabalho, o quinto capítulo volta-se para as considerações obtidas por meio do estudo dos editoriais e de seus respectivos depoimentos. Por fim, a dissertação conta com o “fechamento” do estudo, apontando os resultados obtidos por meio dos gêneros analisados, seguidos das referências bibliográficas e anexos.

# 1 INTERAÇÃO SOCIAL E INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: ALICERCES DA PESQUISA

Toda pesquisa científica parte de aportes teóricos que sustentam as discussões apresentadas ao longo do estudo. Neste caso em específico, utilizamos como alicerce da dissertação os conceitos do Interacionismo Social, da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Voloshinov (2010a), bem como os procedimentos do Interacionismo Sociodiscursivo proposto por Bronckart (2009). Ainda como aporte teórico, estendemos as reflexões por meio do estudo dos gêneros do discurso/texto. Apresentamos, portanto, a seguir esses elementos que são essenciais para compreensão do todo representado nesta dissertação.

## 1.1 BAKHTIN E SUA PROPOSTA DE INTERACIONISMO SOCIAL

Antes de abordar a teoria atribuída a Mikhail Bakhtin<sup>3</sup>, cabe-nos uma breve contextualização sobre o chamado Círculo de Bakhtin, composto por intelectuais russos (filósofos, pianista, biólogo, etc), entre eles, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov, Pavel N. Medvedev, Maria Yúdina, Lev Pumpianski, Konstantin Vaguinov.

Segundo Rodrigues (2005) e Faraco (2003), estes intelectuais se reuniram no período de 1919 a 1974, sendo que as ideias do Círculo só foram divulgadas a partir da metade da década de 1960. “A publicação completa dos textos, com traduções às vezes problemáticas, levou mais de vinte anos e foi feita sem nenhum critério cronológico” (RODRIGUES, 2005, p. 152).

Entre outros estudos, o Círculo contribuiu de maneira contundente para as discussões em torno da linguagem e, conseqüentemente, para o ensino de línguas. Por volta de 1925/1926, segundo Faraco (2003), aconteceu a chamada virada linguística.

---

<sup>3</sup> Mikhail Mikailovitch Bakhtin (1895-1975) nasceu em Oriol numa família de antiga nobreza, arruinada. Estudou na Universidade de Odessa e de São Petesburgo, onde se diplomou em história e filologia, em 1918. Participou do círculo no período de 1919 a 1929. Após 1930, perdeu contato com os amigos Voloshinov e Medvedev. Chegou a ser preso e exilado na Ásia. Segundo Faraco (2003, p. 72): “Bakhtin viveu boa parte de sua vida adulta sob um regime totalitário, tendo sido, inclusive, vítima de perseguição política, o que resultou em prisão, num exílio de seis anos no Casaquistão e num ostracismo de trinta anos em cidades provinciais, já que, como antigo prisioneiro político, era alcançado pela proibição do regime stalinista de fixar residência e trabalhar em grandes centros urbanos”.

Nela se casarão as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação eu/outro), o interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época, a estudos linguísticos) e o projeto deste e de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo (FARACO, 2003, p. 30).

A partir desses debates em torno da linguagem e da elaboração de um método sociológico, surgiu a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*<sup>4</sup> ([1929]2010a), em que Mikhail Bakhtin/Voloshinov defendem a interação verbal e o dialogismo como norteadores de uma nova concepção de linguagem. A interação proposta por ele é realizada por meio da enunciação em determinado momento ou situação de produção:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta. Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p.128).

É nesse contexto de relações sociais que surgem as diversas formas de enunciação que dependem da situação concreta e da posição do locutor perante o interlocutor. Conforme essa perspectiva do dialogismo, nosso discurso é sempre uma reação-resposta a outros dizeres e, portanto, as palavras não são neutras, estão carregadas de sentidos e de outros enunciados.

Bakhtin/Voloshinov propõem um sistema interacional, onde não só o locutor, mas também o interlocutor possui atitude responsiva ativa, contrapondo-se à Teoria da Comunicação<sup>5</sup>. Assim, toda proposta de comunicação é dialógica, exigindo uma resposta do outro.

Conforme Faraco (2003):

a compreensão não é mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s). Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto (FARACO, 2003, p. 42).

---

<sup>4</sup> Essa obra foi publicada na Rússia em 1929. Existem controvérsias sobre a real autoria da obra. Enquanto alguns acreditam que Bakhtin apenas escolheu o nome de seu amigo Voloshinov para a autoria do livro, outros acreditam que foi o próprio Voloshinov quem o escreveu. Como não é nosso objetivo adentrar na discussão sobre essa teoria, usaremos a indicação Bakhtin/Voloshinov para a autoria da obra.

<sup>5</sup>Teoria que explicou o esquema de comunicação como um fenômeno de mão única, partindo de um emissor para um receptor passivo.

Essa interação a que se referem os estudos bakhtinianos baseia-se em dois tipos de diálogos: um entre interlocutores e outro entre os discursos. Segundo Barros (1997), o diálogo entre locutores possui alguns aspectos a serem considerados:

A interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem; o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre os sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos; a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto (BARROS, 1997, p.30-31).

O diálogo entre discursos existe na medida em que cada discurso se constrói entre pelo menos dois interlocutores, além de manter relações com outros discursos. A conceituação do termo discurso na obra bakhtiniana surge na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* ([1929]1997b):

Intitulamos este capítulo ‘O discurso de Dostoiévski’ porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 1997b, p. 181).

Dessa forma, a língua não pode ser vista como abstrata (estável e realizada a partir de normas), mas como um processo ininterrupto que se realiza por meio da interação verbal entre locutores. As leis da evolução linguística devem ser observadas como leis sociológicas e não como leis da psicologia individual. A criatividade da língua deve ser compreendida de acordo com os conteúdos e valores ideológicos a que está ligada. A estrutura da enunciação é de natureza puramente social. Assim, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 128).

Essa concepção de linguagem do interacionismo possui raiz pragmática e fundamentada nos estudos sofistas no sentido de que, para essa corrente filosófica, não existe verdade universal, ou seja, a linguagem é uma forma de intercâmbio social entre as práticas humanas.

O que a linguagem traria em seu tecido seria antes um repertório dinâmico de opiniões, em última instância não-inventariáveis e dotadas de uma transparência e uma estabilidade relativas. Na condição de espaço privilegiado de cristalização e transformação dos nossos consensos, a linguagem desempenharia um papel não meramente descritivo, mas antes constitutivo nos assuntos humanos. Como vimos, esse modo de entender o fenômeno linguístico emerge alinhado ao ideário sofista, vinculando-se à

ideia de que a verdade é múltipla e mutável, efeito passageiro dos consensos relativamente precários que regulam as práticas humanas (MARTINS, 2005, p. 470).

Assim, o interacionismo social descarta as oposições de língua como expressão do pensamento ou como instrumento de comunicação e passa a ver os significados de acordo com o uso cultural das palavras. Segundo essa teoria, não existem verdades universalmente válidas e o sentido está relacionado ao fazer sentido, conforme o contexto social a que está inserido.

O modelo de interacionismo social defendido por Bakhtin/Voloshinov promove uma reflexão e uma crítica às correntes filosóficas do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista (termos estes utilizados pelos próprios estudiosos russos).

A concepção de linguagem como expressão do pensamento, segundo a crítica da teoria bakhtiniana, está relacionada à perspectiva subjetivista idealista em que a língua é a revelação de uma fonte que emerge do psiquismo individual do sujeito, ou seja, da criação individual. Para essa corrente, a língua é um processo ininterrupto que se materializa nos atos individuais de fala e o falante é considerado o ser criador, como numa enunciação monológica da teoria da expressão.

Não é por acaso que a teoria do subjetivismo individualista, como todas as teorias da expressão, só se pôde desenvolver sobre um terreno idealista e espiritualista. Tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p.115).

A concepção subjetivista idealista ampara-se na corrente filosófica do mentalismo que apresenta a linguagem como algo que produz sentido; ela interroga o mundo e é utilizada para a manifestação da construção mental feita pelo homem.

A saída de Aristóteles é compreender a linguagem como subordinada em primeiro lugar à capacidade mental ou racional humana – atribuir às expressões linguísticas a função primeira de representar o que vai no espírito (MARTINS, 2005, p. 464).

A essa orientação pertencem os estudos de Wilhelm Humboldt – um de seus mais notórios representantes; a teoria de Wundt, para quem todos os fatos da língua baseiam-se na psicologia individual; e a teoria de Vossler, cuja tese justifica a ligação entre a linguística e a natureza artística.

De acordo com essa tendência, a linguagem possui estreita relação com os atos de criação, cabendo ao sujeito o papel de um ser criador, preocupado com a estética em

detrimento da estrutura. Para os representantes dessa corrente, a expressão é de natureza artística e o pensamento molda a linguagem.

Os estudos sobre a linguagem, também, conceberam-na como instrumento de comunicação, conforme o caminho filosófico proposto por Platão, com o objetivo de revelar a “verdade” aos homens, tornando-os mais esclarecidos. “Muito do que Platão diz ou insinua sobre a linguagem orienta-se no sentido de demonstrar que seu funcionamento é tal que pressupõe a verdade, que reforça a ideia de que a verdade prevalece sobre o consenso”. (MARTINS, 2005, p. 455).

A essa concepção somam-se os estudos de Ferdinand Saussure, defensor do estruturalismo, teoria que apresenta a linguagem como um sistema de normas fixas e convencionadas, o qual o indivíduo deve aceitar. Saussure diferencia língua de fala. Para ele, língua é um sistema abstrato, um fator social; já a fala é a realização concreta da língua, é um fator individual. Em sua teoria, a língua – por ser social e homogênea – tem primazia sobre a fala.

Para essa orientação, há uma identidade normativa que garante a unicidade do sistema fonético da língua. Um fonema, por exemplo, é considerado fato da língua, pois apresenta uma identidade normativa. O sujeito falante não realiza mudança na língua, pois ela faz parte de um sistema já constituído e imutável. No objetivismo abstrato não há espaço para a ciência das ideologias, “as leis linguísticas são arbitrárias, isto é, privadas de uma justificação natural ou ideológica” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 81).

Tal corrente é altamente criticada por Bakhtin/Voloshinov. Segundo eles, apenas o sistema linguístico não dá conta dos fatos da língua, pois seria preciso considerar o seu conteúdo ideológico. Um dos erros básicos do objetivismo abstrato apontados por Bakhtin refere-se à língua como sistema de normas imutáveis.

A consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como de um sistema de formas normativas. Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 95).

No processo de argumentação contra a posição de língua como sistema imutável, Bakhtin/Voloshinov apresentam a prática viva da língua em que locutor e receptor possuem papéis ativos e responsivos determinados pelo contexto ideológico de cada situação. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 99). É também referente a esse caráter ideológico que

o autor russo classifica a palavra estrangeira, “a filosofia da linguagem e a linguística até hoje ainda não se conscientizaram do imenso papel ideológico da palavra estrangeira” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 105). No objetivismo abstrato há um estudo profundo da palavra estrangeira por considerá-la uma forma de poder cultural que contribui para a evolução da língua, porém não há conscientização sobre seu papel ideológico.

De forma a sintetizar os problemas das duas correntes filosóficas – objetivismo abstrato e subjetivismo idealista – Bakhtin reitera que a língua está em constante processo de evolução, tendo uma abordagem histórica viva, que se dá através da enunciação dialógica e de seu contexto. A língua é, ainda, plurivocal e jamais um produto acabado, fechado em si mesmo. O quadro abaixo visa a resumir as características de cada uma dessas tendências de forma comparativa.

Quadro 01: Comparativo das tendências Subjetivismo Idealista, Objetivismo Abstrato e Interacionismo Social

<b>Subjetivismo Idealista</b>	<b>Objetivismo Abstrato</b>	<b>Interação Verbal</b>
Principal estudioso: Wilhelm von Humboldt	Principal estudioso: Ferdinand Saussure	Principal estudioso: Mikhail Bakhtin e o Círculo
Individualista, espiritualista, romântica	Racionalista, neoclassicista	Interacional
Língua como processo ininterrupto que se materializa nos atos individuais de fala	Língua como sistema estável, submetido a normas. Fato objetivo externo à consciência individual	Língua como <i>processo de evolução ininterrupto</i> , que se realiza através da <i>interação verbal social dos locutores</i>
Leis linguísticas = leis da psicologia individual	Leis linguísticas que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado	As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguísticas são essencialmente <i>leis sociológicas</i>
Criação linguística semelhante à criação artística	Ligações linguísticas não têm nada a ver com valores ideológicos	A <i>criatividade</i> da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida

		<i>independentemente de seus conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam</i>
Língua é produto acabado, inerte	Atos individuais de fala são simples refrações das formas normativas	Leva-se em conta a realidade concreta da língua, ou seja, o seu uso.
Reação contra a palavra estrangeira	Há um estudo profundo da palavra estrangeira por considerá-la uma forma de poder cultural que contribui para a evolução da língua. Porém, não há conscientização do papel ideológico da palavra estrangeira	
Enunciação monológica, não de observação passiva, mas do ponto de vista da pessoa que fala. Teoria da Expressão: o interior se utiliza de signos exteriores e se transforma. O exterior é apenas um material passivo que expressa o que está no interior	Enunciação monológica, de observação passiva	A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual é uma <i>contradictio in adjecto</i>

Considerando essas diferenças, Bakhtin aponta os principais erros de cada tendência. Quanto ao objetivismo abstrato, ele apresenta dois erros: considerar que apenas o sistema linguístico dá conta dos fatos da língua, separando a língua do seu conteúdo ideológico; e rejeitar a enunciação, considerando o ato de fala como sendo individual. Já o subjetivismo individualista peca ao somente levar em consideração a fala como ato individual e tentar explicar a língua através das condições de vida psíquica individual do sujeito falante.

Com base nesses estudos, chega-se à conclusão de que o objeto da filosofia da linguagem é a interação verbal, realizada por meio da enunciação. Portanto, a língua evolui de forma ininterrupta:

as relações sociais evoluem, depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 129)

Conforme a teoria interacionista, que concebe a linguagem como mediação (discurso) necessária entre o homem e a realidade natural e social, surgem novos conceitos de texto, discurso, sujeito e sentido.

Texto é apenas material linguístico oral e escrito que serve para organizar os enunciados, pois não é nele que estão presentes os sentidos, mas na sua relação com a exterioridade, com o sujeito que escreve e que lê, com a situação, com a realidade histórica e social que o permeiam. Texto é, portanto, um conjunto de signos (verbais ou não), produzido por um sujeito social<sup>6</sup> e historicamente localizado. “Atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage” (FARACO, 2003, p. 43). Nessa relação com o que é exterior que surge o discurso, lugar onde está representada a língua, a ideologia, o social, o cultural e o histórico, sendo que a língua produz sentidos para/por sujeitos. O discurso é, portanto, um acontecimento social e não derivado da consciência individual do falante.

Construído discursivamente, o sentido – para a teoria da interação – existe em termos de fazer sentido, ou seja, ele nunca vem dado a *priori*, pois realiza-se a partir do acontecimento discursivo e das pessoas envolvidas no processo de interação verbal.

Pensar o sentido como um efeito é assumir que os recursos da língua não são estáveis; é afirmar que o sentido que assumem são próprios do acontecimento discursivo de que fazem parte, podendo não vir a se repetir (CATTELAN, 2008, p.34).

Aceitando que a linguagem é forma de interação, não se deve pensar o sujeito como origem de si ou sujeito impotente. Ele é atravessado pela história e pela linguagem, é um sujeito em movimento, que determina o que diz e, ao mesmo tempo, é determinado pela exterioridade e pela ideologia.

Trazendo essas reflexões para a área educacional, temos que o ensino é caracterizado pela interação dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Entendemos, de acordo com a teoria bakhtiniana, que tanto o professor como o aluno são partes integrantes da interação, sendo que o meio social e o momento histórico não podem estar dissociados deste processo.

o ato responsivo deve ser entendido como aquele realizado por um sujeito social em interação com um ou mais sujeitos e pode ser executado de

---

<sup>6</sup> O termo sujeito, para Bakhtin, é constituído na dimensão da interação socioideológica, assimilando diversas vozes sociais. “Como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques” (FARACO, 2003, p. 81).

maneira verbal, ou através de gestos, como no caso de uma assembléia de votantes. No caso em que haja uma maneira de comunicação verbal e escrita, o uso da forma ativa de compreensão responsiva é evidente e clara, tendo em vista a sua atitude responsiva ativa (CAMARGO, 2009, p. 302).

Assim, nem o professor é onisciente, nem o aluno é um ser vazio; ambos possuem responsividade ativa.

Nessa mesma linha do Interacionismo Social, com diferenças que serão apontadas no próximo capítulo, segue a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo do estudioso Jean Paul Bronckart. Na sequência, esse será o assunto tratado.

## 1.2 O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO ENTRA EM CENA: NOVO MODELO PROPOSTO POR JEAN PAUL BRONCKART

A partir de 1980, um grupo de pesquisadores, coordenado por Jean Paul Bronckart<sup>7</sup>, na Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra passou a se reunir em torno de estudos em comum. Formado por Bernard Schneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz, Itziar Plazola, entre outros, o grupo teve como referência maior Lev Vygotsky (1896-1934), no campo do desenvolvimento, e Mikhail Bakhtin (1895-1975) no campo da linguagem. Assim, surgia a chamada Escola de Genebra e, posteriormente, o projeto do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD):

Ao lado de vários colaboradores e principalmente de Daniel Bain e Bernard Schneuwly, organizei uma estrutura de formação/pesquisa, para a qual contribuíram vários professores de língua, que visava fornecer-lhes alguns critérios que fossem, ao mesmo tempo, racionais (ou teoricamente fundados) e didaticamente adaptados para o domínio da expressão escrita. Foi dessa preocupação que emergiu o projeto do ISD propriamente dito. Em uma primeira fase, os trabalhos voltaram-se para a criação e a testagem das sequências didáticas e para a elaboração de um modelo teórico capaz de sustentar e de esclarecer essa abordagem prática de ensino (...). Em uma segunda fase, a abordagem visou aperfeiçoar o modelo teórico inicial e,

---

<sup>7</sup> Jean Paul Bronckart teve formação inicial em Psicologia na Universidade de Liège (Bélgica), no período de 1964 a 1969. Na década de 1970, trabalhou no Centro Internacional de Epistemologia Genética (CIEG) de Piaget e na Unidade de Psicolinguística. Em 1976, ministrou curso de Linguística para formadores e professores da escola primária de Genebra, na seção das Ciências da Educação, onde assumiu a função de professor de Psicopedagogia das Línguas. Formou-se em Ciências da Educação e passou a se preocupar com a adaptação de modelos teóricos à realidade escolar. A partir de 1980, envolveu-se na criação da Unidade de Didática das Línguas, juntamente com Schneuwly, Dolz, Bain e Plazaola. Desse grupo, foi constituído um subgrupo denominado “Langage, Action, Formation (LAF), formado por dez pesquisadores que elaboraram um programa de pesquisa sobre a análise das ações e dos discursos em situação de trabalho.

sobretudo, ressituar a questão das condições e das características da atividade de linguagem, no quadro do problema do desenvolvimento humano (BRONCKART, 2006, p. 13-14).

Tal teoria, apresentada por Jean Paul Bronckart na obra *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo* (2009), surge como um novo modelo de análise da linguagem. De acordo com o autor, a obra tem como pressuposto teórico a psicologia da linguagem que se fundamenta no interacionismo social. Dessa maneira, a análise deve-se voltar para as condutas humanas como produtos da socialização, conforme contribuições de Vygotsky, de Habermas e de Ricoeur.

Segundo Bronckart, não há como avaliar as condutas humanas apenas com base em suas atividades cognitivas. É preciso considerar a “historicidade do ser humano”, pois o interacionismo sociodiscursivo se interessa pelo homem dentro de uma organização social. “As propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos” (BRONCKART, 2009, p. 21).

A concepção sociointeracionista defendida por Bronckart (2009) considera a interação social como fator essencial na constituição da ação humana. Sua teoria está articulada com os estudos de Vygotsky, conforme pressupostos da psicologia da linguagem,

cuja obra representa o fundamento do interacionismo social que tem o objetivo de relacionar os aspectos sociais, fisiológicos, comportamentais, mentais ou verbais de maneira a integralizá-los, ao analisar diversas atividades e ações sociais (FERNANDEZ, 2009, p. 22).

Bronckart reforça os estudos do interacionismo social e da psicologia da linguagem ao considerar que as ações de linguagem ocorrem no interior de atividades sociais. A atividade social da espécie humana está relacionada com as diversas formas de organização, por meio das quais a linguagem torna-se elemento essencial para constituir uma atividade social.

A espécie humana caracteriza-se pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade. Essa evolução espetacular está indissolúvelmente relacionada à emergência de um modo de comunicação particular, a linguagem, e essa emergência confere às organizações e atividades humanas uma dimensão particular, que justifica que sejam chamadas de sociais (BRONCKART, 2009, p. 31).

Além de estarem centradas, primariamente, nas dimensões sociais e históricas, as condutas humanas também se concretizam na dimensão psicológica por meio das capacidades mentais e comportamentais. Segundo Matencio, assim como na proposta vygotskyana, o ISD

“considera que os caminhos mobilizados pelos sujeitos são resultantes de sua experiência inter e intra-subjetiva, mediada por formas simbólicas” (MATENCIO, 2007, p. 56).

Uma importante contribuição para o interacionismo sociodiscursivo foi a do filósofo russo Mikhail Bakhtin, cuja teoria defende a interação verbal entre os interlocutores, conforme exposto anteriormente.<sup>8</sup>

O ISD tomou dos trabalhos de Voloshinov e de Bakhtin uma abordagem descendente dos fatos languageiros, colocando em primeiro plano a práxis, isto é, a dimensão ativa, prática, das condutas humanas em geral e das condutas verbais em particular (BRONCKART, 2007, p. 21).

É por meio da linguagem que a pessoa se desenvolve, age sobre os outros e sobre si mesma. “A tese central do interacionismo sociodiscursivo é que a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART, 2009, p. 42).

O posicionamento proposto pelo ISD contesta a concepção dominante de tradição aristotélica, para a qual “a representação do mundo é primeira e a linguagem é um fenômeno secundário” (BRONCKART, 2009, p. 105). Nessa perspectiva, a linguagem é um sistema de recodificação das representações cognitivas prévias. Tal concepção ainda propõe uma análise das capacidades cognitivas do sujeito, como se este não fosse influenciado pela história, pela linguagem ou por outros instrumentos semióticos.

De fato, as capacidades biológicas da espécie humana possibilitaram as atividades coletivas com o uso de instrumentos e, para organização dessas atividades, foi necessária a emergência de produções languageiras. Por sua vez, as atividades gerais e os comentários languageiros deram origem a um mundo de fatos sociais e de obras culturais, que se superpôs ao meio físico, e a reabsorção dos elementos desse mundo por organismos particulares levou à constituição de um funcionamento psíquico consciente (BRONCKART, 2008, p. 110).

Dessa maneira, a concepção de linguagem do interacionismo sociodiscursivo atenta tanto para o caráter de produção de sentido da atividade social em que ela é constitutiva das unidades representativas do pensamento humano, quanto para o fato de que, sendo também uma atividade social, a atividade de linguagem caracteriza o pensamento como algo semiótico e social.

---

<sup>8</sup> Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999), Bakhtin/Voloshinov propõem uma nova forma de estudo para a busca da verdadeira natureza da língua baseada na interação entre locutor e ouvinte. Segundo ele, a comunicação verbal é um processo dinâmico em que locutor e ouvinte possuem espaço conforme influências sociais, históricas e culturais.

Conforme explica Bronckart (2008, p. 109/110), o interacionismo baseia-se em três princípios: o materialismo, o monismo e o evolucionismo. Pelo princípio do materialismo, é possível admitir que os processos de pensamento do homem são realidades materiais, pois o universo e seus objetos são constituídos pela matéria. Já com relação ao monismo, o autor defende que esses objetos do universo, sejam eles físicos ou psíquicos, possuem a mesma essência que é a matéria. Por fim, o princípio do evolucionismo permite pensar que os organismos vivos estão em constante interação com o meio e isso permite um processo de evolução em busca de uma organização.

Outra ideia essencial do ISD é justamente a perspectiva dialética e histórica apresentada por Machado (2005).

Tendo em Vygotsky sua fonte de referência e com uma abordagem marxiana, logo dialética, dos fenômenos psicológicos, esses autores colocam-se em favor da reunificação da psicologia, à qual atribuem uma dimensão social e cuja finalidade central seria elucidar as condições de emergência e de funcionamento do pensamento consciente humano (MACHADO, 2005, p. 238).

Bronckart (2009) afirma que as ciências da linguagem desenvolvem-se em torno de duas áreas: o estudo do sistema da língua e o estudo da estrutura e do funcionamento das diferentes espécies de texto. Enquanto o primeiro ocupa-se por uma análise dos procedimentos internos do texto – o que pode tornar-se limitado, por atentar-se apenas às características estruturais das frases – o segundo propõe um estudo das produções verbais no que se refere à organização e ao funcionamento dos textos.

Nesse sentido, cabe uma conceitualização do que é texto na visão de Bronckart. Os textos são produtos da atividade humana e “estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (BRONCKART, 2009, p.72). Texto é, portanto, unidade de produção de linguagem que se inscreve em um conjunto de textos (gêneros de texto). Tais gêneros são múltiplos porque se relacionam com as atividades humanas, mas possuem segmentos específicos. Os diferentes segmentos que compõem um gênero possuem relação com um processo particular de semiotização e de colocação em forma discursiva, por isso são chamados de discursos.

Os textos dependem das situações de comunicação, dos modelos dos gêneros, dos modelos dos tipos discursivos, das regras do sistema da língua, das decisões particulares do produtor, etc. Assim, para produzir um texto, o autor mobiliza suas representações sobre o contexto de produção (situação de interação) e sobre o referente (temas presentes no texto).

O agente constrói uma certa representação sobre a interação comunicativa em que se insere e tem, em princípio, um conhecimento exato sobre sua situação no espaço-tempo; baseando-se nisso, mobiliza algumas de suas representações declarativas sobre os mundos como conteúdo temático e intervém verbalmente (BRONCKART, 2009, p.99)

A organização dos textos compreende fatores do meio físico, como lugar de produção, momento de produção, emissor e receptor; e, ainda, elementos do mundo social e do mundo subjetivo, como o lugar social, o enunciador (papel social do emissor), o destinatário (posição social do receptor) e o objetivo (efeitos que o texto pode produzir no destinatário).

Conforme os aspectos apresentados, a metodologia proposta pelo interacionismo sociodiscursivo baseia-se na análise do estatuto das ações semiotizadas e de suas relações de interdependência com o mundo social de um lado, e com a intertextualidade, de outro; na análise da arquitetura interna dos textos e do papel que nela desempenham as características próprias de cada língua natural; e na análise da gênese e do funcionamento das operações mentais e comportamentais implicadas na produção e no domínio dos textos.

Considerando que os textos sofrem influências das novas motivações sociais, das novas circunstâncias de comunicação e dos novos suportes de comunicação, naturalmente vão surgindo novas espécies de textos, as quais Bronckart denomina gêneros de texto (tema que discutiremos a seguir), ou gêneros do discurso (denominação utilizada por Bakhtin).

### 1.3 UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Neste item do capítulo, procuramos contribuir com os estudos sobre os gêneros do discurso, trazendo para reflexão alguns conceitos teóricos defendidos pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin que, em sua obra *Estética da Criação Verbal* (1997a/2010b), apresentou um novo modelo de trabalho com a linguagem por meio dos gêneros. Ao mesmo tempo, apresentamos algumas reflexões sobre os gêneros textuais de Bronckart (2009), traçando um paralelo entre as duas terminologias.

Muito se tem falado atualmente sobre gêneros do discurso/texto, especialmente quando se trata de discussões sobre o ensino. Isso porque a inclusão dos gêneros no currículo escolar já é uma exigência presente nos programas nacionais de diretrizes curriculares.

O conteúdo estruturante desdobra-se no trabalho didático-pedagógico com a disciplina de Língua Portuguesa. A língua será trabalhada, na sala de aula, a partir da linguagem em uso, que é a dimensão dada pelo conteúdo estruturante. Assim, o trabalho com a disciplina considerará os gêneros

discursivos que circulam socialmente, com especial atenção àqueles de maior exigência na sua elaboração formal (...). Ao trabalhar com o tema do gênero selecionado, o professor propiciará ao aluno a análise crítica do conteúdo do texto e seu valor ideológico, selecionando conteúdos específicos, seja para a prática de leitura ou de produção (oral e/ou escrita), que explorem discursivamente o texto (PARANÁ, 2008, p. 63-64).

Tal proposta vem ao encontro de uma nova perspectiva sobre o processo ensino-aprendizagem, em que a interação aluno-professor, considerando aspectos históricos e socioculturais, é determinante para uma postura reflexiva. Conforme Rodrigues (2005):

como em função da crítica às práticas escolarizadas da produção textual e da leitura ganhou força a concepção de que o ensino/aprendizagem dessas práticas como interação verbal social tenha os gêneros do discurso como objeto de ensino, abre-se um novo diálogo, agora tendo como foco, além das noções de interação verbal e dialogismo, a dos gêneros do discurso. Nesse contexto, destaca-se o lugar para discussão da concepção de gênero na perspectiva dialógica da linguagem (RODRIGUES, 2005, p. 152).

Conforme Bakhtin, toda atividade humana está relacionada ao uso da linguagem, ou seja, sempre que utilizamos a língua estamos fazendo uso de gêneros que, segundo ele, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010b). Dessa forma, nossa maneira de expressão está obrigatoriamente relacionada aos gêneros, sejam eles orais ou escritos. Por pertencerem a um meio social e histórico e por serem objeto de interação, esses gêneros do discurso evoluem conforme o tempo e as necessidades, além de possuírem riqueza e variedade infinitas, já que cada esfera de utilização da língua possui um repertório social.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2010b, p. 261).

Dessa maneira, os gêneros moldam a nossa fala/escrita conforme a esfera social à qual pertencemos ou à qual estamos inseridos em determinado momento. Esses três elementos citados pelo filósofo – conteúdo temático, estilo e construção composicional – são indissolúveis e manifestam certas características dos gêneros existentes na sociedade e que circulam diariamente pelos campos da atividade humana. Se citarmos a esfera escolar, por exemplo, teremos os gêneros dissertação, seminário, debate, ficha de leitura, etc.

Assim, a cada época e em cada grupo social, desenvolve-se um conjunto de gêneros, que podem ser primários (simples, da ideologia do cotidiano) ou secundários (complexos, de sistemas ideológicos constituídos). De acordo com Bakhtin, os gêneros secundários surgem

nas relações mais desenvolvidas e organizadas, como os meios artísticos, científicos, sociopolíticos, etc. Já os gêneros discursivos primários surgem nas relações da comunicação imediata, como um diálogo do cotidiano.

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológico) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundará fatalmente na vulgarização de todo o problema. A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia) (BAKHTIN, 2010b, p. 264).

Como gênero do discurso, portanto, entende-se as formas típicas de enunciados. Essas formas, assim como as formas da língua, nos são dadas de maneira natural. É preciso saber moldá-las ao gênero mais adequado a cada situação. Essa é a natureza verbal comum dos gêneros a que o autor se refere: a relação intrínseca dos gêneros com os enunciados (e não com uma dimensão linguística e/ou formal propriamente dita, desvinculada da atividade social).

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2010b, p. 282).

Uma vez que Bakhtin relaciona gênero e enunciado, cabe-nos discorrer sobre o assunto. Para o autor russo, enunciado é um dos elos presentes na cadeia da comunicação verbal, que se apresenta numa relação complexa onde existem vários outros enunciados anteriores e posteriores a ele. Em outras palavras:

A noção de enunciado concebe a situação social (ou dimensão extraverbal) não como algo externo ao enunciado, uma unidade maior que o envolveria, mas como um elemento constitutivo. Sem essa dimensão, pode-se dizer que se está diante do texto-sistema. Essa posição não subestima a dimensão verbal (ou outro material semiótico) do enunciado, uma vez que sem uma expressão material semiótica já não se está também mais diante de um enunciado, mas de um fenômeno natural, não sógnico. A problemática

levantada é que a noção de enunciado como um todo de sentido não se limita apenas a sua dimensão linguística (RODRIGUES, 2005, p.160).

Sobre a natureza dos enunciados, Bakhtin (1997a) apresenta três particularidades. A alternância dos sujeitos falantes, portanto, é a **primeira particularidade** do enunciado como unidade da comunicação verbal. A **segunda particularidade** é o acabamento do enunciado, que está diretamente ligado à primeira. O acabamento é a atitude do locutor, ele disse o que queria dizer “num preciso momento e em condições precisas” (BAKHTIN, 1997a). Esse acabamento supõe uma possibilidade de resposta do interlocutor baseada em: tratamento do tema, intuito discursivo e o gênero do discurso escolhido. A **terceira particularidade** do enunciado refere-se à relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal. O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal, sua fase inicial é marcada pela função ativa do locutor (composição e estilo), seguida pela expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado (aspectos expressivos – juízo de valor).

De maneira geral, os gêneros estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero, já que cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de uma esfera social, que tem uma finalidade discursiva e concepção própria de autor e de destinatário.

A dinamicidade dos gêneros também é defendida por Marcuschi (2011), uma vez que o estudo dos gêneros está relacionado ao funcionamento da língua e às atividades culturais e sociais:

Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias (MARCUSCHI, 2011, p. 18, grifos do autor).

Assim sendo, embora flexíveis e variáveis, sofrendo alterações de ordem social, cultural, processual, interativa, os gêneros precisam de uma uniformidade para que representem, de maneira geral, a esfera social à qual pertencem. Portanto, todo trabalho com gêneros deve levar em conta seu caráter dinâmico e também sua natureza social e linguística.

Nessa mesma vertente segue o Interacionismo Sociodiscursivo, que caracteriza os gêneros como resultados das ações humanas, pois “estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (BRONCKART, 2009, p. 72). Porém, há uma diferenciação na terminologia

adotada pelas teorias. Enquanto Bakhtin utiliza o termo gêneros discursivos, Bronckart opta pelo termo gêneros textuais:

Chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão **gênero de texto** em vez de gênero de discurso (BRONCKART, 2009, p. 75, grifos do autor).

Como uma forma de explicar as diferenças entre as teorias de Bakhtin e de Bronckart a respeito dos gêneros, Rojo (2005) afirma:

Ao descrever um enunciado(s) ou texto(s), essa é a busca do analista bakhtiniano: a busca da significação, da acentuação valorativa e do tema, indiciados pelas marcas lingüísticas, pelo estilo, pela forma composicional do texto. Talvez por isso a designação *gêneros do discurso*. Ao contrário, na abordagem de *gêneros textuais*, parece ser interessante fazer uma descrição mais propriamente *textual*, quando se trata da materialidade lingüística do texto; ou mais *funcional/contextual*, quando se trata de abordar o gênero, não parecendo ter sobrado muito espaço para a abordagem da significação, a não ser no que diz respeito ao “*conteúdo temático*” (ROJO, 2005, p. 189, grifos da autora).

Vale mencionar, conforme explica Machado (2005), que o ISD não tem o gênero como foco de seu trabalho, não sendo seu objetivo “identificar-definir-classificar os gêneros”. Autores como Joaquim Dolz & Bernard Schneuwly apresentam trabalhos que discutem o papel dos gêneros na ação de linguagem.

Para Bronckart, gênero de texto está associado ao que os membros de uma sociedade consideram como práticas de linguagem. “A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 2009, p. 103). Se os gêneros estão articulados às atividades humanas, eles são móveis, surgem, ressurgem e desaparecem conforme as transformações sociais e humanas. Eles, portanto, estão associados às situações de linguagem.

Esse processo, entretanto, quase nunca é uma simples reprodução de modelos de gêneros disponíveis. Se obrigatoriamente tomamos um modelo preexistente a determinada ação de linguagem, entretanto, quase nunca, o resultado vai ser uma reprodução exata desse modelo. Dado que as situações de linguagem, pelo menos em parte, são sempre diferentes, o produtor vai sempre adaptar o gênero aos valores particulares da situação em que se encontra (MACHADO, 2005, p. 251).

Com o advento da internet e da tecnologia em geral, por exemplo, alguns gêneros foram reconfigurados e outros estão surgindo conforme a necessidade interativa dos participantes da comunicação. E assim, fundindo-se, mudando-se e misturando-se, os gêneros seguem cumprindo seu caráter de mediação social e de organização do uso que fazemos da linguagem.

Ao longo da história, registram-se estudos dos gêneros de forma isolada, sem considerar a natureza dos enunciados ou buscando classificá-los. Por meio desse método, corre-se o risco de cair no formalismo e na abstração, enfraquecendo o vínculo entre a língua e a vida.

Muitos têm sido os esforços de categorizar tanto a noção de gênero quanto suas classificações. Mas essas classificações, que hoje são muitas e com variadas perspectivas, falham e já não parece mais tão prioritário classificar e sim determinar os critérios da categoria de gênero textual ou gênero do discurso (MARCUSCHI, 2011, p. 21)

A linguística do século XIX estudou a função formadora da língua sobre o pensamento em detrimento do estudo da função comunicativa da linguagem. Considerava-se a linguagem do ponto de vista do locutor, como se ele estivesse sozinho, sem relação com outros parceiros da comunicação verbal. Importava o locutor e o objeto de seu discurso. E, quando o papel do outro era considerado, era como um destinatário passivo, que apenas compreendia o que dizia o locutor. A maioria dos estudos linguísticos representava apenas dois parceiros na comunicação: locutor (ativo) e o receptor/ouvinte (passivo). Porém, de acordo com Bakhtin, para um estudo real da comunicação verbal é preciso levar em consideração a atitude “responsiva ativa” que o receptor possui diante do locutor. Há ainda a compreensão responsiva que é a fase inicial de uma resposta. O próprio locutor espera do ouvinte uma atitude de resposta e em seguida, torna-se também respondente ao enunciado do ouvinte que no momento é locutor.

Os linguistas do século XIX ainda reduziram o termo “discurso” a um processo de fala. Assim, o discurso se divide em unidades de língua, é indeterminado e vago, pois deixam de considerar a unidade real da comunicação – o enunciado.

Rojo (2005) atenta para a importância da situação de produção quando se trata de gêneros do discurso. Segundo ela, deve-se levar em conta as relações sociais dos parceiros da interlocução, bem como a apreciação valorativa de ambos.

No entanto, as relações entre os parceiros da enunciação não se dão num vácuo social. São estruturadas e determinadas pelas formas de organização e

de distribuição dos lugares sociais nas diferentes instituições e situações sociais de produção dos discursos. É o que Bakhtin/Volochinov designam por esferas comunicativas, divididas em dois grandes estratos: as esferas do cotidiano e as esferas dos sistemas ideológicos constituídos (ROJO, 2005, p.197).

Seja na esfera do cotidiano ou na esfera dos sistemas ideológicos, os parceiros da comunicação ocupam lugares sociais conforme suas apreciações valorativas, o que os fazem optar por determinados elementos e não outros. Todo esse emaranhado de situações compreendem a complexidade da situação de produção dos gêneros do discurso, fatores extremamente significativos ao analista.

Enfim, neste capítulo, apresentamos as bases teóricas desta dissertação, porém, ainda é necessário apresentar os caminhos metodológicos escolhidos, nos quais se encaixam o método sociológico de Bakhtin/Voloshinov (2010a) e os procedimentos defendidos por Bronckart (2009). É dessa matéria que se trata o capítulo seguinte.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Adentrando nas questões referentes à metodologia da pesquisa, contemplamos neste capítulo, o método materialista histórico dialético, que ampara nossa dissertação, bem como o percurso metodológico escolhido para as análises.

### 2.1 UM ESTUDO DE BASE MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICA

O materialismo histórico dialético é um método proposto por Karl Marx em que o estudo da sociedade ocorre considerando os aspectos históricos, culturais, econômicos e políticos. É uma forma de abordagem a que Marx chegou a partir dos estudos sobre a dialética de Hegel e dos estudos do materialismo, de Ludwig Feuerbach.

Na interpretação materialista, o estudioso apregoa que a realidade material está diretamente relacionada às condições de vida do homem e estas se fundem em uma práxis social<sup>9</sup>. Já com relação à dialética, Marx conserva o conceito utilizado por Hegel<sup>10</sup> como sendo o movimento interno de produção da realidade cujo motor é a contradição, mas, para ele, essa contradição se dá entre os homens reais em condições históricas e sociais reais.

A matéria de que fala Marx é a matéria social, isto é, as relações sociais entendidas como relações de produção, ou seja, como o modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições materiais de existência e o modo como pensam e interpretam essas relações. A matéria do materialismo histórico-dialético são os homens produzindo, em condições determinadas, seu modo de se reproduzirem como homens e de organizarem suas vidas como homens. Assim sendo, a reflexão não é impossível. Basta que percebamos que o sujeito da história, seu agente, embora não seja o Espírito, é sujeito: são as classes sociais em luta (CHAUÍ, 1994, p. 52-53).

O que interessa para a dialética histórica materialista não é simplesmente a relação dos homens com a natureza mediada pelo trabalho, mas sim a divisão social desse trabalho inserida num determinado contexto histórico, pois o homem é histórico e social. É essa

<sup>9</sup> Conforme o marxismo, *práxis* é o conjunto das atividades humanas tendentes a criar as condições indispensáveis à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material, à produção; prática. (CHAUÍ, 1994).

<sup>10</sup> A dialética de Hegel foi considerada idealista pois ele relacionava a transformação da realidade material à transformação das idéias, ou seja, as contradições que se manifestam no pensamento e na realidade seriam resolvidas pelo trabalho intelectual em nível de pensamento.

divisão que permeia a sociedade nas relações familiares, entre cidade e campo, entre manual e intelectual, que determina as classes sociais e as suas contradições.

Conforme o modelo materialista histórico dialético de Marx, a realidade é histórica e a transformação social deve ocorrer dentro de uma realidade social. Assim, os fenômenos presentes tanto na superestrutura (conjunto das ideologias políticas, jurídicas, ou religiosas, etc.) como na infraestrutura (forças produtivas) possuem condições de interferir de forma recíproca nos processos de transformação, ambos estão “inter-relacionados”.

na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral (...). Ao mudar a base econômica, revoluciona-se, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura erigida sobre ela (MARX, S/D, p. 1).

Enfim, a dialética materialista aponta caminhos a percorrer para a compreensão do mundo social que está em constante processo de transformação. Para Marx, é através do trabalho físico, realizado pelos homens com o intuito de satisfazer suas necessidades históricas, que os homens entram numa relação dialética com o mundo e, nesse processo, transformam não só as ideias que possuem acerca do mundo, mas também o próprio mundo e a si mesmos.

Até agora os homens fizeram a história, mas sem saber que a faziam, pois, ao fazê-la em condições determinadas que não foram escolhidas por eles, tomavam tais condições como poderes exteriores e dominadores que os compeliavam a agir (...) A história não é o desenvolvimento das idéias, mas o das forças produtivas. Não é ação dos Estados e dos governantes, mas a luta de classes (CHAUÍ, 1994, p. 73).

No que se refere à dissertação, a escolha pelo método dialético como norteador sugere a observação desse movimento de contradições em que um sujeito (professor) age sobre determinada situação, utilizando instrumentos partilhados socialmente (RNE), permitindo uma reflexão sobre seu próprio agir.

Compreendemos o real como um movimento onde os sujeitos se constituem enquanto seres históricos através de múltiplas relações sociais concretas, sendo que através destas relações com a natureza e com os outros sujeitos o homem produz a si mesmo. Porém, quando as idéias ou as “representações” agem de forma a mascarar, ocultar a forma real de produção das relações

sociais, como também as formas de exploração social, temos a ideologia (CAMARGO, 2009, p. 314).

O professor, por sua vez, tem a missão de se deslocar dentro desse sistema complexo de relações – especialmente quando essa interação ocorre com os veículos midiáticos – para perceber as contradições existentes e superá-las conforme suas possibilidades.

No entender de Marx, todos os fenômenos que se encontram não só no mundo das idéias, mas também no mundo material, ou seja, todos os fenômenos que se encontram em nível da superestrutura – conjunto das ideologias políticas, jurídicas, ou religiosas, etc – como em nível da infraestrutura da sociedade – forças produtivas e relações de produção – estão em constante processo de transformação (SILVA, 2004, p. 44).

Nessa perspectiva do poder de transformação, o professor como trabalhador, que se utiliza das informações da Revista *Nova Escola* para fins pedagógicos, deve observar os conteúdos publicados de forma crítica, para que tenha condições de transformar não apenas suas ideias, mas a própria sociedade em que vive e a si mesmo. Afinal, o educador não é um mero leitor, mas um multiplicador de informação.

Com o objetivo de facilitar a compreensão desse estudo, segue o caminho metodológico das análises dos objetos de estudo.

## 2.2 PROPOSTA METODOLÓGICA: CAMINHOS PARA A ANÁLISE

Neste item apresentamos um modelo metodológico baseado nos procedimentos apresentados por Bakhtin (1997a/2010b) e por Bronckart (2009). Nosso objetivo não é propor um modelo fechado, estanque, mas apenas um caminho norteador para análise dos gêneros editorial e carta do leitor.

Conforme Faraco (2003), os textos de Bakhtin não apresentam métodos ou procedimentos prontos para análises linguísticas ou literárias. “Ao percorrermos os textos do Círculo de Bakhtin não nos deparamos com a formalização de método científico, mas com grandes diretrizes para construirmos um entendimento mais amplo das realidades sob estudo” (FARACO, 2003, p. 39).

Por sua vez, Bronckart (2009) também considera esse não-acabamento como uma etapa importante no processo de formulação de um procedimento.

Os textos são unidades cuja organização e funcionamento dependem de parâmetros múltiplos e heterogêneos: situações de comunicação, modelos dos gêneros, modelos dos tipos discursivos, regras do sistema da língua, decisões particulares do produtor, etc. Em decorrência disso, atualmente, há diversas proposições a respeito deles e, quaisquer que sejam as qualidades intrínsecas dessas proposições, todas elas apresentam um caráter de incompletude (BRONCKART, 2009, p. 77).

Dessa forma, elaboramos um esquema de análise conforme as diretrizes deixadas pelo método sociológico elaborado por Bakhtin e o Círculo e pelo procedimento metodológico geral do Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart, os quais apresentamos na sequência. Nossa proposta metodológica não visa a analisar o texto em si, fora da situação social de interação, mas estabelecer categorias de análise que combinem os aspectos socioideológicos e alguns elementos formais relativos ao uso dos gêneros *editorial* e *carta do leitor* no suporte mídia revista impressa especializada em Educação.

Defensor do dialogismo, Bakhtin afirma que não tem como haver relação dialógica quando um texto for analisado apenas sob a perspectiva estritamente linguística. Faraco (2003) explica:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material lingüístico tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*. Só assim é possível responder, isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la (FARACO, 2003, p. 64).

Foi na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que Bakhtin/Voloshinov propuseram uma ordem metodológica para o estudo da linguagem, em que se considere:

1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza; 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal; 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 129).

Com base nesse modelo, vemos que a preocupação principal é com a enunciação, pois ela é a unidade real da cadeia verbal e por isso não pode ser analisada separadamente de elementos extraverbais e de sua relação com outras enunciações. Toda enunciação é socialmente dirigida, assim, é preciso levar em consideração os participantes do ato de fala conforme a esfera em que atuam, a situação da enunciação. Esses elementos ajudam a definir a forma e o estilo ideais para aquela situação de comunicação.

No texto *Gêneros do Discurso*, presente na obra *Estética da Criação Verbal* (1997a/2010b), Bakhtin também retoma essas diretrizes para o estudo dos gêneros. Segundo ele, esses tipos relativamente estáveis de enunciados são compostos por conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Por conteúdo temático podemos compreender o tema propriamente dito, acompanhado de elementos que compõem o contexto de produção, como o produtor do texto e o interlocutor e seus respectivos papéis sociais. Já o estilo refere-se aos critérios de seleção dos elementos linguísticos (recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais) feitos pelo autor do texto. Tais critérios revelam um estilo próprio, ou seja, certas particularidades do modo de enunciar. Por construção composicional entendemos a organização, disposição e acabamento dos elementos, os quais ajudam na formulação de uma forma. Por exemplo, os gêneros, por mais dinâmicos que sejam, possuem características formais recorrentes relativas à esfera a que pertencem.

Os procedimentos metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2009) baseiam-se nas ações de linguagem, que são materializadas em textos orais ou escritos. Dessa forma, a produção de linguagem - considerando a escolha do gênero de texto e dos elementos lexicais/estruturas sintáticas - termina por conceber o que Bronckart denomina texto empírico. Segundo ele, esse texto empírico possui uma dimensão dialética na medida em que se constitui num determinado contexto de ação e conforme algumas representações relativas à língua.

Todo texto empírico é o produto de uma ação de linguagem, é sua contraparte, seu correspondente verbal ou semiótico; todo texto empírico é realizado por meio de empréstimo de um gênero e, portanto, sempre pertence a um gênero; entretanto, todo texto empírico também procede de uma adaptação do gênero-modelo aos valores atribuídos pelo agente à sua situação de ação e, daí, além de apresentar as características comuns ao gênero, também apresenta propriedades singulares, que definem seu estilo particular (BRONCKART, 2009, p. 108).

Voltando-se para essa dimensão textual, o autor apresenta uma análise da “arquitetura interna dos textos” (BRONCKART, 2009), na qual ele destaca o plano geral do texto, os tipos de discurso, e as sequências, que são formas de planificação. O plano geral é bastante abrangente, compreendendo questões como o gênero ao qual o texto pertence e as condições externas de sua produção. Os tipos de discurso – basicamente, discurso interativo, discurso retórico, relato interativo e narração - conferem “as formas de organização linguística”. Já as

sequências textuais<sup>11</sup> apresentam os modos de planificação, e podem ser classificadas em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal e injuntiva. Além desses elementos, o autor apresenta os mecanismos de textualização, em que se observa a coerência temática do texto e os mecanismos enunciativos, que contribuem para a coerência pragmática do texto.

Por questões objetivas, pautamo-nos nos procedimentos referentes a esses dois últimos elementos: os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Isso porque eles servirão de apoio nas análises dos textos selecionados. Porém, como o sentido do enunciado não se limita à sua dimensão linguística, mas é constituído pela situação social e pelos sujeitos sociais envolvidos no processo comunicativo, as análises referentes aos mecanismos de textualização (propostos por Bronckart) serão apresentadas na sua relação com a dimensão social. Assim, não nos ateremos aos elementos linguístico-gramaticais, pois nosso objetivo não é analisar o texto de forma sistemática e/ou sintática, mas sim recuperar, com o apoio de alguns organizadores textuais, o agir docente por meio do discurso.

Os mecanismos de textualização podem ser divididos, conforme Bronckart (2009) em: conexão, coesão nominal e coesão verbal, os quais explicitaremos a seguir.

Os mecanismos de conexão contribuem para a organização do texto e podem ser reagrupados nas categorias: 1) subconjunto de advérbios ou locuções adverbiais de caráter transfrástico: de fato, depois, primeiramente, de um lado, finalmente, além de, etc; 2) subconjunto de sintagmas preposicionais: depois de, para; 3) coordenativas: e, ou, nem, mas, isto é, etc; 4) subordinativas ou conjunções de subordinação: antes que, desde que, porque, etc.

As marcas de conexão pertencem às categorias gramaticais (partes do discurso) diferentes (advérbio, preposição, substantivo, conjunções coordenativas, subordinativas, etc.), elas se organizam eventualmente em sintagmas, também diferentes (sintagma nominal, sintagma preposicional); e assumem, eventualmente, funções específicas no quadro da micro- ou da macrossintaxe. Apesar dessas diferenças de estatuto sintático, essas marcas podem ser reagrupadas com base no critério da função de conexão que assumem no nível textual e é por se inscreverem nesse conjunto funcional que são denominadas **organizadores textuais** (BRONCKART, 2009, p. 266-267, grifos do autor).

Os mecanismos de coesão nominal marcam a introdução de novos elementos ou a retomada/substituição deles no decorrer do texto. Bronckart (2009, p. 124) chama as unidades

---

<sup>11</sup> Bronckart baseia-se na descrição de sequência proposta por J.M. Adam, em que “as sequências são unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroproposições, que, por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências” (Bronckart, 2009, p. 218).

que realizam esses mecanismos de anáforas, as quais podem ser realizadas por meio de sintagmas nominais (ex. a partir de agora) ou pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos. Por sua vez, os mecanismos de coesão verbal contribuem para a organização temporal do texto. Assim, são compostos basicamente por tempos verbais e por outras unidades com valor temporal, como advérbios e organizadores textuais.

Partindo para o estudo dos mecanismos enunciativos, ressaltamos sua importância devido à abordagem das diferentes vozes presentes num texto e também das avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) do conteúdo temático.

Já dizia Bakhtin que os textos são dialógicos e estão repletos de outros discursos e vozes e é a esse gerenciamento de vozes que Bronckart se refere. Para tanto, ele afirma que essas vozes podem ser: a voz do autor empírico, vozes sociais de pessoas ou instituições exteriores ao texto e vozes de personagens que pertencem ao conteúdo temático do texto.

De modo geral, considera-se que um texto é polifônico, quando nele se fazem ouvir várias vozes distintas, podendo tratar-se de várias vozes de mesmo estatuto (diferentes vozes sociais ou diferentes vozes de personagens) ou de combinações de vozes de estatuto diferente (voz do autor, voz de um personagem, voz social, etc.). Portanto, podem existir múltiplas formas de combinações polifônicas (BRONCKART, 2009, p. 329).

Além do gerenciamento das vozes presentes no texto, há a expressão das modalizações, que configuram comentários ou avaliações a respeito do conteúdo temático. De maneira a sintetizar essas modalizações, Bronckart propõe a seguinte divisão: 1) modalizações lógicas: “juízo sobre o valor de verdade das proposições enunciadas, que são apresentadas como certas, possíveis, prováveis, etc.”; 2) modalizações deônticas: avaliação de caráter social, apoiada em valores socialmente permitidos, proibidos, desejáveis, etc; 3) modalizações apreciativas: avaliação subjetiva; e 4) modalizações pragmáticas: “juízo da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder-fazer), a intenção (o querer-fazer) e as razões (o dever-fazer)” (BRONCKART, 2009, p. 132).

Atendendo às propostas de ambos autores (Bakhtin e Bronckart), consideramos dois aspectos relevantes: a dimensão social, para a qual nos baseamos nos estudos bakhtinianos; e a dimensão textual, conforme os mecanismos apresentados por Bronckart (2009).

Para composição do nosso esquema metodológico, consideramos o contexto de produção como um dos elementos mais importantes, pois o mesmo está presente tanto em

Bakhtin (1997a, 2010a, 2010b) quanto em Bronckart (2009). Assim, fizemos uma divisão: contexto social amplo e contexto social imediato.

A abordagem do contexto social amplo considera a situação de trabalho do professor<sup>12</sup>. Uma vez que esta dissertação visa a analisar o agir do professor (enquanto trabalho) por meio dos textos selecionados, é importante apresentar o contexto de produção e os discursos proferidos relacionados às condições de trabalho deste profissional.

Quanto ao contexto social imediato, consta no capítulo quatro, um estudo sobre o suporte no qual os gêneros editorial e carta do leitor estão inseridos, ou seja, a Revista *Nova Escola*, observando suas relações em termos históricos, ideológicos e econômicos<sup>13</sup>. Em seguida, mencionamos um estudo da esfera jornalística, especificamente do Jornalismo Opinativo e seus modos de funcionamento na situação comunicativa; bem como os aspectos formais dos gêneros da esfera jornalística, citando os estudos de Melo (1994) e Beltrão (1980); e, ainda, o contexto de produção dos editoriais e das cartas do leitor, evidenciando enunciador, destinatário, objetivo, local de circulação dos textos, momento de produção e meio de veiculação. Já no que se refere à dimensão textual, apresentamos os elementos textuais (mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos), destacando-os no decorrer das análises.

Assim, construímos um método de análise unindo as teorias de Bakhtin/Voloshinov (2010a) e Bronckart (2009) em prol de um procedimento de análise que considera os aspectos formais referentes à estrutura e conteúdo do texto, e os aspectos contextuais, buscando refletir sobre o contexto de produção de tais textos.

No que se refere às análises do gênero carta do leitor, levamos em consideração, ainda, o perfil do público leitor da Revista *Nova Escola* e tomamos os depoimentos como uma forma de expressão, mesmo que velada e administrada. Para tanto, apresentamos o aspecto formal da carta do leitor, seguindo o modelo proposto por Beltrão (1980). Segundo ele, o contato do leitor com o veículo midiático é uma forma de colaboração que pode ser classificada como oral ou escrita e de conteúdo informativo, opinativo, ilustrativo ou consultivo. Em relação ao conteúdo, o autor explicita a seguinte classificação:

- a) informativa, se narra fatos que julga de interesse coletivo e que são desconhecidos ou incompletamente sabidos pela redação; b) opinativa, se transmite juízos ou tece considerações sobre temas em foco, concordando, discordando ou emitindo um novo ponto de vista em resposta à proposição

<sup>12</sup> Este assunto será abordado de maneira mais abrangente no capítulo três.

<sup>13</sup> Por ser um assunto específico e, de certa forma, longo, dedicamos um subcapítulo para este tema. No item 4.1 deste trabalho consta um estudo sobre a Revista *Nova Escola*.

do jornalista, do editor ou de algum outro leitor; c) ilustrativa, se destinada a retificar, complementar, esclarecer ou ilustrar matéria editorial ou ineditorial inserida no periódico; e d) consultiva, se destinada a provocar uma manifestação da redação ou de alguma pessoa ou entidade capacitada ou competente para fazê-lo (BELTRÃO, 1980, p. 97).

De forma a resumir nossa proposta metodológica, elaboramos o seguinte quadro<sup>14</sup>:

Quadro 02: Síntese da proposta metodológica

DIMENSÃO SOCIAL Bakhtin (2010a)	DIMENSÃO TEXTUAL Bronckart (2009)
<p style="text-align: center;"><b>Contexto Social Amplo<sup>15</sup></b></p> <p>- Situação de trabalho do professor (Conteúdo abordado no capítulo 3 deste trabalho)</p> <p style="text-align: center;"><b>Contexto Social Imediato<sup>16</sup></b></p> <p>- Considerações sobre a revista Nova Escola</p> <p>- Jornalismo Opinativo e seus modos de funcionamento</p> <p>- Aspectos formais dos gêneros Editorial e Carta do Leitor</p> <p>- Contexto de Produção dos gêneros (Conteúdos abordados no capítulo 4 deste trabalho)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Elementos Textuais</b></p> <p>- Mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal</p> <p>- Mecanismos Enunciativos: vozes e modalizações (Conteúdos abordados nas análises dos textos selecionados)</p>

## 2.3 SELEÇÃO DOS DADOS

Apontamos agora os caminhos que nos ajudaram a selecionar os editoriais e os depoimentos para as análises.

<sup>14</sup> Esclarecemos que o presente quadro apenas ilustra o caminho metodológico por nós adotado e, de maneira nenhuma, reduz a teoria bakhtiniana simplesmente à dimensão social, muito menos a teoria de Bronckart à dimensão textual, visto que o estudioso de Genebra dedica grande parte de seu trabalho também a aspectos sociais.

<sup>15</sup> De forma geral, o contexto social amplo também estará apresentado no desenvolvimento das análises.

<sup>16</sup> De forma geral, o contexto social imediato também estará apresentado no desenvolvimento das análises.

Para o estudo da imagem do professor representada nos editoriais, partimos de uma pré-seleção de onze edições da Revista, publicadas no período de outubro de 2009 a outubro de 2010. Vale explicar que são onze edições porque os meses janeiro/fevereiro e junho/julho são publicados conjugados, pois são os meses considerados de recesso escolar. Portanto, diferentemente das outras publicações mensais, a Revista *Nova Escola* possui 10 edições anuais e não doze. A opção de começar e fechar nos meses de outubro ocorreu porque, sendo este o mês em que se comemora o dia do professor, a publicação sempre prepara uma edição especial. Assim, o período escolhido para seleção dos dados foi de um ano e um mês de publicações.

Após a leitura de todos os textos (editoriais e seus respectivos depoimentos) e a elaboração da metodologia, sentimos a necessidade de fazer um novo recorte e diminuir a quantidade de textos a serem analisados. Afinal, objetivamos dar conta de abordar os elementos contextuais gerais e também os textuais e não apresentar várias análises superficiais em detrimento da qualidade. Ao mesmo tempo, não poderíamos nos ater em apenas um ou dois textos uma vez que precisamos levantar elementos que são recorrentes na Revista e que representam, tanto a posição da publicação no que se refere ao agir docente, como a própria representação que o professor faz de seu agir.

A segunda etapa de recorte, então, buscou - entre as onze edições – os editoriais que refletissem e tratassem o agir docente de forma mais contundente ou crítica.

Conforme tabela a seguir, a nova seleção ficou:

Quadro 03: Mostra de editoriais a serem analisados

	<b>Edição</b>	<b>Título do Editorial</b>	<b>Tema da reportagem de capa</b>
1	Nº 226 Out./2009	Indisciplina: Causa ou Sintoma?	Indisciplina
2	Nº 227 Nov./2009	Um brinde aos professores	Educação a distância
3	Nº 234 Ago./2010	Trabalho em equipe	Leitura
4	Nº 236 Out./2010	O professor do século XXI	Professor

O ponto de partida para a primeira seleção foi a edição sobre a *Indisciplina*, através da qual pretendemos analisar as edições subsequentes e assim, verificar como o discurso da Revista foi construído no período em análise e como a imagem do professor está ali representada.

Quanto aos depoimentos presentes na seção *Caixa Postal*, a metodologia de seleção dos dados foi baseada nas edições dos editoriais escolhidos. Ou seja, são analisados os depoimentos referentes às edições de números 226, 234 e 236 da Revista *Nova Escola*, cujo conteúdo refere-se aos temas das reportagens de capa. Cabe explicar que não há a análise dos depoimentos referentes à edição de número 227 porque o tema do editorial não foi o mesmo da reportagem de capa e, portanto, as cartas recebidas de nada comentam o teor apresentado no editorial.

Levando em conta que em cada edição há um grande número de depoimentos, precisamos criar, ainda, um método de seleção dos textos a serem analisados. Assim, chegamos à seguinte divisão: depoimentos de destaque, que aparecem na abertura da seção; depoimentos de resistência, em que o leitor apresenta questionamentos sobre a abordagem do assunto; e depoimentos de reprodução, em que o leitor, além de concordar com o conteúdo veiculado, afirma que irá incorporar ao seu agir as dicas expostas pela Revista. É importante lembrar que o desenvolvimento da pesquisa busca abordar a imagem desse professor leitor caracterizado pelo discurso publicado no periódico, mas no que se refere ao agir do docente enquanto trabalho, ou seja, o objetivo - no caso dos depoimentos - é verificar como o professor se vê no processo de interação com a Revista e como isso pode vir a influenciar o seu agir profissional.

Nesse sentido, a tabela abaixo apresenta os depoimentos selecionados para a pesquisa.

Quadro 04: Mostra de depoimentos a serem analisados

<b>Edição/ Tema</b>	<b>Depoimento destaque</b>	<b>Depoimento de resistência</b>	<b>Depoimento de reprodução</b>
Nov/2009 Indisciplina	“O que muitas vezes parece ser malcriação ou desinteresse total dos alunos se mostra como um sintoma de práticas ineficazes do sistema escolar”	“Conforme sugerido na reportagem de capa de outubro, tento colocar em prática a gestão de conflitos, mas somos seres humanos e tudo tem limites. Às vezes, perdemos o controle – e por que isso não é visto como	“Sou coordenadora pedagógica e vejo como para alguns educadores é difícil compreender o universo da criança e do adolescente e conviver com isso. Aí se inclui a indisciplina, tema abordado na reportagem de capa de outubro e uma bela referência para essa reta final de ano

		natural?” “O professor não é onipotente para solucionar tudo. Vários fatores levam à questão da indisciplina, como a falta de políticas visando a qualidade da Educação e a má formação docente”	escolar”
Set/2010 Leitura	“O bom projeto pedagógico deve contemplar a leitura nas suas múltiplas formas e linguagens. Há várias maneiras de apresentá-la, mas o importante é envolver o aluno”.		“Vou utilizar as idéias do texto para estimular ainda mais a leitura entre meus alunos”  “Introduzi a leitura literária para meus alunos de 1º e 2º anos no início do ano letivo. A reportagem me ajudou a planejar melhor as próximas aulas”
Nov/2010 Carreira do professor	“A prática docente de qualidade não é possível sem o interesse do profissional em estudar sempre. A boa formação inicial e em serviço é indispensável para tanto”	“O mestrado é um caminho importante para a atualização profissional, mas na maioria das vezes retira o professor da sala de aula”.	“Vou colocar a reportagem no mural da minha escola para chamar a atenção de pais e professores e quem sabe atingir aqueles que estão acomodados em seu saber de 20 anos atrás. Se o mundo mudou e as crianças acompanharam essa evolução, não há como um professor seguir trabalhando com métodos que já não funcionam mais”

Conforme o quadro apresentado, nem todas as edições apresentam depoimentos de resistência, o que nos deixa a dúvida sobre se não chegaram depoimentos nesse sentido ou simplesmente se a editoria da Revista resolveu não fazer a publicação dos mesmos.

Com base nessa seleção, chegamos ao número de 10 depoimentos analisados, todos abordando a temática discutida na edição imediatamente anterior. Os depoimentos retratam um agir docente - seja ele um agir passado, um agir presente ou um agir futuro – na voz do próprio professor, manifestada por meio de um espaço proporcionado a esse fim. Nessa perspectiva, os interlocutores (leitores/professores) manifestam suas opiniões por meio de um gênero específico, no caso, a carta do leitor, circulada em determinada esfera social, como a jornalística. Por esse motivo, as características desse tipo de gênero mantém certas regularidades, que são apresentadas durante as análises.

No capítulo seguinte, apresentamos algumas reflexões sobre o que significa esse agir docente, contextualizando a situação do trabalho do professor na atualidade.

### 3 O AGIR DO PROFESSOR EM FOCO

Conforme mencionado, o foco de nossa dissertação é o agir docente manifestado por meio de discursos veiculados nos gêneros *editorial* e *carta do leitor*, os quais pertencem ao Jornalismo Opinativo e possuem como suporte midiático a Revista *Nova Escola*. Sendo assim, faz-se necessária uma contextualização a respeito do professor e de sua condição de trabalho, bem como de uma explanação sobre o conceito de agir conforme teoria do ISD. Tentamos, portanto, neste capítulo, cumprir essa proposta e, para concluir, propomos uma reflexão da imagem veiculada sobre a figura do professor na atualidade.

#### 3.1 O PROFESSOR E SUA SITUAÇÃO DE TRABALHO

Refletir, repensar e discutir jamais serão verbos em desuso, principalmente, quando o assunto for Educação. O atual estado da Educação no Brasil permite abrir infinitos pontos de investigação com o objetivo de contribuir com as discussões relativas ao ensino. Tal preocupação toma um formato bastante peculiar em se tratando da formação desses profissionais da área educacional.

Adentrando nessa área de formação de professores inevitavelmente estaremos tratando de questões diretamente relativas à situação de trabalho desse profissional. Assim como em qualquer outra profissão, o professor “vende” sua força de trabalho (em termos marxianos), ou seja, presta um determinado serviço e recebe uma remuneração para tal. Bronckart (2006) afirma que o trabalho (em geral) é uma forma de atividade ou de prática própria da espécie humana:

[...] tarefas diversas são distribuídas entre esses membros (o que se chama *divisão do trabalho*); assim, esses membros se veem com papéis e responsabilidades específicas a eles atribuídos, e a efetivação do controle dessa organização se traduz, necessariamente, pelo estabelecimento de uma hierarquia (BRONCKART, 2006, p. 209, grifos do autor).

Nessa perspectiva de trabalho<sup>17</sup>, consideramos que o ofício do educador, por sua vez, possui certas particularidades que o tornam mais complexo. Uma dessas particularidades é o

---

<sup>17</sup> Não temos aqui a intenção de discutir o conceito de trabalho, sobre isso indicamos Machado (2007).

fato de o educador ser avaliado não apenas por uma instituição ou empresa, mas por diversas pessoas pertencentes ao meio educacional e social.

Os valores desse trabalho não são atribuídos pelas próprias pessoas que exercem o ofício, mas por pessoas que se acham fora dele; e geralmente as ações dos professores são submetidas a críticas repetitivas: *o que é feito* não corresponde *ao que deveria ser feito*, os professores utilizam meios diferentes dos que deveriam utilizar, etc. Em suma, trata-se de julgamentos externos que incidem sobre as formas do fazer do professor, que não são estudados por si mesmas e que se desenvolvem em situações reais, que também não são objeto de uma análise particular (AMIGUES, 2004, p. 38, grifos do autor).

Além disso, Amigues (2004) ressalta que o professor não é quem define seu próprio trabalho, o que causa uma distância entre o que está prescrito e o que será realmente realizado. Exemplos disso são os documentos, os planos e as diretrizes de ensino que se propõem como norteadores do trabalho educacional, buscando uma prática coletiva.

A análise da atividade permite compreender essa distância, principalmente levando em consideração o ponto de vista subjetivo do ator e o que ele constrói de modo mais ou menos conflituoso para regular essa distância. É nessa tensão entre o prescrito e o realizado que o sujeito vai mobilizar e construir recursos que contribuirão para seu desenvolvimento profissional e pessoal (AMIGUES, 2004, p. 40).

Nesse sentido, Souza-e-Silva (2004) afirma que as prescrições existentes em torno do trabalho do professor referem-se tanto em documentos e regras, quanto a questões específicas do cotidiano de sala de aula, como o espaço físico, a carga horária, o livro didático, o currículo, etc. O desafio do professor é, portanto, saber lidar com essas prescrições, tendo em vista as particularidades do seu trabalho, bem como a realidade da comunidade escolar em que se encontra.

Assim, ressalta Érnica:

No âmbito da prescrição do trabalho do professor, não raro a aplicação acrítica descontextualizada das ferramentas derivadas dessas categorias explicativas gera um sentimento de estranhamento e desconforto, como se a realidade estivesse errada por não corresponder ao que *deveria ser* no *modelo que funciona* e ao que se imagina que ela é em outros lugares. Como se o trabalho que realiza estivesse desterrado na própria terra (ÉRNICA, 2004, p. 108, grifos do autor).

Para nós, pesquisadores, o desafio é conseguir considerar toda essa complexidade para se chegar a algumas reflexões sobre o trabalho do professor.

Para a análise do trabalho, as prescrições e a aprendizagem dos alunos, assim como a organização escolar, não podem estar separadas das atividades do professor, pois entre as prescrições e os alunos existe um trabalho de reorganização das tarefas e dos meios pelos coletivos de trabalho (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 90).

Em meio a esse amplo universo, especialmente o das prescrições, cabe ressaltar as diversas intervenções político-administrativas que apresentaram normas e regras para o sistema educacional brasileiro. Entre elas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que surgiram em 1997/1998 como referenciais a fim de fornecer subsídios e auxiliar o professor em seu ofício: “nosso objetivo é contribuir, de forma relevante, para que profundas e imprescindíveis transformações, há muito desejadas, se façam no panorama educacional brasileiro, e posicionar você, professor, como o principal agente nessa grande empreitada” (BRASIL, 1997, p. 9).

Para Machado (2004), essas intervenções acabaram por delegar aos professores responsabilidades e atribuições sem um acompanhamento devido em termos de estrutura.

A transformação do sistema educacional almejada e as novas responsabilidades atribuídas aos professores não foram acompanhadas de medidas concretas para assegurar as condições materiais necessárias para o exercício dessa profissão. Assim, os professores viveram – e ainda vivem – um momento de crise de sua identidade, crise essa que, se lhes traz inúmeras possibilidades de transformação e desenvolvimento, não deixa de provocar sentimentos de insegurança, de mal-estar e de estresse (MACHADO, 2004, p. xi).

Para resumir e fechar esse item, utilizamos a explicação de Machado (2007a) sobre a atividade de trabalho, na qual se encaixa o trabalho do professor.

[...] o trabalho é visto como uma atividade em que um determinado sujeito age sobre o meio, em interação com diferentes “outros”, servindo-se de artefatos materiais ou simbólicos construídos socialmente, dos quais ele se apropria, transformando-os em instrumentos para seu agir e sendo por eles transformados (MACHADO, 2007a, p. 92-93).

Assim também entendemos a atividade de trabalho do professor, pois é ele quem cria maneiras de apresentar aos alunos os conteúdos necessários, valendo-se para isso, de instrumentos sociais e de prescrições, num processo interativo com instituições e pessoas envolvidas com a educação.

Buttler (2009) assim sintetiza:

[...] um sujeito age sobre o meio, em interação com diferentes *outros*, utilizando-se de *artefatos* materiais (o objeto, o utensílio, a máquina)

ou imateriais (o programa de computador) ou ainda os simbólicos (signos, regras, conceitos, metodologias, planos, esquemas) construídos sócio-historicamente. Sendo assim, o trabalho do professor não se encontra isolado, mas em uma rede de numerosas relações. O professor tem relações não apenas com os alunos, mas também com a instituição que o emprega, com os pais, com diferentes profissionais (BUTTLER, 2009, p. 30, grifos do autor).

Nessa perspectiva, temos que a situação de trabalho do professor, especialmente na atualidade, envolve elementos sociais, políticos e ideológicos, os quais interferem na imagem que a sociedade faz do professor e na imagem que o próprio professor tem de si e de seu agir.

Quando o ISD se apresenta como uma abordagem interdisciplinar e assume a importância das várias disciplinas para a compreensão do agir humano, a necessidade de um diálogo transversal entre as ciências humanas para melhor compreender o agir representado nos textos torna-se ainda mais evidente (LOUSADA, ABREU-TARDELLI & MAZZILLO, 2007, p. 240).

Os elementos apresentados sobre o trabalho do professor, levando em conta as prescrições e as condições atuais desse tipo de ofício, apresentam-se como fundamentais e diretamente constituintes do que chamaremos de agir. Isso porque, revestido dessas formações - oficiais ou não -, o professor transporta para o seu dia-a-dia e para a sala de aula todo esse conjunto complexo de normas e formas. É desse agir, ou seja, o agir em situação de trabalho, que nos ateremos no próximo item, a fim de elucidar sobre o que se trata esse agir, principalmente, quando falamos sobre o agir advindo do discurso.

### 3.2 O AGIR NO DISCURSO

Ter como foco o agir do profissional da Educação é uma forma de colaborar com uma tendência de pesquisa que vem sendo ampliada no Brasil. Esses estudos surgem na medida em que a instituição Escola representa uma efetiva participação na vida das pessoas e, assim, vive em constante transformação, observando aspectos econômicos, sociais e propostas educacionais que interferem no currículo escolar. Assim, por meio do surgimento de novas disciplinas, como a *Ergonomia* e a *Análise do Trabalho*, o agir do professor vem sendo objeto de estudo de um novo campo de pesquisa. No Brasil, as pesquisas dessa área foram trazidas pela professora doutora Anna Rachel Machado, nas quais o trabalho do professor, em situação real, é analisado. Tais pesquisas possuem origem nos próprios estudos de Jean Paul

Bronckart, seguindo os procedimentos metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo. Grupos de pesquisa como o ALTER<sup>18</sup>, vinculado à PUC-SP, abordam diferentes práticas de linguagem *no e sobre* o trabalho educacional, buscando identificar as relações existentes entre essas práticas e a influência delas sobre o agir do professor. A partir do diálogo estabelecido entre a PUC-SP e a Universidade de Genebra, várias outras pesquisas abordando essa temática surgiram no país, a exemplo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Federal de Goiás. Conforme Machado (2007a), esses estudos já apontam alguns resultados:

Os pesquisadores do Grupo ALTER do LAEL (PUC-SP) têm podido identificar e analisar diferentes dimensões das situações de trabalho educacional e identificar as mais diversas representações sobre o agir do professor em textos produzidos por inúmeros enunciadores, que, frequentemente, têm nos mostrado que o verdadeiro “déficit” não está no professor, mas nas próprias prescrições ou nas condições de trabalho que impedem a realização de seu agir profissional e, portanto, o seu desenvolvimento particular (MACHADO, 2007a, p. 94).

Assim, ao nos depararmos com esses trabalhos e com esses apontamentos de resultados, esta dissertação começou a ser delimitada, pois visualizamos uma forma de investigar o agir do professor por meio de discursos proferidos, sem necessariamente ter de observá-lo em uma situação real de trabalho.

O agir ao qual nos referimos é o termo genérico, no sentido de uma intervenção feita por alguém em determinada situação e envolvendo determinados atores sociais. Conforme explica Bronckart: “esse termo designa, genericamente, qualquer forma de intervenção orientada de um ou de vários seres humanos no mundo” (BRONCKART, 2008, p. 120). Como nosso foco será o agir no discurso, podemos chamá-lo, conforme terminologia proposta pelo próprio autor, *agir linguageiro*, o qual “se traduz em um texto, que pode ser definido como toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário” (BRONCKART, 2008, p.87).

Dessa maneira, o agir humano é perpassado pelos discursos e os textos podem influenciar as ações humanas. Como já mencionado, o agir do professor se dá por meio de textos prescritivos – leis, documentos, planos - mas, em grande escala, essa influência no agir também se dá por meio de leituras alternativas e aleatórias, como revistas especializadas e os discursos que circulam na mídia. É o que confirma Érnica (2004):

---

<sup>18</sup> O grupo ALTER (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas relações), do LAEL (Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), da PUC/SP, tem como foco de estudo as relações entre linguagem e trabalho educacional, por meio da análise de textos produzidos *na e sobre* essa situação de trabalho (ver MACHADO e colaboradores, 2009).

Além das prescrições, a presença desses discursos (que prescrevem ou teorizam o trabalho do professor) é reforçada pela condição periférica do Brasil no sistema mundial de produção, circulação e consumo de idéias. Devido a essa posição, teorias e práticas didáticas criadas em universos sociais distintos são transformadas em ferramentas de ensino sem que se faça uma análise cuidadosa dos conteúdos sociais e das implicações de poder que terão no momento em que se fizerem presentes nas práticas sociais de ensino (ÉRNICA, 2004, p. 107).

Nessa perspectiva, encontra-se a Revista *Nova Escola*, como um texto que exerce influência sobre as ações futuras dos professores e dos leitores em geral, ao mesmo tempo em que reforça ou transforma as representações que estes (professores/leitores) fazem de si e de suas ações. Podemos dizer, em relação ao público-alvo da Revista (diga-se, professores), que o seu conteúdo apresenta-se como um modelo de agir, conforme diz Bronckart (2006):

[...] é necessário assumirmos, em primeiro lugar, a preexistência de *modelos do agir* [...] Esses modelos práticos disponibilizam “modos de fazer”, *estilos de agir* que, evidentemente, dependem dos domínios nos quais esse agir se desenvolve, mas que também variam em função da configuração das formações sociais (BRONCKART, 2006, p.244, grifos do autor).

Os textos presentes no discurso do periódico são, em nosso entendimento, representações que determinados observadores fazem sobre o trabalho educacional e que, de certa forma, influenciam o agir do professor no sentido de execução de uma ação específica ou, simplesmente, na reconfiguração que ele faz de si e de sua prática profissional. Assim:

Nesses textos, podem-se identificar as intenções, as motivações, as capacidades, as responsabilidades dos indivíduos envolvidos no agir, as quais não podem ser detectadas diretamente na observação de condutas/comportamentos, mas por meio de interpretações/avaliações dos próprios agentes e de observadores externos expressas em textos, que contribuem para a (re)construção ou modificação das formas de agir (BUTTLER, 2009, p. 28).

Tendo esse aparato como “luz” sobre o agir do professor e o discurso da Revista como uma produção de linguagem que abre espaço para análise nesse processo de semiotização, passamos, a seguir, a uma contextualização sobre a figura do professor em si, trazendo elementos que nos mostrem a imagem desse profissional que circula na sociedade atual, especialmente por meio de produtos veiculados pela mídia.

### 3.3 A (DES)VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR

Para melhor interpretar o agir do professor representado nos textos em análise, achamos conveniente apresentar um contexto sociointeracional mais amplo no qual o professor está inserido, assim, optamos por trazer materiais veiculados na mídia que (re)constituem a imagem do educador na atualidade, conforme observações que se seguem.

Ao contrário da imagem positiva do professor propagada há muitas décadas, vemos hoje uma desvalorização significativa desse profissional tão importante na vida de milhares e milhares de profissionais de outras áreas. Essa desvalorização não se apresenta apenas em termos financeiros - como salários defasados - mas, principalmente, em termos de uma desvalorização moral que envolve falta de estrutura nas instituições escolares, formações falhas, sistema público de educação inflado, entre outros inúmeros aspectos.

A charge a seguir, repassada de internauta a internauta por meio das redes sociais, ilustra, de forma humorística, a diferença existente entre o professor de ontem e o professor de hoje.



Figura 01: Professor de ontem e professor de hoje

Primeiramente, gostaria de relembrar algumas questões pertinentes ao assunto, que serão de extrema importância para o entendimento das condições de produção dos materiais que serão apresentados a seguir. É sabido que a discussão sobre Educação, de maneira geral, é

polêmica e extensa, seja ela ocorrida em gabinetes oficiais de governos, em plenários, no contexto escolar, no seio familiar ou numa conversa informal em uma esquina qualquer.

Assim, considerando que tratar de temas pertencentes a esse âmbito não é uma tarefa muito fácil, optamos por apresentar determinados discursos circulados recentemente que tomam o professor como objeto de discussão. Trata-se de reportagens, charges, campanhas publicitárias, mensagens veiculadas pela internet, enfim, materiais que nos orientam para uma reflexão sobre a imagem criada desse profissional.

Vale ressaltar que a seleção dessa pequena amostra foi muito difícil tendo em vista a enorme quantidade de discursos e a variedade em suas formas de circulação. O recorte dado foi na tentativa de apresentar os materiais que obtiveram grandes números de acessos, baseando-nos, ainda, em meios diversificados.

Começamos, portanto, por uma campanha publicitária de valorização do professor, lançada em maio de 2011, pelo *Todos Pela Educação*, um movimento da iniciativa privada com participação de sociedade civil, educadores e gestores públicos, que possui como objetivo garantir o acesso à Educação Básica de qualidade. Criado em 2006, o movimento apresenta 5 metas a serem cumpridas até o ano de 2022.

As 5 Metas são claras, realizáveis e monitoradas a partir da coleta sistemática de dados e da análise de séries históricas de indicadores educacionais oficiais. Elas servem como referência e incentivo para que a sociedade acompanhe e cobre a oferta de Educação de qualidade para todos. São elas: 1) Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola; 2) Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos; 3) Todo aluno com aprendizado adequado à sua série; 4) Todo jovem com o Ensino Médio concluído até os 19 anos; 5) Investimento em Educação ampliado e bem gerido (<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14852/todos-pela-educacao-lanca-campanha-de-valorizacao-do-professor>).

Além disso, o *Todos Pela Educação* faz um convite à sociedade em geral para auxiliar o Estado no seu dever de oferecer Educação de qualidade às crianças e jovens, pois entende que somente a ação dos governos não será suficiente para alcançá-la. Foi visando a atingir a sociedade em geral que a campanha de mobilização “Um bom professor, um bom começo” foi lançada. Conforme a descrição da campanha, o foco é a valorização do magistério, para a qual são necessários quatro eixos: “salário inicial atraente, plano de carreira, formação inicial e continuada e boas condições de trabalho”.

A campanha foi criada pela DM9DDB, do grupo ABC. Trata-se de uma animação para TV, em que a proposta é ressaltar que sem a presença de bons professores não haveria

bons médicos, bons engenheiros e bons profissionais em geral. Segundo a diretora-executiva do movimento, Priscila Cruz:

A ideia é que as pessoas reflitam sobre a importância de um bom professor em suas vidas. Aquele que ajudou no aprendizado, que auxiliou na opção da carreira, que ensinou valores importantes. Todos esses profissionais contribuem efetivamente para a concretização do direito de aprender de todas as crianças e jovens (<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14852/todos-pela-educacao-lanca-campanha-de-valorizacao-do-professor>).

Com um tom bastante emotivo e motivador, a letra da música que compõe o vídeo ressalta a presença da figura do professor na vida das pessoas e valoriza sua participação no processo de formação do indivíduo.

#### UM BOM PROFESSOR, UM BOM COMEÇO

A base de toda conquista é o professor  
A fonte de sabedoria, o professor  
Em cada descoberta, cada invenção  
Todo bom começo tem um bom professor

No brilho de uma ferrovia  
(um bom professor)  
No bisturi da cirurgia  
(um bom professor)  
No tijolo, na olaria, no arranque do motor  
Tudo que se cria tem um bom professor

No sonho que se realiza  
(um bom professor)  
Cada nova ideia tem um professor  
O que se aprende, o que se ensina  
(um professor)  
Uma lição de vida, uma lição de amor

Na nota de uma partitura, no projeto de arquitetura  
Em toda teoria, tudo que se inicia  
Todo bom começo  
Tem um bom professor.

Com o objetivo de sensibilizar os ouvintes/telespectadores da campanha, o *Todos Pela Educação* visa a reativar na memória de muitos brasileiros aqueles professores que marcaram suas vidas ao mesmo tempo em que emociona os professores que se sentem desvalorizados. Depoimentos postados na página do movimento mostram o sentido produzido nos professores:

Quando vi este vídeo pela TV fiquei muito feliz. Sou professora há vários anos e agora estou percebendo que tem pessoas interessadas em nos

valorizar. Hoje em dia é necessário defender o professor, pois nos encontramos em uma situação de caos. Dentro da sala de aula eles nos tem como inimigos, e é isso que nos professores lutamos para reverter, mas está difícil. Tenho fé que isso acontecerá, com a graça Divina (E.R.A, postado em 04.05.2011, via site, às 08h 27min).

Esse vídeo é uma graça! Me fez sorrir lembrando todas as fases escolares e me emocionar ao recordar dos poucos e bons mestres que tive (M., postado em 13.05.2011, via site, às 16h16min.).

O questionamento que propomos com relação a esse material é o seguinte: qual o sentido que predomina se levarmos em consideração que, na atualidade, a sociedade civil organizada precisa criar mobilizações e campanhas em prol da imagem do professor? No mínimo, entendemos que a situação é bastante complicada e envolve uma (des)valorização do trabalho do professor, pois se assim não fosse não haveria necessidade de investir em ações dessa natureza. Existe um embate entre professores e governos, em que os profissionais clamam por investimentos na educação e os governos cobram resultados por parte dos gestores educacionais e educadores em geral.

No mesmo sentido dessa campanha publicitária, foi veiculada, também em maio de 2011, uma série especial de reportagens no Jornal Nacional, telejornal do horário nobre da rede de televisão das Organizações Globo. A série abordou o tema educação no geral, porém, na noite de quinta-feira (12/05/2011), o foco foi a situação dos professores.

Conforme a reportagem (Anexo 01), são poucos os estudantes que pensam na carreira de professor, seja por motivos pessoais ou, simplesmente, por questões financeiras. “Ser professor hoje no Brasil, infelizmente, não compensa”, afirmou um estudante de 17 anos à equipe do telejornal. O desinteresse pela profissão confirma a existência de uma crise e uma ameaça ao futuro.

A reportagem ressalta o desprestígio da profissão, observando que muitos professores precisam trabalhar em jornadas duplas ou triplas para compensar o baixo salário, fato este que recai na qualidade do ensino oferecido. Outros fatores, como falta de horário remunerado para planejamento das aulas, falta de materiais essenciais, como diários de classe – exigindo que um mesmo trabalho seja feito duas vezes pelo professor -, salas de aula precárias, enfim, falta de condições em geral, são elementos que influenciam negativamente para que a complexa tarefa de ensinar e aprender efetivamente aconteça.

Todo esse emaranhado de situações contribui para a formação de um círculo vicioso em que professor desestimulado não estimula aluno e aluno desestimulado não estimula

professor. Isso sem contar o desestímulo mais grave que é o mobilizado pela ineficácia ou pela inexistência de políticas públicas de incentivo à qualidade do ensino básico no Brasil.

Uma outra reportagem publicada na mídia que causou bastante polêmica com a categoria de professores foi a matéria “Aula cronometrada”, publicada na edição nº 2170, da revista Veja, em 23 de junho de 2010 (Anexo 02).

Com o objetivo de descrever um método de avaliação do trabalho realizado em sala de aula nos estados de Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro, a reportagem assume um tom de que o dia a dia nas escolas precisa ser investigado a fim de compreender “por que, afinal, as aulas não funcionam” (LIMA, 2010, via site).

O texto foi assinado pela jornalista Roberta de Abreu Lima, que apresentou dados levantados em sua busca por informações. De início a repórter afirma que “só agora o dia a dia de escolas brasileiras começa a ser descortinado por meio de um rigoroso método científico, tal como ocorre em países de melhor ensino”. Longe de querer fazer uma análise sobre o conteúdo da reportagem, ressaltamos apenas a evidência da posição da jornalista ao qualificar o método como “rigoroso”. Ao longo da matéria jornalística ela não explica o sentido desse rigor mencionado. Por outro lado, já apresenta alguns resultados:

Em Minas, primeiro estado a adotar o método, em 2009, os cronômetros expuseram um fato espantoso: com aulas monótonas baseadas na velha lousa, um terço do tempo se esvai com a indisciplina e a desatenção dos alunos. Equivale a 56 dias inteiros perdidos num só ano letivo (LIMA, 2010, via site).

Em seguida, a reportagem cita exemplos bem sucedidos desse tipo de avaliação ou investigação que acontecem em países como os Estados Unidos.

De forma contundente, a repórter chega a chamar de “manifestação de flagrante corporativismo” a ação de alguns professores que se movimentaram contra a presença dos avaliadores na sala de aula, fato que aconteceu em Pernambuco. E conclui: “Note-se que são os próprios professores que preferem passar ao largo daquilo que a experiência – e agora as pesquisas – prova ser crucial: conhecer a fundo a sala de aula” (LIMA, 2010, via site).

Para concluir, a jornalista deixa claro que o método dos cronômetros é “um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino”. Cabe-nos a indagação: nosso país deixará essa “zona do mau ensino” apenas com observações sobre o trabalho do professor em sala de aula? E os outros atores sociais envolvidos na complexa tarefa de ensinar? Quais as responsabilidades da sociedade em geral e dos próprios governantes sobre o tema? Bem, reflexões como essas precisam ser constantemente levantadas e jamais esquecidas. As

respostas não nos são possíveis nesse momento, mas pensar e problematizar essas questões já se apresentam como um caminho a seguir.

Como era de se esperar, uma resposta à reportagem (Anexo 03) veio à tona pela Internet (Storrer, 2011). Uma professora da rede municipal de Curitiba indignou-se de tal conteúdo veiculado pela *Veja* e expôs a sua visão sobre os problemas enfrentados pelo sistema educacional. De maneira bastante articulada, com argumentos convincentes e uma linguagem acessível, a educadora conseguiu mobilizar grande parte dos profissionais de sua categoria. A professora teve sua mensagem encaminhada via e-mail, chegando a diversas pessoas ligadas (ou não) ao meio educacional.

A resposta da professora começa por salientar que os argumentos apresentados pela jornalista Roberta estão muito distantes das verdadeiras causas.

Não há necessidade de cronômetros, nem de especialistas para diagnosticar as falhas da educação. Há necessidade de todos os que pensam que: “os professores é que são incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital” entrem numa sala de aula e observem a realidade brasileira (STORRER, 2011).

Ela questiona que alunos são esses, que muitas vezes vivem numa realidade de pobreza, falta de estrutura familiar, em meio a drogas e violência, fatos estes que refletem diretamente no desempenho dessas crianças dentro da sala de aula. Para ela, os professores não podem ser responsabilizados por isso: “problemas da sociedade deverão ser resolvidos pela sociedade e não somente pela escola”.

Recordando tempos antigos, a professora deixa clara a diferença no valor que se dava e que hoje se dá para a educação no Brasil. Hoje, os professores precisam de uma nova tarefa: motivar os alunos para o estudo. A professora desabafa:

Hoje, professores “incapazes” dão aulas na lousa, levam filmes, trabalham com tecnologia, trazem livros de literatura juvenil para leitura em sala de aula (o que às vezes resulta em uma revolução), levam alunos à biblioteca e a outros locais educativos (benza, Deus, só os mais corajosos!) e, algumas escolas públicas onde a renda dos pais comporta, até a passeios interessantes, planejados minuciosamente, como ir ao Beto Carrero. E, mesmo, assim, a indisciplina está presente, nada está bom. Além disso, esses mesmos professores “incapazes”, elaboram atividades escolares como provas, planejamentos, correções nos fins-de-semana, tudo sem remuneração (STORRER, 2011).

O fato de trabalhar no final de semana sem a remuneração devida apresenta um problema relativo à falta de condição do trabalho docente. No mesmo sentido, a curitibana

menciona o curto intervalo que o professor dispõe entre as aulas, que são de 10 minutos, tempo quase insuficiente para “ir ao banheiro ou tomar às pressas o cafezinho”. Segundo ela, essa realidade em que se encontra o professor brasileiro acaba por afastar interessados na profissão. Na sequência, inevitavelmente, a professora comenta fatos e notícias que expõem agressões a professores.

Temos notícias até de agressões a professores por alunos. Futuramente, esses mesmos alunos, talvez agridam seus pais e familiares. Lembro de um artigo lido, na revista *Veja*, de Cláudio de Moura Castro, que dizia que um país sucumbe quando o grau de incivilidade de seus cidadãos ultrapassa um certo limite. E acho que esse grau já ultrapassou. Chega de passar alunos que não merecem. Assim, nunca vão saber porque devem estudar e comportar-se na sala de aula; se passam sem estudar mesmo, diante de tantas chances, e com indisciplina... E isso é um crime! Vão passando série após série, e não sabem escrever nem fazer contas simples. Depois a sociedade os exclui, porque não passa a mão na cabeça. Ela é cruel e eles já são adultos (STORRER, 2011).

Enfim, apresentando o outro lado da moeda, a professora propõe uma reflexão àqueles que denotam ao professor a culpa por uma sociedade incivilizada.

Além desse discurso veiculado pelos vários suportes midiáticos, vemos uma infinita quantidade de mensagens publicadas essencialmente pela internet. São correntes enviadas por correio eletrônico ou mensagens multiplicadas e comentadas nas páginas de relacionamento como orkut, facebook, twitter, entre inúmeras outras.

Seria impossível reproduzir e/ou dimensionar o percurso dessas mensagens, campanhas ou manifestações, porém, traremos algumas delas com o objetivo de contextualizar o leitor a respeito da imagem da educação e do professor que é transmitida e disseminada neste dado momento.

Entre essas mensagens, encontramos textos em formas de piadas que, embora carregados de humor, promovem uma crítica ao sistema educacional ou à administração pública. Uma delas, remonta ao período de governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, cujo ministro da Educação era Paulo Renato Souza:

Quadro 05: Texto “A Vingança”

#### A VINGANÇA!!!!

Havia certa vez um homem navegando com seu balão, por um lugar desconhecido. Ele estava completamente perdido, e qual grande foi sua surpresa quando encontrou uma pessoa... Ao reduzir um pouco a altitude do balão, em uma distância de 10m aproximadamente, ele gritou para a pessoa:

- Hei, você aí, onde eu estou? E então a jovem respondeu:  
 - Você está num balão a 10 m de altura!  
 Então o homem fez outra pergunta:  
 - Você é professora, não é?  
 A moça respondeu:  
 - Sim...puxa! Como o senhor adivinhou?  
 E o homem:  
 - É simples, Você me deu uma resposta tecnicamente correta, mas que não me serve para nada...  
 Então a professora pergunta:  
 - O senhor é secretário estadual da educação Dr. Paulo Renato de Souza, não é?  
 E o homem:  
 - Sou...Como você adivinhou???  
 E a Professora:  
 - Simples: o senhor está completamente perdido, não sabe fazer nada e ainda quer colocar a culpa no professor.

Vale dizer que o ministro citado permaneceu no cargo de 1º de janeiro de 1995 a 1º de janeiro de 2003, ou seja, os oito anos de mandato do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Souza foi quem, por exemplo, criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998. A mensagem apresentada percorreu os correios eletrônicos e chegou até nós em 23 de junho de 2010, tendo sido por várias vezes encaminhada. Mesmo não tendo a data exata da autoria do texto, podemos inferir que ele circulou por, no mínimo, oito anos, contando a partir de 2002.

Com relação ao conteúdo, vemos um conflito criado entre governante e professores, o que sugere um jogo de empurra-empurra, pois, enquanto a voz do ministro aponta uma ineficácia no método de ensinar, a voz do professor apresenta certa incompetência por parte do ministro. Assim, mesmo de maneira bem-humorada, o texto oferece um sentido de disputa e de desconforto no sistema educacional brasileiro na atualidade. Nesse clima conflituoso, as relações entre os agentes educacionais (sejam eles políticos ou não) apresentam sinais de sérios problemas. Dessa maneira, entendemos que esses problemas não são pontuais e, muito menos, atuais, mas, sim, questões complexas que envolvem diferentes atores sociais (professores, governantes, pais, alunos e sociedade em geral) com reflexos de diferentes períodos da história político-administrativa no Brasil.

Outro texto por nós selecionado também utiliza o humor para propor uma reflexão sobre a situação do professor na atualidade.

### A Maldição do Professor

Conta a lenda que, quando Deus liberou o conhecimento sobre como ensinar os homens, determinou que aquele "saber" ficaria restrito a um grupo muito selecionado de sábios. Mas, neste pequeno grupo, onde todos se achavam "semi-deuses", alguém traiu as determinações divinas...

Aí aconteceu o pior!!!!!!.....

Deus, bravo com a traição, resolveu fazer valer alguns mandamentos:

- 1º - Não terás vida pessoal, familiar ou sentimental.
- 2º - Não verás teu filho crescer.
- 3º - Não terás feriado, fins de semana ou qualquer outro tipo de folga.
- 4º - Terás gastrite, se tiveres sorte. Se for como os demais terás úlcera.
- 5º - A pressa será teu único amigo e as suas refeições principais serão os lanches, as pizzas e o china in box.
- 6º - Teus cabelos ficarão brancos antes do tempo, isso se te sobrarem cabelos.
- 7º - Tua sanidade mental será posta em cheque antes que completes 5 anos de trabalho;
- 8º - Dormir será considerado período de folga, logo, não dormirás.
- 9º - Trabalho será teu assunto preferido, talvez o único.
- 10º - As pessoas serão divididas em 2 tipos: as que ensinam e as que não entendem. E verás graça nisso.
- 11º - A máquina de café será a tua melhor colega de trabalho, porém, a cafeína não te fará mais efeito.
- 12º - Happy Hours serão excelentes oportunidades de ter algum tipo de contato com outras pessoas loucas como você.
- 13º - Terás sonhos, com cronograma, planejamento, provas, fichas de alunos, provas substitutivas e não raro, resolverás problemas de trabalho neste período de sono.
- 14º - Exibirás olheiras como troféu de guerra.
- 15º - E, o pior..... inexplicavelmente gostarás de tudo isso...
- 16º Serás chamado de PROFESSOR

Dessa vez o tom é debochado, fazendo uma analogia com os 10 mandamentos da igreja católica e utilizando termos místicos, como “maldição” e “lenda”. Os elementos apresentados como mandamentos da profissão incluem o cotidiano do professor e a rotina da sua situação de trabalho no Brasil. Muitos deles referem-se a questões de saúde, tema também

abordado com bastante ênfase pela mídia, com informações de pesquisas que garantem que a profissão de professor é uma das mais estressantes na atualidade.

Recebemos a mensagem em julho de 2010, via correio eletrônico, no mesmo esquema de corrente de e-mails que acompanham inúmeros encaminhamentos de caixa de entrada para caixa de entrada. Acreditamos que o texto ultrapassa os encaminhamentos apenas para pessoas ligadas à área educacional. Por muitas vezes, o emissor da mensagem, ao gostar do conteúdo, faz o encaminhamento para todos os membros de seu correio. Isso acontece, inclusive, por uma facilidade disponibilizada pela internet, ou seja, é mais fácil, rápido e prático para o emissor selecionar a opção “todos” do que ficar marcando ou “ticando” aqueles nomes para os quais pretende enviar. Essa é uma das características desse meio de veiculação de mensagens eletrônicas, o envio ou reenvio de e-mails se dá de forma rápida e com apenas alguns cliques, se assim não o fosse, talvez não recebêssemos tantas mensagens reencaminhadas em nossas caixas de e-mails.

Por fim, ressaltamos que a questão a ser levada em consideração nesse capítulo é que há, atualmente, um grande conflito social vivido na relação professores, políticos e sociedade. A complexidade é tamanha que estudos isolados sobre o cotidiano da sala de aula ou pesquisas quantitativas com números de alfabetizados ou alunos que estão na escola, são insuficientes para apresentar uma realidade de falta de qualidade no ensino brasileiro. Nosso objetivo foi de oferecer ao leitor uma pequena parcela de contribuição sobre os discursos polêmicos circulados nesse dado momento, no qual nossa dissertação está sendo desenvolvida. Se o problema é complexo, histórico, político, cultural e ideológico não podemos isolá-lo de tais reflexões, embora que pequenas diante de tamanha “avalanche” de informações sobre o assunto e, especialmente, sobre as condições do trabalho docente.

É nesse sentido, que também se faz pertinente uma abordagem sobre o suporte midiático que abriga os gêneros analisados, ou seja, a Revista *Nova Escola*. É desse assunto que trataremos no próximo capítulo.

## 4 REVISTA NOVA ESCOLA: SUPORTE DOS GÊNEROS DA ESFERA JORNALÍSTICA

Na academia deparamo-nos constantemente com análises dos discursos da mídia, principalmente de publicações notáveis, como a Revista *Veja*, sempre abordando aspectos interessantes da política, da saúde, da educação, etc. Porém, nesta dissertação, buscamos algo diferente, que atinge um público específico, o qual é formador de opinião e de consciências – o professor. É curioso pensar que uma publicação como a Revista *Nova Escola*, de baixo custo, especializada, com linguagem clara e objetiva, tenha a segunda maior tiragem<sup>19</sup> entre as revistas do Grupo Abril, perdendo apenas para a *Veja*. Acrescentamos, ainda, que esta Revista está nas mãos de gestores educacionais e professores que, cotidianamente, contribuem para a formação de milhares de cidadãos.

Dessa forma, apresentamos no presente capítulo algumas reflexões sobre a Revista *Nova Escola*, que se caracteriza como suporte midiático dos gêneros editorial e carta do leitor, que são os objetos de estudo desta dissertação. Em seguida, adentramos no universo jornalístico, mais especificamente na categoria jornalismo opinativo e analisamos as características dos gêneros selecionados – *editorial* e *carta do leitor*. Para fechar, contextualizamos o leitor sobre o contexto de produção dos textos analisados, apresentando elementos que são recorrentes em todas as análises.

### 4.1 REVISTA NOVA ESCOLA COMO SUPORTE MIDIÁTICO

Neste item, apresentamos algumas considerações e uma breve análise do suporte que abriga nosso estudo: a Revista *Nova Escola*. Trata-se de uma publicação mensal do gênero revista impressa que, desde sua criação, em 1986, até o ano de 1997, circulou em nove edições anuais. Desde 1998, tem circulado em dez edições por ano, não sendo publicada somente nos meses de recesso escolar (janeiro e julho). Tal publicação pertence à Fundação Victor Civita (FVC), uma instituição criada por iniciativa do empresário Victor Civita, do

---

<sup>19</sup> Conforme dados divulgados pela Editora Abril, a Revista *Veja* possui uma tiragem de 1.214.168, enquanto a Revista *Nova Escola* possui 842.623. Consulta realizada em 03/04/2011, no endereço eletrônico <http://publicidade.abril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>.

Grupo Abril. Conforme inscrição no expediente do periódico, a própria Revista intitula-se “A maior revista de Educação do Brasil”:

NOVA ESCOLA, a maior revista de Educação do Brasil, circula em todo o país desde março de 1986 e é uma publicação da Fundação Victor Civita. É vendida a preço de custo – você só paga o papel, a impressão e a distribuição porque a Fundação Victor Civita, entidade sem fins lucrativos criada em setembro de 1985, tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica, produzindo publicações, sites, material pedagógico, pesquisas e projetos que auxiliem na capacitação dos professores, gestores e demais responsáveis pelo processo educacional (NOVA ESCOLA, 2011, p. 16).

É subsidiada através de parcerias com o governo federal, o que tem permitido sua distribuição gratuita às escolas públicas brasileiras, além de ser comercializada a preço de custo, R\$ 3,40 (até este momento). Pode-se pressupor, através dessas informações, que o conteúdo apresentado neste veículo de informação e formação possui estreita ligação com um discurso vinculado ao possível interesse do governo federal.

A principal instituição vinculada à produção da Revista é a Fundação Victor Civita, criada em 1985, por Victor Civita, presidente do Grupo Abril na época. Há 25 anos, portanto, a Fundação mantém fielmente os objetivos de seu fundador: “lutar por um país onde não falem escolas, bons professores, incentivo ao trabalho docente e materiais de apoio às práticas pedagógicas”<sup>20</sup>. Dessa maneira, a instituição possui, aos seus cuidados, a Revista *Nova Escola*, a Revista *Gestão Escolar*, o site de *Nova Escola*, o *Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10*, entre outros projetos de incentivo à formação docente. O evento “Semana da Educação” é um exemplo de projeto, que ocorre anualmente promovendo um debate entre professores, diretores escolares, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais sobre temas como leitura, escrita, o ensino de matemática e gestão escolar.

Por meio de suas iniciativas e projetos, muitos deles realizados em parceria com empresas, entidades e governos, a FVC atinge as escolas públicas do país com publicações, sites, eventos e pesquisas, todos realizados com um objetivo comum: promover as melhores práticas para o maior número possível de professores, diretores, coordenadores pedagógicos e demais responsáveis pelo processo educacional para que elas possam ser replicadas e, dessa forma, ajudar nossas crianças e jovens a aprender cada vez mais ([www.fvc.org.br](http://www.fvc.org.br)).

É incontestável a importância dos objetivos da Fundação, porém, é mais do que necessária a vinculação de tais objetivos e metas aos propósitos das instituições parceiras que, geralmente, são detentoras do poder.

---

<sup>20</sup> Informações obtidas por meio do endereço eletrônico <http://www.fvc.org.br>. Acesso em: 16 de julho de 2011.

Em março de 2011, a *Nova Escola* publicou a edição especial comemorativa de seus 25 anos em que apresenta uma comparação entre o sistema educacional da década de 1980 e o atual. Sem ignorar as inúmeras necessidades ainda pertinentes à Educação, a Revista salienta os progressos e as evoluções que se deram nesse caminho, especialmente as suas contribuições para o ensino.

Vinte e cinco anos se passaram. Nesse período, a revista cumpriu essa missão, sempre se modernizando e acompanhando as tendências e as pesquisas na área. Ao analisar o conjunto de 239 edições, é possível constatar a evolução de nossa Educação em diversos setores. Porém, em todos eles, percebe-se que há muito a avançar (NOVA ESCOLA, 2011, p. 106).

A escolha da Revista *Nova Escola* para este estudo justifica-se por ser um veículo de fácil acesso a grande parte dos professores dos níveis fundamental e médio da rede pública de ensino e por apresentar metodologias de ensino das quais acredita-se que os professores façam uso constante. Ao se colocar na posição de articuladora de conhecimentos e de metodologias voltadas ao professor, supõe-se, a Revista apresenta-se como veículo especializado e que pode até substituir livros, estudos complementares, leituras em geral. Pressupõe-se que grande parte desses educadores-leitores procura as revistas especializadas, em vez de procurar livros teóricos sobre os assuntos que deseja pesquisar devido à facilidade de acesso e às suas clássicas “receitas” de atividades de sucesso. Alguns depoimentos presentes na seção *Caixa Postal* do mês de Outubro/2009 demonstram a posição favorável do leitor ao discurso da Revista:

#### PARA ENSINAR MELHOR

Tornei-me leitora de NOVA ESCOLA em 1997 e, desde então, transformei as salas de aula em que lecionei. Por causa da revista, compreendi que precisamos mudar os métodos de ensino para melhorar a prática e aprendi que só planejando as aulas é que podemos ter bons resultados e sucesso no aprendizado dos alunos (NOVA ESCOLA, 2009c, p. 14).

#### DE OLHO NO FUTURO

Tenho 16 anos e quero ser um dos futuros professores do Brasil. Por isso, já sou leitor de NOVA ESCOLA, uma publicação que realmente ajuda a melhorar a Educação (NOVA ESCOLA, 2009c, p.14)

Ao longo desses anos também, o periódico vem se constituindo em um popularizado veículo de divulgação de ideias e práticas pedagógicas junto aos professores. Tendo em vista suas tiragens expressivas, pressupomos que se trata de um periódico educacional manuseado pela maioria dos professores da rede pública e particular de ensino. Com base nas implicações de estar-se diante de um veículo de comunicação subsidiado pelo governo federal,

comercializado a preço de custo, vinculado a um grupo e a uma Fundação de renomes e voltado, em sua maioria, a professores da rede pública de ensino, ele apresenta-se, no mínimo, como um alvo interessante para o início de uma pesquisa científica.

Percebe-se uma grande ênfase já no próprio nome da Revista, que sugere uma “nova escola”, ou seja, uma nova proposta pedagógica que deve ser norteadora das ações educativas realizadas pelos professores-leitores.

Um estudo realizado por Faria (2002) mostrou que a publicação propagou – por um período - um discurso construtivista, o que a torna um veículo não apenas de divulgação de práticas pedagógicas a serem copiadas, mas uma publicação com objetivos que adentram direta ou indiretamente em um campo ideológico.

Quanto aos estudos sobre *Nova Escola*, iluminam a temática ora proposta o trabalho de Vieira (1995) que caracterizou o discurso construtivista produzido pelo periódico, desde 1986 até a primeira publicação de 1995 e o trabalho de Pedroso (1999) que analisou as primeiras 30 publicações de *Nova Escola* discutindo as políticas educacionais implementadas pelo governo federal no período denominado Nova República, 1986-1989. Pode-se afirmar que a partir de diferentes referenciais teórico-metodológicos ambas as autoras demonstraram *Nova Escola* como “material ideológico” eficaz para a manutenção da ordem social vigente, conforme a concepção gramsciana. Sob tal ótica, o periódico sintoniza-se à história do exercício de hegemonia de determinadas classes sociais que têm se utilizado de diferentes estratégias para conservar, legitimar e ampliar o seu lastro de poder (FARIA, 2002, p. 3).

Atualmente, *Nova Escola* permanece vinculada aos interesses do governo federal e possui grandes parceiros, como Bovespa, Fundação Bradesco, Fundação Telefônica, Gerdau, Instituto Unilever, Itaotec, entre vários outros, ou seja, ao discurso de cunho capitalista.

Obedecendo a uma “ordem comercial”, as publicidades presentes na *Nova Escola* são pensadas de forma a atingir o público-alvo, professores da rede pública e privada de ensino. Por isso, os produtos comercializados são coleções de livros e cursos especializados. Dessa forma, segundo Bueno (2007), a Revista promove uma reconfiguração da indústria cultural:

Por vários motivos, a revista *Nova Escola* constitui-se em objeto de estudo que apresenta de maneira exemplar a configuração da semicultura na sociedade globalizada contemporânea. Seu modelo editorial apresenta-se como uma tradução, para termos próprios à educação, do mesmo modelo seguido pelas demais revistas de entretenimento do Grupo Abril. Sua fórmula consistiria, assim, em descaracterizar a categoria “professor” da especificidade que ela possui, reduzindo-a a mais um entre outros estereótipos da indústria cultural. Assim como para a adolescente vende-se *Capricho*, para a mulher madura vende-se *Nova*, para o macho vende-se *Playboy*, para o homem de negócios vende-se *Exame*, da mesma forma, para o professor, vende-se *Nova Escola* (BUENO, 2007, p. 303-304).

Por outro lado, também percebemos uma constante preocupação em motivar o ofício do professor, divulgando ações bem sucedidas, porém, distantes da realidade da maioria dos educadores da rede pública de ensino no Brasil.

Enfim, partimos da hipótese de que a Revista apresenta a imagem de um “super professor”, alguém que possui todas as condições de resolver os problemas relacionados à Educação brasileira.

Nesse mesmo sentido, são apresentados ao leitor diversos exemplos de superação, professores que passaram por dificuldades em suas práticas pedagógicas mas que as enfrentaram e as superaram. Mesmo considerando o poder transformador do homem, todo o contexto de produção da Revista nos permite pensar que o professor está sendo motivado a encarar os problemas da Educação no Brasil como se ele fosse o único agente desse processo. Inspirando-se nas iniciativas estampadas nas páginas, o professor sente-se instigado a inovar, buscar e pesquisar coisas novas – o que é totalmente positivo – porém, pode perder a referência de que a problemática educacional é uma questão bastante complexa e que envolve governos, famílias, instituições e a sociedade em geral.

A todo momento o leitor/educador é convidado a aderir às propostas divulgadas e até a participar de forma mais efetiva desse processo. Anualmente, a Revista *Nova Escola* realiza um grande evento de premiação para os 10 professores que mais se destacaram em termos de práticas educativas. O evento, denominado *Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10*, possui grande adesão de professores, o que, segundo Silva (2006), pode atentar para a imposição de um novo modelo de cultura docente.

Diante da caracterização da formação cultural predominante nos tempos hodiernos, e especialmente da chamada pós-modernidade educacional, será possível identificar alguns elementos novos que podem ser considerados como pontos centrais na cruzada cultural movida pela RNE, com o objetivo de desenvolver determinados padrões, critérios e práticas entre os professores do Brasil. Obviamente a RNE procura desenvolver estratégias de imposição deste novo modelo de cultura docente, a exemplo do destacado Prêmio Victor Civita, que confere reconhecimento social àqueles docentes que implementam na sua prática profissional os fazeres advogados pela revista (SILVA, 2006, p. 8).

Milhares de profissionais de todo o país almejam tal reconhecimento que, ao mesmo tempo, confere certo *status* perante essa sociedade de massas.

### SEGREDOS DE SUCESSO

Tenho certeza de que no próximo ano terei mais chances de ganhar o Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10. A reportagem *Lição dos Campeões* (setembro) explica muita coisa importante para quem quer concorrer, além

de apresentar informações preciosas para aperfeiçoar meu dia a dia na escola (NOVA ESCOLA, 2009c, p.12).

Após essa breve análise da Revista *Nova Escola*, achamos conveniente apresentar ao leitor uma espécie de ficha técnica do periódico para que, no caso de não ser leitor da publicação, ele possa ter uma noção sobre o seu conteúdo e sua disposição temática.

Quadro 07: Ficha Técnica da Revista *Nova Escola*

<b>FICHA TÉCNICA</b>	
Publicação	Nova Escola
Slogan	A revista de quem educa
Editora	Abril /Fundação Victor Civita
Nº de Páginas	de 90 a 130
Preço	R\$ 3,40 (custo)
Patrocinadores Fixos	Grupo Positivo (editora, sistema de ensino), Dell, Editora Saraiva, Sistema de Ensino Objetivo, Abril Educação/Editora Ática/Editora Scipione, Racco, Banco do Brasil, Faber-Castell, FTD, Editora Moderna, Governo Federal, Malwee, Itaotec e Rede Pitágoras.
Capa	Composta pela chamada reportagem principal, geralmente com imagens de crianças e professores felizes, e algumas chamadas para matérias internas.
	As quatro primeiras páginas são dedicadas aos anunciantes mais nobres, sendo que as duas primeiras são fixas do Grupo Positivo. O índice da Revista aparece na página 6 ou 8, tendo como anunciante fixo na página ao lado, as Empresas Dell.
Seção <i>Caro Educador</i>	Editorial da publicação, em que o diretor de redação, Gabriel Pillar Grossi, informa os leitores sobre os principais temas abordados na edição ou comenta algum assunto específico.
Seção <i>Caixa Postal</i>	Espaço do leitor, onde estão publicadas algumas mensagens de leitores enviados via e-mail, via site ou por carta. Com o objetivo de incentivar a participação na seção, a Revista destaca o “comentário do mês” e o autor deste ganha um livro.
Seção <i>Online</i>	Apresenta ao leitor os conteúdos disponíveis na página <a href="http://www.ne.org.br">www.ne.org.br</a> .
Seção <i>Na dúvida? Nova Escola responde</i>	Outra forma de participação/interação do leitor com o periódico é por meio da seção <i>Na dúvida? Nova Escola responde</i> . É uma espécie de consultoria, onde os professores

	mandam suas dúvidas sobre qualquer área e a Revista publica a resposta. Assim como na seção <i>Caixa Postal</i> , os autores das perguntas selecionadas também ganham livros.
Seção <i>Fala, Mestre</i>	Espaço para entrevista com profissionais de renome.
<i>Em dia – notas sobre Educação</i>	Oferece informações sobre a área educacional. São dados estatísticos, resultados de pesquisas, agenda e tiras em quadrinhos.
Seção <i>Retrato</i>	Apresenta iniciativas louváveis e positivas de profissionais da educação, experiências bem sucedidas e exemplos de dedicação e superação.
Seção <i>Pensadores</i>	Breve apresentação sobre a teoria de algum estudioso.
Reportagem de Capa	Variada conforme a edição.
Espaço <i>Sala de Aula</i>	Por meio dele, o professor-leitor recebe orientações sobre o que fazer em sala de aula. Para isso, a seção é dividida por disciplina, com indicação da série devida para aquela atividade e uma instrução didática já elaborada e detalhada, com objetivos, conteúdos, tempo de execução, material necessário, encaminhamento e avaliação.
Reportagens Temáticas	Temas abordados: <i>Criança e Adolescente, Prêmio Victor Civita, Formação Continuada</i> , entre outras. (Varia conforme a edição).
Seção <i>Estante</i>	Espaço destinado às resenhas de livros.
Seção <i>Era uma vez</i>	Publica pequenas histórias, poemas e contos para que o professor possa trabalhar com seus alunos.
Seção <i>Gestão em Foco</i>	Espaço para textos do articulista, filósofo e docente da PUC-SP e vice-presidente da TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, Fernando José de Almeida.
Seção <i>Pense Nisso</i>	Artigos de autoria do físico e educador da USP, Luis Carlos de Menezes.

Em meio a todo esse universo de informações, cabe ao professor estabelecer relações significativas entre a sua condição de trabalhador (no sentido marxiano, que vende sua força de trabalho para poder se sustentar) e as forças produtivas que estão postas de maneira – geralmente – superficial, sem uma reflexão crítica sobre crises na área educacional e política.

Estando amparados por um suporte midiático, os gêneros *editorial* e *carta do leitor* pertencem à categoria de Jornalismo Opinativo, assunto que será abordado no próximo item.

#### 4.2 JORNALISMO OPINATIVO: EDITORIAL X CARTA DO LEITOR

Neste item, abordamos algumas questões referentes ao universo jornalístico, dando maior enfoque à categoria de jornalismo opinativo, mais especificamente aos gêneros *editorial e carta do leitor*.

A história dos meios de comunicação está diretamente relacionada às mudanças sociais. Assim, cada veículo de comunicação de massa surgiu conforme os interesses e as exigências sociais de cada época. O mesmo processo continua ocorrendo na medida em que a evolução tecnológica permite novos meios de acesso à informação, por exemplo, como o surgimento da Internet e, por meio dela, das redes sociais e do mundo virtual em crescimento acelerado.

Tais considerações permitem-nos afirmar que o exercício do jornalismo é uma prática social que ocorre de maneira dialógica. Assim, conforme Melo (1994), a mídia é um objeto que está em constante transformação, conforme as condições sociais, econômicas, históricas e ideológicas da sociedade. “São portanto veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem” (MELO, 1994, p, 67).

O jornalismo surgiu com o objetivo de informar aos povos sobre os fatos ocorridos na sociedade. Com o passar do tempo, a categoria jornalismo opinativo passou a fazer parte desse universo e a opinião do público e da própria empresa passou a complementar a produção jornalística. Melo (1994) afirma que tanto o jornalismo informativo quanto o opinativo são categorias fundamentais e distintas dentro do jornalismo brasileiro. Porém, ambas possuem caráter ideológico e político:

[...] admitir a convivência de categorias que correspondem a modalidades de relato dos fatos e das ideias no espaço jornalístico não significa absolutamente desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante. Cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria, independentemente do artifício narrativo utilizado (MELO, 1994, p. 24).

Em termos de classificação de categorias e gêneros jornalísticos, Beltrão (1980) apresenta a seguinte divisão: a) Jornalismo Informativo: notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem; b) Jornalismo interpretativo: reportagem em profundidade; c) Jornalismo Opinativo: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião

do leitor. Essa categorização exposta por Beltrão representa o aspecto funcional e a práxis do jornalismo. Segundo Melo (1994).

O critério adotado é explicitamente funcional. Beltrão sugere uma separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar. Nesse sentido, categoriza de acordo com as tendências que marcaram o movimento peculiar da atividade jornalística, acompanhando as mutações tecnológicas e socioculturais que marcam a sociedade (MELO, 1994, p. 59).

Melo (1994), por sua vez, desconsidera a categoria de jornalismo interpretativo por acreditar que o jornalismo articula-se em dois focos de interesse essenciais: a informação e a opinião, representadas respectivamente pelo jornalismo informativo e pelo jornalismo opinativo. Assim, a classificação exposta por ele compreende: a) Jornalismo informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista; b) Jornalismo opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta<sup>21</sup>.

No Jornalismo Opinativo se constituem três categorias de opinião: a do leitor, a do editor e a do jornalista. Com o objetivo de delimitar ainda mais nosso objeto, pautaremos nas opiniões do editor, por meio dos editoriais analisados, e do leitor, por meio dos depoimentos destacados.

Beltrão (1980) ressalta que a opinião do editor apresenta a política editorial do veículo de comunicação, considerando tanto os aspectos relativos à filosofia de trabalho do grupo, como os interesses econômicos e as convicções pessoais dos responsáveis pela produção jornalística. “A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha do jornal, identificáveis pelo critério de seleção das informações, pelo relevo dado a determinadas matérias, pelos títulos, fotografias e outras características” (BELTRÃO, 1980, p. 19).

Já a opinião do leitor, além de surgir em forma de cartas, aparece por meio de entrevistas, enquetes e indicações de pautas e temas a serem abordados. É uma importante forma de contribuição para o veículo de comunicação, uma vez que o leitor é o grande responsável pela permanência e pela sobrevivência do veículo em circulação na sociedade. De acordo com Beltrão (1980), o leitor possui uma familiarização com o jornal/revista, o que confere grande importância para sua voz.

O diálogo que o leitor trava com o seu jornal torna-se familiar, construtivo, interessado. Nem sempre concordamos com sua opinião; às vezes, mesmo,

---

<sup>21</sup> Não é nosso objetivo discutir as diferenças entre as categorizações dos autores mencionados, apenas queremos apresentar sucintamente o contexto de produção do universo jornalístico a fim de contribuir com o processo de leitura deste material.

nos irritamos, nos decepcionamos, chegamos quase à revolta. Mas já que ele é um dos nossos, podemos falar-lhe francamente, escrevendo à redação para expor nossos pontos de vista, para discutir certos aspectos que escaparam talvez ao comentarista ou ao repórter, para levá-lo a retificar conceitos ou procurar convencer-nos dos nossos equívocos. É esta a base, por vezes inconsciente, da colaboração do leitor: a completa familiarização com o jornal, que lhe confere vantagens insuspeitadas no comércio que deve existir entre o homem e a imprensa (BELTRÃO, 1980, p. 93).

Há que se considerar a especificidade dos gêneros referentes à opinião do leitor, uma vez que tais considerações são reguladas pela empresa jornalística. Melo (1994) atenta para dois elementos essenciais: a autoria e a angulação.

No caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (MELO, 1994, p. 64).

Dessa forma, o jornalista ou o editor do veículo de comunicação é quem define o que, como e quando determinada opinião será publicada. Em muitos casos, por exemplo, a seção destinada às cartas dos leitores apresenta a seguinte consideração: “Por motivo de espaço ou clareza, as mensagens podem ser resumidas”<sup>22</sup>.

Para Beltrão (1980), o jornalista e o editor, mesmo que ligados diretamente à produção da informação, também possuem relação na produção daquilo que está ligado à opinião do público.

Como na exposição dos fatos interpretados o jornalista corre o risco de invadir o campo da opinião, as empresas traçam sua política editorial, encarregando do seu controle elementos de confiança e experiência, que ocupam cargo de mando na redação: o diretor, o redator-chefe, os secretários e chefes de reportagem, os editores de diversos departamentos. Tal controle é exercido, sobretudo, pela seleção das informações e dos temas que serão objeto da opinião (BELTRÃO, 1980, p. 38).

A opinião do leitor, portanto, está presente nas salas da redação, mas nem sempre é considerada como primordial, embora o leitor seja o destinatário final e consumidor do material produzido.

Evidentemente, as empresas que editam jornais, revistas ou emitem jornais eletrônicos, não ignoram o público. Conhecem-no até. Sabem da sua composição etária, socioeconômica, dimensionam seus gostos, interesses e preferências. Mas sempre de modo indireto. Mediado pelas sondagens de opinião pública ou pelas pesquisas de mercado (MELO, 1994, p.174)

---

<sup>22</sup> Tal texto aparece no rodapé da página na seção Caixa Postal, da Revista *Nova Escola*.

O público participa da produção jornalística de forma indireta, geralmente por meio de cartas, as quais dependem da atenção, seleção e edição da própria empresa jornalística.

Essa delimitação a que se refere Melo (1994) está relacionada, no sentido bakhtiniano, ao fato de que os gêneros possuem determinadas características específicas da esfera social, conforme a relação existente entre os membros pertencentes a esse meio específico. Assim, entendemos que a flexibilidade dos gêneros do discurso é, de certa forma, regulada pelo campo social ao qual pertence e por seus agentes.

Assim,

O fluxo na produção dos discursos sedimenta historicamente um conjunto de gêneros mais apropriados a estes lugares e a estas relações, produzindo regularidades nas práticas sociais de linguagem. Esses gêneros, por sua vez, refletirão um conjunto possível de temas e de relações nas formas e estilos de enunciar (BAUMGARTNER & CRUZ, 2009, p. 163).

Além de serem dinâmicos e, assim, evoluírem conforme as necessidades sociais, eles apresentam variedade infinita e representam determinados estilos e comportamentos da esfera social que representam. Neste caso, a esfera jornalística é representada por diversos gêneros, como notícia, reportagem, crônica, artigo, dos quais destacamos o editorial e a carta do leitor, apresentados a seguir.

#### 4.2.1 O Gênero Editorial

Quando se fala em Jornalismo Opinativo, um dos gêneros mais lembrados é o Editorial. É nele que está expressa a opinião do editor e, na maioria das vezes, a opinião e os interesses da própria empresa jornalística. Ele é, sobretudo, a voz do jornal/revista. Segundo Beltrão (1980), é através do editorial “que o grupo proprietário e administrador do periódico manifesta sua opinião sobre os fatos que se desenrolam em todos os setores de importância e interesse para a comunidade” (BELTRÃO, 1980, p. 51).

Para Melo (1994), além de conter a voz da empresa jornalística, o editorial compreende também a opinião das forças que mantêm a instituição jornalística, como parceiros, acionistas, financiadores, etc.

Assim sendo, o editorial afigura-se como um espaço de contradições. Seu discurso constitui uma teia de articulações políticas e por isso representa um exercício permanente de equilíbrio semântico. Sua vocação é a de apreender

e conciliar os diferentes interesses que perpassam sua operação cotidiana (MELO, 1994, p. 96).

Como o próprio nome deixa claro, o editorial é escrito pelo editor do veículo de comunicação, e é responsabilidade deste traçar a linha editorial a ser seguida.

Traçar a política editorial é, pois, ponto básico para o editor. Essa política não é arbitrária, mas obedece a princípios éticos e a normas práticas, de que esteja imbuído, não só graças ao seu preparo e competência profissionais em questões comerciais e técnicas, como à sua adequação às idéias e sentimentos da comunidade e, de modo especial, dos organismos que congregam os jornalistas que são seus executores (BELTRÃO, 1980, p. 46).

O tema do editorial é variável, porém, predomina a discussão sobre uma notícia polêmica publicada no periódico. No caso da Revista *Nova Escola*, os editoriais, em quase sua totalidade, versam sobre a matéria de capa da edição, reforçando conceitos e fornecendo dados complementares. Logo, por pertencer à categoria de jornalismo opinativo, é permitido ao editor aprofundar a temática e utilizar elementos subjetivos.

Assim, tanto pode nascer da notícia como dela transcender, adiantar-se sobre ela, valendo-se de dados subjetivos e retirando de um fato, mediante a análise de suas causas e consequências, inferências e conclusões que apresenta como um roteiro à comunidade (BELTRÃO, 1980, p. 52).

Geralmente, nos jornais diários de grande circulação, o editorial ocupa a página 2, onde também estão presentes artigos de opinião, crônicas, cartas dos leitores, expediente, etc. No caso da revista *Nova Escola*, o editorial vem logo nas primeiras páginas, concorrendo apenas com algumas publicidades de grandes clientes e após o índice.

A estrutura do editorial é bastante simples, contém o título, uma introdução, certa discussão sobre o tema e, por fim, uma conclusão. É um texto geralmente curto, simples e direto.

Seguindo a classificação proposta por Beltrão (1980), o editorial pode ser analisado quanto ao seu conteúdo, figurando como: a) Informativo, quando se destina a esclarecer ao leitor sobre determinados fatos, idéias ou situações; b) Normativo, quando o editor tenta convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o e encorajando-o; c) Ilustrativo, quando objetiva despertar o interesse do leitor para questões adversas, menos comuns da vida e do cotidiano. O editorial também pode ter dois tipos de estilo: o intelectual, quando o editor faz um apelo à razão do leitor; e o emocional, quando busca atingir a sensibilidade do leitor.

Outra classificação interessante é com relação à natureza do editorial. Assim, segundo Beltrão (1980), ele pode ser:

- a) Promocional – editorial que acompanha regularmente os eventos e ideias marcantes da atualidade, tomando posição definida para analisá-los e explicá-los dentro da política editorial traçada, tendo em vista convencer a comunidade e levá-la à ação.
- b) Circunstancial – editorial que apenas eventualmente surge para fixar e apreciar dado sucesso, situação ou movimento de opinião.
- c) Polêmico – editorial eminentemente doutrinário, que pretende convencer o leitor sobre suas convicções.

No caso específico das revistas, há uma pequena diferenciação quanto ao texto do editorial. Ao contrário dos jornais, que primam por um conteúdo mais denso e ligado às questões políticas e administrativas, o texto de revista é mais leve, um tanto quanto publicitário, buscando “vender” ideias e conceitos. Melo (1994) denomina tais textos como “cartas dos editores”:

Nas revistas, o editorial aparece com mais frequência nos periódicos culturais ou políticos, pois as revistas de informação geral recorrem às ‘cartas dos editores’ mais próximas daquilo que poderíamos chamar *merchandising* jornalístico do que expressões opinativas (MELO, 1994, p. 104).

Pontuamos durante nossas análises até que ponto os editoriais selecionados apresentam-se como *merchandising* jornalístico e, assim, buscam influenciar o agir docente.

#### 4.2.2 O Gênero Carta do Leitor

O gênero Carta do Leitor é um dos elementos que compõem o Jornalismo Opinativo. É ele o espaço destinado para que o leitor do veículo de comunicação expresse sua opinião sobre os fatos divulgados, publique suas dúvidas ou simplesmente reforce o discurso veiculado pelo jornalista.

Antes de adentrarmos às características do gênero carta do leitor, cabe-nos uma breve explicação sobre o gênero carta em seu sentido geral. Assim, temos diversos tipos de cartas, que são veiculadas por meios variados e conforme as necessidades das esferas sociais a que pertencem. Citando outros autores, Baumgartner e Cruz (2009), sugerem a possibilidade do gênero carta possuir subgêneros, que seriam: “carta familiar”, “carta comercial”, “carta de amor”, entre outras. Na esfera jornalística, por exemplo, poderíamos ter a carta do leitor, a carta ao leitor e carta aberta. Dessa maneira, ainda em outras esferas, algumas cartas específicas acabam surgindo, como carta-convite, comunicados, carta de intimação, etc.

Nesse sentido, afirmamos que o gênero carta apresenta uma estrutura básica, como saudação, texto e assinatura. Porém, tais características podem variar conforme os objetivos

dos interlocutores. Conforme Baumgartner e Cruz (2009), a carta é um gênero de interação linguística em que um locutor diz algo a alguém, por determinadas razões e, assim, assume uma posição social.

Num esquema básico, poderíamos dizer que, ao interagir com o outro através do gênero carta, o autor considera uma série de elementos contextuais: ele é alguém na sociedade, ele escreve para alguém, ele tem um objetivo, ele se constitui como sujeito de seu discurso e lança mão de estratégias para realizar o processo de interlocução, ele escolhe o gênero mais apropriado para atingir seus objetivos e ele escolhe o meio de divulgação (BAUMGARTNER & CRUZ, 2009, p.170).

Assumindo esse processo de interação social por meio da carta do leitor, consideramos o autor do texto como um interlocutor que, falando de determinada posição social, se vê no direito de manifestar sua opinião e, assim, concretiza o ato por meio da escrita buscando atingir seu interlocutor. Consideramos a equipe editorial da Revista como o interlocutor direto, mas devemos destacar que os outros leitores também são agentes nesse processo, tornando-se também interlocutores do discurso publicado.

No caso específico da carta do leitor, segundo Melo (1994), a carta apresenta-se como um gênero democrático, pois qualquer leitor pode manifestar sua opinião sobre determinado assunto abordado no veículo de comunicação. De maneira geral, essas cartas são cuidadosamente avaliadas, em seguida selecionadas e publicadas conforme a disponibilidade, interesse e vontade da empresa jornalística. O processo básico é:

Todas as cartas que chegam aos jornais são conferidas, identificadas, avaliadas. As anônimas não merecem qualquer atenção. As outras passam pelo crivo da verificação e são publicadas de acordo com critérios que privilegiam, geralmente, a projeção social do missivista (...) Escrever para o jornal, mesmo que não encontre abrigo, representa o último alento de muitos cidadãos que querem dizer alguma coisa aos seus contemporâneos, que querem influir nas decisões dos governantes, que querem participar dos destinos da sua sociedade. O que é incompreensível é a insensibilidade dos dirigentes das empresas jornalísticas brasileiras, pois embora aumente o fluxo das cartas à redação o espaço reservado à participação do leitor nunca progrediu (MELO, 1994, p. 179).

Por outro lado, entendemos que a participação do leitor é, por vezes, uma forma de fixar lugar na sociedade e conferir certo status perante a população. Não raro, surgem nas redações dos jornais determinados leitores “assíduos” e ávidos por terem sua carta e/ou artigo publicados. Nesses casos, a interferência dos editores e jornalistas torna-se indispensável para que o veículo de comunicação não sirva de objeto de interesses individuais, mesmo que, na maioria das vezes, os interesses individuais do proprietário do veículo prevaleçam sobre a produção jornalística.

É importante destacar que as considerações de Beltrão (1980) e Melo (1994) referem-se ao jornalismo de maneira geral, com exemplificações pertencentes ao veículo jornal impresso, o qual tem um público leitor bastante variado. Para esta dissertação, a questão é ainda mais específica, pois o suporte do objeto de estudo é uma revista especializada em Educação e isso confere certos sentidos sobre o perfil do público leitor.

De acordo com informações da Editora Abril (2010), o público leitor da Revista em questão, *Nova Escola*, possui o seguinte perfil:

Quadro 08: Perfil dos Leitores da Revista *Nova Escola*

### Perfil dos Leitores<sup>23</sup>

REVISTA	SEXO		CLASSE SOCIAL					FAIXA ETÁRIA							
	M	F	A	B	C	D	E	2-9	10-14	15-19	20-24	25-34	35-44	45-49	50+
<a href="#">Nova Escola</a>	22%	78%	15%	49%	31%	5%	0%	0%	8%	9%	11%	25%	20%	11%	15%

Fonte: Marplan consolidado (2009)

Resumidamente, temos que os leitores da *Nova Escola* são, em sua maioria, mulheres, das classes B e C, com idades entre 25 e 44 anos. Pressupomos, com esses dados, que essas leitoras são professoras em atividade profissional, para as quais o conteúdo da publicação é direcionado. Isso também nos faz acreditar que os depoimentos selecionados para esta dissertação compreendem, na maioria das vezes, a opinião desse público leitor específico, com exceções que serão destacadas nas análises.

#### 4.3 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS GÊNEROS

Tendo em vista que analisamos vários textos dos gêneros *editorial* e *carta do leitor*, veiculados no mesmo suporte, ou seja, Revista *Nova Escola*, apresentamos neste item o

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/tabelas-gerais/revistas/perfil-dos-leitores>>. Acesso em: 16 de julho de 2011.

contexto geral e a situação de produção desses discursos, os quais possuem elementos recorrentes.

Segundo Bakhtin/Voloshinov (2010a), a interação só poderá ser compreendida se conhecermos o contexto de produção desse discurso, o qual engloba as características sociais da esfera comunicacional, os papéis sociais dos interlocutores, as finalidades comunicativas, o suporte utilizado e as possíveis interações entre as várias vozes presentes no texto.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (...) Essas relações tomam formas diversas, e os diversos elementos da situação recebem, em ligação com uma ou outra forma, uma significação diferente. A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 128).

Assim, abordamos neste subcapítulo, essas condições de produção, especialmente no que se refere aos atores sociais envolvidos e às características da Revista *Nova Escola*.

O suporte de veiculação de ambos os gêneros é a revista que pertence à esfera jornalística, um periódico impresso especializado em Educação - conforme mencionado no capítulo três - e comporta discussões pertinentes à área educacional. É importante mencionar que a publicação possui um público de leitores bastante expressivo (tendo em vista a tiragem de mais de 800 mil exemplares). Está disponível para venda nas bancas, possui grande número de assinantes e é distribuída gratuitamente nas escolas da rede pública de ensino. Pressupomos, com esses dados, que ela circula nas escolas públicas, particulares e nos lares de milhares de professores e gestores educacionais do Brasil. Ela é, portanto, voltada a profissionais que possuem uma posição social na área educacional, ou seja, professores, coordenadores pedagógicos, diretores, entre outros envolvidos na comunidade escolar.

No que se refere aos editoriais, eles fazem parte da seção fixa da Revista que leva o nome de *Caro Educador* e são sempre assinados pelo diretor de redação, Gabriel Pillar Grossi. A fim de situar o leitor sobre o autor dos textos, apresentamos um breve currículo<sup>24</sup>: Grossi é jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhou numa afiliada da Rede Globo de Televisão, em Porto Alegre, e também num jornal chamado Diário

---

<sup>24</sup> Tais informações estão disponíveis em <http://www.megabrasil.com.br/congresso8/DetalhesPalestrante.aspx?idCur=183>, acesso em 29 de julho de 2011.

do Sul. No início de 1989 foi para São Paulo, onde trabalhou na Folha de São Paulo, no Jornal da Tarde e no O Estado de São Paulo, além de diversas revistas.

Munido de sua condição social de diretor de redação, Grossi assume autoridade na produção dos textos e, ao mesmo tempo em que deixa transparecer suas opiniões pessoais, reforça a posição social e ideológica do Grupo Abril. Dos 11 editoriais analisados, 10 estão assinados por Gabriel Pillar Grossi, apenas o texto do mês de maio de 2010 foi assinado pela redatora-chefe Denise Pellegrini.

Os editoriais aparecem sempre entre as primeiras páginas da Revista e, via de regra, defendem o tema principal da edição, com certo posicionamento sobre o assunto. Eles são compostos por poucos parágrafos – três ou quatro – e resumem o trabalho dos jornalistas na preparação das reportagens.

Já a seção *Caixa Postal* é o espaço que abriga as declarações, depoimentos, sugestões e críticas dos leitores. É um conteúdo pertencente às seções fixas, e surge imediatamente após o editorial. Em média, são publicados 12 depoimentos por edição, sendo, portanto, destinadas duas páginas para a seção. Na mesma página, constam ainda o expediente (local em que são trazidas as informações da empresa jornalística, tiragem, equipe de redação, etc.) e as erratas.

Todos os comentários são assinados (nomes reais ou fictícios, conforme a vontade do leitor), contendo ainda a cidade e o Estado do remetente, bem como o meio pelo qual o depoimento chegou à redação (via site, por carta ou por e-mail). Não há a publicação de comentários gerais sobre a Revista, apenas citações referentes à edição anterior, com opiniões dirigidas às matérias publicadas.

A disposição dos depoimentos é organizada por subtítulos, assim, se houver mais de um comentário sobre um determinado assunto, eles estarão agrupados.

A fim de incentivar a participação na seção de cartas do leitor, a produção da Revista escolhe um comentário para abrir a página (depoimento destaque) e um comentário classificado como “do mês”. Para ambos os casos, o autor do comentário selecionado ganha um livro. O depoimento destaque sempre comenta a reportagem principal da edição anterior, já o comentário do mês é geral, pode ser sobre qualquer assunto publicado.

Com base nos mais de 100 depoimentos publicados no período de novembro de 2009 a outubro de 2010, confirmamos a hipótese de que prevalece a participação/interação com professores ou profissionais da área, na maioria das vezes, mulheres. Eventualmente, surgem cartas de pais ou até mesmo de estudantes. Temos, então, no geral, interlocutores na posição de educadores, que falam desse lugar social de forma a deixar transparecer no discurso suas angústias, suas fragilidades, suas indignações, etc.

Apresentados esses elementos que são recorrentes em todas as análises, partimos para o estudo individual dos textos selecionados.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos as análises dos editoriais e das cartas dos leitores, observando os aspectos pertencentes às dimensões social e textual, conforme explicitado no capítulo referente à metodologia. Para facilitar o trabalho, dividimos as análises conforme as edições das revistas, fazendo uma breve descrição sobre o conteúdo principal tratado em cada edição e ressaltando alguns elementos presentes nas capas.

Inicialmente, apresentamos a capa das edições em análise com o intuito de contextualizar o leitor sobre os assuntos tratados na Revista, mas, principalmente, sobre o tema da reportagem de capa que, via de regra, é o tema escolhido para o editorial e, posteriormente, para as cartas dos leitores. Nessa perspectiva, discutimos brevemente o conteúdo temático de tais reportagens e refletimos sobre os elementos simbólicos presentes no discurso.

Depois, seguem as análises dos textos, começando pelos editoriais (devidamente ilustrados com imagens da edição impressa da Revista) e fechando com os depoimentos selecionados.

A fim de ilustrar a ordem das análises, apresentamos a seguir um quadro apontando a organização dos textos a serem analisados:

Quadro 09: Organização dos textos a serem analisados

<b>Edição</b>	<b>Mês</b>	<b>Tema principal</b>	<b>Título do Editorial</b>	<b>Depoimentos selecionados</b>	<b>Temas dos depoimentos</b>
Nº 226	Outubro 2009	Indisciplina	“Indisciplina: Causa ou sintoma?”		
Nº 227	Novembro 2009	Educação a Distância	“Um brinde aos professores”	4	Indisciplina
Nº 234	Agosto 2010	Leitura	“Trabalho em equipe”		
Nº 235	Setembro 2010			3	Leitura
Nº 236	Outubro 2010	Carreira do professor	“O professor do século 21”		
Nº 237	Novembro 2010			3	Carreira do professor

## 5.1 CONTEÚDO TEMÁTICO: INDISCIPLINA

Publicada em outubro de 2009, mês de comemoração do Dia dos Professores, a edição nº 226 teve como tema da reportagem de capa a *Indisciplina*, uma questão bastante discutida e presente no cotidiano dos profissionais da Educação.

A edição confere ao professor uma responsabilidade que – acreditamos - não é apenas dele. O texto faz referência aos problemas enfrentados em sala de aula e aponta alguns caminhos para que o professor reflita sobre o assunto, colocando-se “como parte da questão”. De início, o editor da Revista apresenta-se solidário ao educador, mas em seguida modifica o discurso com o intuito de chamar a atenção do professor e, devagar, vai “desmistificando” o termo indisciplina, chegando a considerá-lo como “doença crônica”, no sentido de sintoma resultante de toda a problemática enfrentada pelo sistema educacional brasileiro. O professor, então, é convidado a participar (ainda mais – como se não o fizesse) do problema a fim de combater a indisciplina em sala de aula. Para isso, além de suas obrigações rotineiras, o professor deve “rever posturas, mudar hábitos e colocar-se como parte da questão”. É preciso, ainda, chegar às verdadeiras causas e enxergar o que a escola está oferecendo ao aluno.

Após a leitura desse editorial fizemos o percurso óbvio: ler a matéria principal. Nela a imagem do educador aparece ainda mais “denegrada”: “o que se espera da escola é conhecimento. É isso que faz o aluno respeitar o ambiente à sua volta. Se a aula está um tédio, ele vai procurar algo mais interessante para fazer” (NOVA ESCOLA, 2009c, p. 81). Concluimos, portanto, que o tema é tratado de forma simplificada, desconsiderando fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que se estabelecem na relação escola-professor-aluno e que interferem positiva ou negativamente no cotidiano escolar. Assim, como alerta Machado (2007, p. 94): “Muitas vezes o verdadeiro “déficit” não está no professor, mas nas próprias prescrições ou nas condições de trabalho que impedem a realização de seu agir profissional e, portanto, o seu desenvolvimento particular”.

A capa (Figura 02) utiliza cores fortes com o objetivo de chamar a atenção do professor. Nela aparecem fitas amarelas entrecruzadas simulando uma amarração, com o título *Indisciplina – Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor*. Entendemos, portanto, que a Revista pressupõe que a indisciplina amarra o professor e que ele precisa se *livrar* desse “problema”. A palavra *livrar* possui uma forte conotação, um sentido de libertação, sugerindo algo que causa muito mal ao professor. É interessante observar que a publicação se coloca como uma conselheira do educador no enfrentamento desse problema, oferecendo um “como fazer”, uma “receita”, uma prescrição.

Figura 02: Capa da Revista *Nova Escola*, edição 226, Outubro/2009



Nessa relação de interação com o professor, a Revista apresenta uma reflexão que aguça a curiosidade de quem se depara com a imagem da capa: *Qual é a causa? Falta ou excesso de limites?*; *Conversa na aula, boné e briga: é tudo problema?*; *Será que a culpa é mesmo (só) dos alunos?*. Nesse discurso, observamos contra-argumentos que já dão a entender o tom da reportagem, ou seja, a Revista questiona/dialoga com o professor: será que a indisciplina também não poder ser excesso de limites?, será que conversa, boné e briga são tão ruins assim? e, ainda, será que só o aluno é culpado?.

A capa é realmente um convite para a leitura do conteúdo da reportagem principal. É o cartão de visitas, a primeira impressão e, muitas vezes, o elemento essencial para a recusa ou o aceite do convite.

## 5.1.1 Editorial “Indisciplina: causa ou sintoma?”

Figura 03: Editorial da Revista *Nova Escola*, edição 226, Outubro/2009

**Caro educador**  
Carta do editor

# INDISCIPLINA

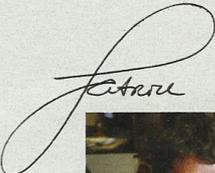
## Causa ou sintoma?

Qual é o principal problema que você encontra na sala de aula? Toda vez que essa pergunta é feita (em pesquisas com professores), alguns temas sempre surgem entre os mais votados: falta de motivação dos alunos, falta de participação dos pais, falta de infraestrutura e, claro, a famosa indisciplina. Na escola pública ou na particular, nas séries iniciais do Ensino Fundamental ou nos últimos anos do Médio, ela pode até apresentar-se de forma diferente, mas nunca deixa de ser uma preocupação para os gestores e a equipe docente. Tanto é assim que já virou quase um chavão afirmar que a indisciplina é uma das causas (senão a principal) do fracasso escolar brasileiro.

Será mesmo? Sob a coordenação da redatora-chefe, Denise Pellegrini, e do editor Ricardo Falzetta, NOVA ESCOLA passou os últimos dois meses ouvindo especialistas para discutir essa questão. E a apuração realizada pela editora Beatriz Vichessi e pelos repórteres Anderson Moço e Thais Gurgel mostra claramente que, hoje, a indisciplina é muito mais um reflexo dos problemas enfrentados por nosso sistema educacional – é sintoma, não causa.

O que a reportagem da página 78 mostra, para ficar na metáfora da área médica, é que a indisciplina não é um problema pontual, que se resolve com um remédio já conhecido (algo como engessar o braço para fixar um osso quebrado). Ela está mais para uma doença crônica, que se manifesta de diversas maneiras e nem sempre pode ser totalmente curada, podendo voltar a aparecer a qualquer momento. Combatê-la, portanto, exige pensar além de fórmulas mágicas – exige mudar hábitos, rever posturas e, numa abordagem que tem um toque psicanalítico, colocar-se como parte da questão. O essencial é chegar às verdadeiras causas, que incluem enxergar o que a escola está oferecendo a todos os alunos, para fazer com que a indisciplina deixe de ser esse enorme fantasma que assombra nossas salas de aula e se torne o que de fato é: uma manifestação natural das crianças e jovens, que pode e deve ser controlada.

Um grande abraço,




EMÍLIA BRANDÃO  
**GABRIEL PILLAR GROSSI**  
Diretor de Redação

**NOVEMBRO 16**  
É o dia em que nossa próxima edição estará nas bancas

### ESTE MÊS NAS BANCAS

Os especiais *Prova Brasil* e *Matemática* já estão à venda. E o número 4 de nossa *GESTÃO ESCOLAR* tem lançamento dia 23. Reserve já seus exemplares



R\$ 4,90



R\$ 11,90



R\$ 5,80

Observando o contexto social mais amplo, conforme as orientações metodológicas de Bakhtin/Voloshinov, em que “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p.128), iniciamos essa análise com reflexões sobre alguns elementos externos ao texto, mas que determinam o sentido e a leitura do editorial.

Começamos, portanto, pelo termo *Indisciplina*, tema escolhido para a reportagem de capa dessa edição da publicação. Segundo descrição de Ferreira, indisciplina é “procedimento, ato ou dito contrário a disciplina; desobediência; desordem; rebelião” (FERREIRA, 2004, p.1096). Mesmo que, etimologicamente o termo não tenha ligação direta com a Educação, atualmente quando falamos ou ouvimos essa palavra logo pensamos na relação aluno-professor-ambiente escolar. Assim, temos que a palavra indisciplina adquiriu um sentido social, tendo em vista questões históricas e culturais.

É o que o próprio Bakhtin/Voloshinov (2010a), confirmam:

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística da enunciação de que falam os vosslerianos, constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p.117)).

Nesse sentido, vemos na situação de produção desse texto uma permissão social obtida por meio da esfera jornalística que ampara o suporte mídia revista especializada em educação que, por sua vez, comporta e abriga o gênero editorial como elemento pertencente ao jornalismo opinativo. Essa relação caracteriza um dado momento de produção em que se discute o tema indisciplina, buscando cativar o leitor/professor para o conteúdo que se segue. Assim, o tema abordado era abrangente, pertinente, atual e discutível naquele momento em que o texto foi produzido e também no momento de interação com o leitor.

A indisciplina é uma questão do mundo social e envolve, ainda, outros agentes sociais, como a família. O depoimento apresentado a seguir demonstra que o entendimento dos pais e, por extensão, da sociedade em geral, também influencia no tratamento dessa problemática na escola:

Eu e minha esposa lemos o texto sobre indisciplina e adoramos – até fizemos cópias para a equipe da escola do nosso filho de 17 anos. Recentemente, ele foi repreendido pela coordenadora e até suspenso das aulas por estar fumando, fora da escola e ao ar livre. Por isso, penso que a discussão sobre o

assunto precise ultrapassar os muros da escola (NOVA ESCOLA, 2009b, p. 16, 18).

Além de ler, compreender e concordar com a opinião da Revista, o casal leitor assume esse mesmo discurso e faz questão de propagá-lo. A voz exposta é de alguém que está do outro lado da situação, ou seja, do lado dos alunos, participando do seu dia-a-dia e ouvindo a sua versão das coisas. Aparentemente, são pais liberais, pois permitem que o filho de 17 anos fume e não aceitam a repreensão da coordenadora já que o filho cometeu o ato fora da escola.

Sendo o tema um conteúdo sócio e ideologicamente marcado entre as discussões pertinentes ao ramo educacional, ele se torna um elemento da ordem do dizível, ou seja, é permitido aos interlocutores do discurso que digam algo sobre esse assunto, adaptando-o ao gênero selecionado com o devido suporte de divulgação.

Antes de partirmos efetivamente para a análise, cabem algumas colocações sobre os parceiros da comunicação. O editorial está assinado pelo diretor de redação, o qual também chamaremos de editor, que representa a posição da empresa onde trabalha, ou seja, editora Abril. Seu discurso é voltado diretamente ao professor, especialmente ao professor em atividade e que convive direta ou indiretamente com a indisciplina. A imagem que o editor parece fazer do professor é a de um profissional que não sabe lidar com o “problema” e que, portanto, precisa ler a reportagem principal e perceber que a indisciplina não é um *enorme fantasma*.

Essa interação com o leitor fica marcada logo no primeiro parágrafo, quando o editor chama o educador por *você*: *Qual é o principal problema que você encontra na sala de aula?*. Nesse processo interativo fica claro que o editor está direcionando seu discurso para o professor ou profissional da área. Qualquer outro eventual leitor da Revista fica de fora desse “diálogo”. Mesmo mantendo impessoalidade, fornecendo dados objetivos e informações adicionais, fica claro que a postura tomada é a de que a equipe redacional é solidária ao professor na questão da indisciplina. Após esse primeiro contato com o leitor, o editor defende a relevância de se discutir o tema, afirmando ser a indisciplina uma preocupação constante dos profissionais da área. O uso do termo *Tanto é assim* assegura essa relevância, é um recurso de conexão que confere coerência ao texto e marca uma relação entre as suas partes, conforme os mecanismos de textualização apresentados por Bronckart (2009):

Os mecanismos de conexão contribuem para marcar as grandes articulações da progressão temática e são realizados por um subconjunto de unidades, a que chamamos de organizadores textuais. Esses organizadores podem assinalar as transições entre os tipos de discurso constitutivos de um texto, entre frases de uma sequência ou de uma outra forma de planificação e

podem ainda assinalar articulações mais locais entre frases (BRONCKART, 2009, p. 263).

Para tratar do tema, o editor utiliza o que ele mesmo denomina *metáfora médica* e constrói o texto promovendo uma breve discussão em torno de que a indisciplina se caracterizaria como causa ou como sintoma. O próprio título do editorial estampa essa dicotomia. Fazendo uma analogia entre metáfora médica e os termos causa e sintoma, podemos subentender que o sistema educacional brasileiro é a “doença”, da qual a indisciplina pode ser tanto causa, como sintoma, dependendo do entendimento das partes. Pelo discurso apresentado no editorial, percebemos que, na visão dos professores, a indisciplina é tida como causa, já na visão da Revista e da equipe jornalística ela é apenas sintoma: *a indisciplina é muito mais um reflexo dos problemas enfrentados por nosso sistema educacional – é sintoma, não causa* (NOVA ESCOLA, 2009a, p.10). Aí encontramos a posição da Revista, conforme característico do editorial, em afirmar que a indisciplina é sintoma e, assim, tanto o editorial como a reportagem são construídos, com o intuito de convencer o leitor dessa conclusão.

Se num primeiro momento o editor se solidariza com o professor chegando a fazer crer que a indisciplina é causa, no segundo parágrafo a pergunta *Será mesmo?* sugere uma mudança no discurso. O autor começa a defender o trabalho realizado pela equipe de repórteres, narra o processo de busca de informação com o objetivo de convencer o leitor a conferir a reportagem de capa: *NOVA ESCOLA passou os últimos dois meses ouvindo especialistas para discutir essa questão*. Tal estudo, segundo o editor, concluiu que a indisciplina é *reflexo dos problemas enfrentados por **nosso** sistema educacional*. Nesse trecho, destacamos o uso do pronome possessivo *nosso*, que indica proximidade entre a publicação e o leitor, pois o editor coloca-se como membro integrante do sistema educacional. Outro fator a ser destacado é a personificação da Revista, como se a própria *Nova Escola* tivesse colhido as informações, fato este que foi desenvolvido por uma equipe jornalística pertencente ao grupo. Com certeza, fica claro para o leitor que o editor está usando o nome da Revista para representar toda a equipe, porém, podemos entender essa atitude como um recurso de valorização do periódico, pois o termo inclusive está grafado em letras maiúsculas.

No terceiro parágrafo, além de apresentar parte dos resultados das pesquisas feitas pelos repórteres, o editor mostra caminhos para o enfrentamento do problema: *mudar hábitos, rever posturas e colocar-se como parte da questão*. Podemos inferir, por meio do uso dos verbos no infinitivo (mudar, rever) que o editor espera uma ação por parte do leitor. É evidente que essas atitudes são voltadas ao professor, ou seja, é o educador que deve colocar-

se como parte da questão, é ele que deve agir conforme as indicações da Revista. Nesse parágrafo, observando os mecanismos enunciativos, percebemos que a voz enunciativa do autor do texto apresenta comentários que deixam clara sua posição referente ao problema. É o que Bronckart (2009) chama de modalização lógica, pois o autor faz uso de elementos avaliativos com base no seu ponto de vista, naquilo em que acredita como ser verdade:

As modalizações lógicas consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada em critérios (ou conhecimentos) elaborados e organizados no quadro das coordenadas formais que definem o **mundo objetivo**, e apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc. (BRONCKART, 2009, p. 330).

O uso do termo *exige*, defendendo a necessidade de mudança e conferindo força ao seu discurso, cumpre essa função. O mesmo ocorre em *O essencial é chegar às verdadeiras causas* e em *a indisciplina deixe de ser esse enorme fantasma que assombra nossas salas de aula e se torne o que de fato é*.

A opinião do editor - que representa a linha editorial da Revista - fica expressa nesse parágrafo. Segundo ele, a indisciplina é “de fato” *uma manifestação natural das crianças e jovens*. Assim, os profissionais da Educação devem deixar de considerá-la como um “enorme” fantasma e tratá-la como algo natural, mas que *pode e deve ser controlado*. Porém, contraditoriamente, cabe lembrar o conteúdo da capa em que o convite é para que o professor se “livre” da tal amarra. Bem, se a indisciplina é algo natural, o professor não precisa livrar-se dela, mas sim conviver de forma a não prejudicar nem o seu e nem o desempenho do aluno.

Por uma análise geral do texto, destacamos as ocorrências da palavra-tema do editorial: a *Indisciplina*. Ao todo, são oito ocorrências do termo, algumas representadas por sintagmas nominais, ou seja, por elementos que tornam possível a retomada ou substituição do termo inicial, conforme o mecanismo de coesão nominal. Por cinco vezes o autor utiliza o termo indisciplina, duas vezes é substituído pelo pronome da terceira pessoa do singular *Ela* e uma vez é substituído pelo termo *essa questão*. O texto do editor também confere qualidades para a palavra indisciplina: *famosa indisciplina, enorme fantasma e manifestação natural das crianças e jovens*.

O predomínio de verbos no presente do indicativo (*encontra, é, resolve, está, etc.*) demonstra uma temporalidade atual, ou seja, a pertinência do tema.

Também a respeito dos mecanismos enunciativos presentes no texto, segundo orientações metodológicas de Bronckart (2009), consideramos que há diversas vozes sociais constituindo o discurso. Além da voz do autor empírico – o editor – percebemos a voz social

da própria empresa jornalística, uma vez que a posição social do editor permite essa afirmação. Há também a voz de outros participantes, como a equipe de jornalistas envolvidos (repórteres, redatores, editores) e suas fontes (os especialistas ouvidos). Podemos dizer que há, inclusive, a voz do próprio leitor. Quando o editor afirma que a indisciplina é uma manifestação natural, imaginamos a possibilidade de uma reação de indignação do professor que lê o desfecho do texto e que convive diariamente com a questão. Adiantando-se, portanto, o autor complementa: que *pode e deve ser controlada*. Como propriamente característico do gênero editorial ou carta ao leitor, o falante destina o seu discurso a um interlocutor específico e este, por sua vez, possui ativa compreensão responsiva, conforme afirmou Bakhtin (2010b).

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2010b, p. 302).

Assim, o falante promove uma antecipação ao que o seu destinatário poderia pensar ao ler o editorial.

Com relação aos aspectos formais do editorial, seguindo a classificação proposta por Beltrão (1980), temos que o presente texto possui um conteúdo normativo, pois o autor tenta convencer o leitor a agir de determinada maneira. No que se refere ao estilo, o texto compreende o estilo intelectual, pois oferece considerações da ordem da razão, mas possui um tom emotivo, buscando atingir a sensibilidade do leitor que está diretamente envolvido com a questão da indisciplina. Quanto à natureza, o editorial apresenta-se como promocional ao colocar em pauta um assunto polêmico e propor certas atitudes conforme a política editorial da Revista.

De forma a fechar tais considerações apresentamos os seguintes elementos com relação ao texto analisado: A Revista *Nova Escola*, dadas as suas condições e características, confere ao seu editor a permissão/o poder de falar em seu nome sobre o tema Indisciplina, através do gênero editorial, reportando-se aos leitores (em sua maioria, professores). Dessa maneira, com o propósito inicial de apresentar o conteúdo da edição, o editor assume a posição de quem dá valor ao trabalho de sua equipe e, para tanto, tenta convencer os leitores das conclusões obtidas na reportagem.

### 5.1.2 Seção Caixa Postal

Como já foi dito anteriormente, a seção *Caixa Postal* por meio das cartas dos leitores, é o espaço destinado à participação do leitor, promovendo uma interação direta com a equipe da Revista. Os depoimentos que serão aqui analisados referem-se ao tema Indisciplina, de acordo com o editorial analisado anteriormente.

Na edição nº 227, de novembro/2009, encontramos os três tipos de depoimentos, conforme procedimento de seleção adotado e já mencionado em capítulo anterior: depoimento destaque, depoimento de resistência e depoimento de reprodução, todos referentes à edição anterior, nº 226. Para a análise, utilizamos os conceitos classificatórios quanto ao aspecto formal das cartas dos leitores, segundo abordagem de Beltrão (1980), em seguida partiremos para os mecanismos enunciativos de Bronckart (2009), discutindo as vozes sociais presentes no discurso, especialmente as modalizações dessas vozes, que contribuem no processo de interpretação do conteúdo apresentado. Frisamos, ainda, que nas análises dos depoimentos não nos ateremos aos mecanismos de textualização, pois os depoimentos selecionados são muito breves para tratar de organizadores textuais que são responsáveis por uma linearidade nos textos.

É o que explica Bronckart:

Enquanto os mecanismos de textualização, que marcam a progressão e a coerência temáticas, são fundamentais articulados à linearidade do texto, as modalizações por sua vez, são relativamente independentes dessa linearidade e dessa progressão; as avaliações que traduzem são, ao mesmo tempo, locais e discretas (...) Portanto, as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático (BRONCKART, 2009, p. 330).

O texto escolhido como destaque pela própria Revista apresenta a seguinte afirmação<sup>25</sup>:

O que muitas vezes parece ser malcriação ou desinteresse total dos alunos se mostra como um sintoma de práticas ineficazes do sistema escolar (NOVA ESCOLA, 2009c, p. 16).

---

<sup>25</sup> Por uma questão estética, promovendo uma melhor visualização para o leitor, todos os depoimentos selecionados para análises estão destacados em recuo.

Este texto foi enviado por uma leitora, via e-mail e caracteriza-se por ter um conteúdo ilustrativo, uma vez que ratifica o discurso da reportagem ao mesmo tempo em que a complementa, comentando sobre uma suposta ineficácia do sistema escolar. É um discurso impessoal na medida em que a leitora não utiliza a primeira pessoa nem transmite algum juízo pessoal sobre a questão da indisciplina. Podemos pressupor que por essa impessoalidade e também por fornecer uma espécie de reflexão sobre o problema da indisciplina este depoimento foi o escolhido para aparecer em destaque. Dessa forma, a opinião estampada surge como algo leve, sem criticar a matéria e sem elogiá-la em demasia. Por meio do depoimento não fica claro se a leitora é professora, alguém da área educacional ou simplesmente uma leitora sem qualquer ligação direta com o ramo educacional.

Mesmo sendo impessoal, o comentário possui vozes sociais falando no discurso. Além da voz da autora do depoimento, ou seja, pessoa talvez ligada à educação, temos a voz da comunidade escolar em geral, com a utilização dos termos *malcriação* e *desinteresse total*, tão comumente reproduzidos na instituição escolar. Há, ainda, a voz da própria Revista, pois ao comentar a reportagem publicada a autora se apropria do termo *sintoma* adotado pela equipe de reportagem na produção do texto anterior. Conforme afirma Bakhtin: “as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais” (BAKHTIN, 2010b, p. 293).

No momento em que a leitora diz *o que muitas vezes parece ser malcriação ou desinteresse*, ela está se referindo à indisciplina. Portanto, ela concorda com o discurso da Revista de que a indisciplina é um sintoma do sistema escolar e assim deve ser encarada pelo professor, ou seja, esse é o agir esperado, que ele a encare como algo natural.

No que se refere às modalizações, o depoimento encaixa-se na modalização lógica, pois a leitora faz uma avaliação do tema amparada em valores do *mundo objetivo*, como se a sua visão – ou no caso, a da Revista apenas ratificada – tivesse uma condição total de verdade. Essa afirmação está amparada no trecho em que ela afirma que a indisciplina é *um sintoma de práticas ineficazes do sistema escolar*.

Seguindo para os depoimentos de resistência encontramos dois na referida edição:

- 1) Conforme sugerido na reportagem de capa de outubro, tento colocar em prática a gestão de conflitos, mas somos seres humanos e tudo tem limites. Às vezes, perdemos o controle – e por que isso não é visto como natural? (NOVA ESCOLA, 2009b, p. 16).

2) O professor não é onipotente para solucionar tudo. Vários fatores levam à questão da indisciplina, como a falta de políticas visando à qualidade da Educação e a má formação docente (NOVA ESCOLA, 2009b, p. 18).

O primeiro elemento a ser destacado é a presença de dois depoimentos que apresentam certo tipo de crítica e reflexão sobre a postura adotada pela Revista na produção da reportagem. Por análises gerais de outras edições verificamos que são raros os depoimentos contrários à opinião da publicação. Por outro lado, o número de opiniões apresentadas sobre a reportagem da indisciplina – 11 depoimentos - foi consideravelmente grande se comparado às outras publicações. Acreditamos que isso se deva à relevância e pertinência do tema, bem como a uma maior circulação do periódico entre os profissionais da educação por ser a publicação do mês de outubro.

O depoimento 1, enviado via site por uma leitora da cidade de São Paulo, evidencia que a mesma é do ramo educacional. Não está claro se é professora, coordenadora pedagógica ou diretora escolar, mas é alguém ligado à Educação pois ela admite praticar a gestão de conflitos em seu agir de trabalho. O conteúdo do texto é totalmente opinativo, pois a leitora tanto concorda com o discurso da Revista que, conforme sugerido pela publicação, pratica a gestão de conflitos. Porém, num segundo momento ela aponta uma reflexão e contesta as considerações expostas pela reportagem ao mencionar que o professor é um ser humano e tem direito de perder o controle. Assim, se a indisciplina é tida como algo natural, por que certas atitudes do professor também não podem ser vistas assim? Ou, ainda, por que essas atitudes também não são consideradas como sintoma de problemas de ordem maior? O tom do texto permeia o desabafo de um profissional que conhece a realidade, até concorda com a teoria sobre o tema, mas, por estar diretamente envolvido, sabe que a situação não é tão simples. Ou seja, o professor não pode ser responsabilizado por todos os problemas educacionais, pois não é um super-herói, capaz de resolver tudo sozinho.

O uso da primeira pessoa do singular evidencia a opinião da leitora. O tom apreciativo fica marcado pela indignação sobre o fato de o professor não poder “perder o controle”. Nesse caso, a posição social da autora prevalece no discurso.

Mesmo falando em seu próprio nome, a educadora carrega no seu discurso vozes de diversos profissionais da área. Essa marcação enunciativa pode ser caracterizada pela modalização apreciativa, em que a autora do depoimento se apóia em valores subjetivos de sua condição de professora. Segundo Bronckart (2009, p.330), “as modalizações têm como

finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”.

Já o depoimento 2, também enviado via site, é de uma leitora de Martinópolis, interior do Estado de São Paulo, que não se identifica como professora ou profissional da área. Dessa vez, o discurso de resistência é menos pessoal, sem o uso da primeira pessoa. Logo de início ela afirma que o professor não é onipotente, atentando para o teor da reportagem publicada que insistiu em delegar funções e funções ao professor no combate à indisciplina. Além de dizer que não cabe ao educador a missão de resolver tudo, ela alerta para outros fatores que também levam à indisciplina. A leitora emite sua opinião e apresenta um novo ponto de vista que deve ser considerado pelos demais leitores da Revista, principalmente para aqueles que leram a reportagem citada. Mesmo sendo caracterizado como discurso de resistência, vemos que a leitora não utilizou termos que fossem diretamente contrários e discordantes da matéria jornalística, mas ela deixou transparecer certa insatisfação por reforçar que a indisciplina não será solucionada apenas com a mudança de atitude do professor.

A modalização da voz enunciativa encaixa-se, conforme os procedimentos metodológicos de Bronckart (2009), como uma modalização deôntica, em que a autora utiliza valores do mundo social para defender sua posição.

Partindo para o depoimento de reprodução, selecionamos o de uma coordenadora pedagógica de Belo Horizonte, que o enviou por e-mail. O texto está escrito em primeira pessoa e a leitora assume sua posição social perante a escola:

Sou coordenadora pedagógica e vejo como para alguns educadores é difícil compreender o universo da criança e do adolescente e conviver com isso. Aí se inclui a indisciplina, tema abordado na reportagem de capa de outubro e uma bela referência para essa reta final de ano escolar (NOVA ESCOLA, 2009b, p.18).

Inicialmente percebemos a preocupação da autora em colocar-se como conhecedora da realidade quando se trata da indisciplina: *vejo como para alguns educadores é difícil compreender o universo da criança e do adolescente e conviver com isso*. Com esse discurso, ela apresenta-se solidária aos educadores pois sabe que essa não é uma questão muito simples de ser solucionada. Até esse ponto seu agir é o de alguém da área educacional que se preocupa em conhecer e compreender a situação dos alunos. Porém, quando ela afirma que a reportagem da Revista é uma *bela referência*, está apresentando um outro tipo de agir, na verdade um modelo de agir, para todos os educadores de sua escola. Isso ocorre porque, estando a autora na posição social de coordenadora pedagógica, ou seja, quem oferece

assistência e apoio pedagógico ao corpo docente, ela o influencia a agir desse ou daquele modo.

O que fica marcado no agir presente no discurso é a reprodução do entendimento de que a indisciplina é uma manifestação natural, que faz parte do universo de crianças e jovens e que o professor precisa conviver com isso.

## 5.2 CONTEÚDO TEMÁTICO: PRÊMIO VICTOR CIVITA

Com a proposta de apresentar os mitos e as verdades da Educação à Distância (EAD), a edição nº 227, de novembro de 2009, da Revista *Nova Escola* dedicou oito páginas ao assunto. A justificativa pela escolha do tema está na própria abertura da reportagem: “De 2000 para cá, a EAD cresceu espantosos 45.000% em número de alunos no país” (NOVA ESCOLA, 2009b, p. 52). De forma pontual, a edição discute 16 pontos polêmicos da EAD classificando-os como mito ou verdade. Alguns desses pontos, inclusive, aparecem na capa em forma de perguntas.

Além de apresentar um tema atual, sugerido por leitores da Revista, a edição evidencia a importância do uso da tecnologia na Educação. O próprio projeto gráfico da capa (Figura 04) foi feito nesse sentido, simulando ícones e elementos da área da informática, como cursor, janelas e subjanelas, etc. As discussões do texto giram em torno dos temas: pré-requisitos para a matrícula, qualidade pedagógica, rotina do aluno, estrutura e corpo docente, perspectivas para o formado.

Observando o contexto social mais amplo, essa apresentação e reflexão do tema da edição e da capa servem como uma contextualização das discussões pertinentes à área educacional naquele dado momento e também para embasar o conteúdo do editorial que será analisado a seguir. Porém, neste caso específico, o editorial publicado não tomou o tema da reportagem de capa como seu tema, por isso não nos atermos em profundidade no assunto Educação a Distância e no tratamento dado a esse conteúdo.

O que é interessante frisar sobre essa edição é a iniciativa do grupo Abril em incentivar o uso das tecnologias de informação na Educação, uma característica já observada por qualquer leitor assíduo do periódico.

A fim de justificar o tema escolhido para o editorial, a edição inclui uma reportagem sobre o *Prêmio Victor Civita*, intitulada *Uma festa nota 10*, em que os repórteres da equipe contaram, em detalhes, como foi a entrega do prêmio aos educadores vencedores do ano de

2009. Conforme a reportagem, o evento aconteceu em 19 de outubro de 2009, na capital paulista e reuniu mais de mil pessoas.

Figura 04: Capa da Revista *Nova Escola*, edição 227, Novembro/2009



Esse, portanto, foi o tema presente no editorial dessa edição, conforme análise a seguir.

## 5.2.1 Editorial “Um brinde aos professores”

Figura 05: Editorial da Revista Nova Escola, edição 227, Novembro/2009

# Caro educador

Carta do editor



MAQUEL ESPRIRTO SANTO

**GRUPO DE RESPEITO**  
 A equipe de NOVA ESCOLA e da FVC comemora com os 11 vencedores do Prêmio

# Um brinde aos professores

**R**espeito, valorização, profissionalismo. Quando penso na atividade docente, vejo que é impossível separar as três expressões. O bom professor é reconhecido assim porque desempenha sua função com profissionalismo. Com isso, conquista o respeito de colegas e alunos – o que faz com que seja (e se sinta) valorizado, num ciclo virtuoso.

Neste mês, essa agenda positiva se faz mais presente. Destaco o Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10. Em sua 12ª edição, ele foi entregue no

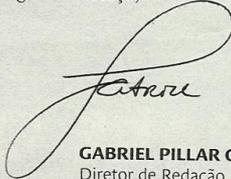
último dia 19 para dez professores e um gestor numa festa em São Paulo.

Ano após ano, o envolvimento de toda a nossa equipe mostra que, para tratar com o devido respeito os quase 4 mil educadores inscritos, é preciso atuar sempre com profissionalismo (para escolher os trabalhos, falar com os inscritos durante a seleção, visitar os vencedores e, finalmente, recebê-los em São Paulo).

A soma desses dois fatores faz com que não apenas esses craques da sala de aula sejam valorizados. Também nós percebemos que o nosso dia a dia profissional ganha mais valorização. A foto acima,

que mostra os 11 Educadores Nota 10 e a equipe da Fundação Victor Civita (FVC) e de NOVA ESCOLA, é uma pequena amostra da alegria e da sensação de dever cumprido. A todos os professores brasileiros, parabéns. E muito obrigado.

Um grande abraço,



**GABRIEL PILLAR GROSSI**  
Diretor de Redação

**DEZEMBRO**  
**14**  
É o dia em que nossa próxima edição estará nas bancas

## ESTE MÊS NAS BANCAS

O especial *Matemática* e a quarta edição de *GESTÃO ESCOLAR* já estão à venda. Reserve seus exemplares



R\$ 11,90



R\$ 5,80

Especial  
Ler em Todas  
as Disciplinas  
chega às bancas  
dia 27 de novembro

Diferentemente de outras edições, esta carta do editor não apresenta – aliás, nem menciona – o conteúdo da reportagem principal. O tema do editorial (Imagem 05) é o *Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10*, promovido pela Revista em parceria com a Fundação Victor Civita, no qual as iniciativas dos professores são premiadas mediante concurso<sup>26</sup>.

O título *Um brinde aos professores* já marca um tom de comemoração e homenagem. Começamos por ele, portanto, levando em conta os aspectos do contexto social mais amplo. O termo **brinde** nos remete, primeiramente, a comemoração, pois apresenta o sentido de saudação a algo ou alguém durante o ato de beber. Pensando no verbo brindar, temos, segundo Ferreira (2004): “1. Dirigir um brinde a; beber à saúde de, ou pelo bom êxito de. 2. Dar ou oferecer brinde a; presentear, mimosar” (FERREIRA, 2004, p. 329). Assim, a palavra brinde pode tanto significar o ato de brindar a premiação dos professores, como pode nos remeter a um “mimo” oferecido a eles. No entanto, pela situação de produção do discurso, ou seja, uma Revista que fala de um prêmio organizado por ela mesma, o sentido pretendido é o de comemoração e homenagem aos participantes e finalistas do concurso.

Isso fica marcado logo no início do editorial, em que o editor faz uma breve abertura sobre o que é ser professor:

Respeito, valorização, profissionalismo. Quando penso na atividade docente, vejo que é impossível separar as três expressões. O bom professor é reconhecido assim porque desempenha sua função com profissionalismo. Com isso, conquista o respeito de colegas e alunos - o que faz com que seja (e se sinta) valorizado, num ciclo virtuoso (NOVA ESCOLA, 2009b, p. 12).

Como característico do periódico, que procura incentivar e motivar o professor, o autor do texto evidencia a valorização profissional, tema que incomoda bastante os professores atualmente, tendo em vista a baixa remuneração, a falta de infraestrutura nas escolas, etc. Assim, ele deixa claro que apenas o bom professor, ou seja, aquele que age com profissionalismo, conquista o respeito de colegas e alunos e consegue ser valorizado. Com isso, o editor pretende influenciar o agir do educador. Sabemos que embora a iniciativa da Revista em premiar ideias inovadoras seja louvável, a realidade na prática é muito diferente. Custa-nos acreditar que o professor só não é valorizado porque não faz por merecer. Muito pelo contrário, acreditamos que muitos profissionais chegam às salas de aula munidos de boa vontade, conhecimento, criatividade e profissionalismo, e ainda assim não são valorizados.

Conforme reflexão de Bueno (2007), a Revista apresenta a imagem estereotipada de um professor voluntarioso, que poderá reproduzir os projetos premiados:

---

<sup>26</sup> Informações sobre o prêmio constam no subitem 4.1. desta dissertação.

O professor presumidamente voluntarioso de *Nova Escola* absorve os efeitos das demandas repressivas impostos pelo ritmo de acumulação de capital como um problema exclusivamente seu, a ser resolvido por meio de exercícios de ioga que aliviam o sofrimento físico e mental; sua atuação como cidadão restringe-se à mobilização da comunidade para compensar a atuação precária do Estado mínimo; carente de experiências bem sucedidas que possam modelar sua prática e motivá-lo para a dureza da vida docente, encontra em *Nova Escola* premiações que talvez poderão mitigar suas frustrações (BUENO, 2007, p. 305).

O discurso da Revista fica na ordem do “faça a diferença” e concorra ao nosso prêmio. Se, por um lado, isso incentiva a busca de novas práticas, de atualização profissional - o que é extremamente positivo - por outro inibe a autonomia do professor no sentido de que ele mesmo possa rever suas metodologias e criar novas maneiras de aplicação do conteúdo, levando em conta a realidade dos seus alunos e as características de cada turma.

No parágrafo seguinte, o autor narra o evento realizado recentemente, justificando assim, a pertinência de falar do assunto. Nesse ponto fica evidente duas temporalidades: o momento da produção do texto, em que o editor usa o presente do indicativo (*penso, vejo, é, conquista, faz*) e o momento passado, referindo-se à entrega da premiação, bem como ao trabalho da equipe da Revista durante o processo de seleção. Tais temporalidades são mecanismos de coesão verbal marcados pelos tempos verbais, os quais contribuem para a compreensão da organização temporal dada ao texto<sup>27</sup>. O trecho *Ano após ano, o envolvimento de toda a nossa equipe mostra que*, permite pensar que este trabalho possui uma longa caminhada e que a equipe responsável está devidamente capacitada para a seleção.

No parágrafo final, o autor continua a falar de valorização, mas dessa vez, inclui a valorização de seu próprio agir e do agir da equipe que realiza o prêmio: *A soma desses dois fatores faz com que não apenas esses craques da sala de aula sejam valorizados. Também nós percebemos que o nosso dia a dia profissional ganha mais valorização*. Ele, portanto, encerra a carta destacando o sucesso do evento que conferiu *alegria e sensação de dever cumprido*. Por fim, parabeniza todos os professores brasileiros, mesmo que apenas 11 deles tenham sido premiados.

A voz do autor empírico, ou seja, do editor fica marcada logo no primeiro parágrafo pelo uso da primeira pessoa do singular. Dessa maneira, o autor profere o discurso com autoridade e fala do ofício do professor na posição social de editor de uma revista

---

<sup>27</sup> Segundo Bronckart (2009), os mecanismos de coesão verbal estão mais relacionados aos tipos de discurso, os quais não se encaixam como elementos de análise no presente estudo. Portanto, nas análises correntes apenas mencionaremos as temporalidades existentes de forma sucinta e independente do tipo de discurso pertencente.

especializada em Educação, assim, fala na voz de quem tem poder para isso. Em seguida, para falar da premiação e comentar sobre o envolvimento da equipe, ele assume a impessoalidade. Por fim, a voz do autor volta a aparecer nos dois últimos parágrafos com o uso do *Nós*, em que vemos representada a voz do editor e a voz de sua equipe de redação. Assim, se concretiza o que diz Bronckart (2009):

À primeira vista, é o autor (ou o agente-produtor do texto) que assume ou se posiciona em relação ao que é enunciado (...) a identificação dos posicionamentos enunciativos, entretanto, é um problema bastante complexo: ao produzir seu texto, na verdade, o autor cria, automaticamente, um (ou vários) mundo(s) discursivo(s), cujas coordenadas e cujas regras de funcionamento são “diferentes” das do mundo empírico em que está mergulhado. Assim, é a partir desses “mundos virtuais”, e mais especificamente a partir das instâncias formais que os regem, que são distribuídas e orquestradas as vozes que se expressam no texto (BRONCKART, 2009, p. 130).

O tom apreciativo do enunciador pode ser percebido pelo uso dos verbos *penso*, *vejo* na abertura do texto, e também no final da carta, em que o editor manifesta alegria e sensação de dever cumprido.

No aspecto estrutural, o editorial possui um conteúdo informativo, pois fornece informações sobre o que é o prêmio, mas também é normativo pois busca convencer o professor a fazer parte do evento. O estilo é, sem dúvida, emocional; na medida em que recorre à sensibilidade do professor/leitor tão “faminto” de valorização. Quanto à natureza do editorial, ele apresenta-se como circunstancial, pois objetiva ressaltar um determinado evento, no caso, o *Prêmio Victor Civita*.

Percebemos, portanto, que o texto analisado reforça uma ação da equipe de produção da Revista, que é o *Prêmio Victor Civita*, e até assume uma posição publicitária, marcando o sucesso do evento, no qual quase quatro mil educadores se inscreveram. Para resumir, é como se o editor simplesmente dissesse: Você, professor, o que está esperando para participar?

### 5.3 CONTEÚDO TEMÁTICO: LEITURA

O tema escolhido para a reportagem de capa da edição nº 234, de agosto de 2010, da Revista *Nova Escola*, foi Leitura. Com a proposta de auxiliar o professor a “criar o hábito da leitura” nos alunos, a reportagem aponta caminhos a serem seguidos pelo educador.

Antes de entrarmos no conteúdo abordado na matéria interna, cabe apresentar uma breve descrição da capa da Revista (Figura 06) ressaltando alguns elementos que contribuem para o entendimento da proposta. Ocupando grande parte da capa está um grande livro formado por diversas palavras pertencentes à esfera escolar, como diversidade, literatura, conhecimento, escola, leitura, acesso, diálogo, etc. Na mesma imagem aparecem expressões direcionadas ao professor, como se fossem objetivos de um plano de aula, tais como: *dialogar sobre as obras, indicar e trocar livros, ajudar o aluno a construir sua autonomia como leitor, incentivar a turma a ler sempre, criar comunidades de leitores, organizar rodas de leitura e fazer da leitura literária uma atividade cotidiana*. Observamos que todos os verbos estão no infinitivo e se apresentam como tarefas a serem cumpridas pelo profissional de sala de aula, ou seja, tais elementos interferem no agir do professor, pois na relação de interação o periódico se coloca como um manual didático, oferecendo dicas e passos a serem seguidos. Para completar a imagem, aparecem alunos, mais especificamente, duas crianças (um menino e uma menina), uma adolescente e um jovem, todos com livros nas mãos. No canto inferior esquerdo está uma mulher, supostamente uma professora, também com um livro aberto e fazendo a leitura do mesmo.

O título, ou manchete de capa – como também pode ser chamado no jornalismo – aparece em destaque, com letras vermelhas: *Ler na escola*, acompanhado pelo subtítulo explicativo: *Por que é preciso ir além dos questionários e resumos para criar o hábito da leitura entre alunos e professores*. Com esse discurso, o periódico pode ser comparado a uma ferramenta de ensino que mostra um como fazer ao professor e ainda explica o motivos para que ele aceite os “conselhos” expostos. Nessa perspectiva, o discurso da Revista é de convencimento, para que realmente o professor aja dessa ou daquela maneira, conforme as metodologias e as experiências apresentadas pelo magazine.

Buscando atingir a totalidade da área de cada professor, a reportagem interna foi dividida em indicações para os professores de educação infantil, orientações para o ensino fundamental (1º ao 5º anos), em seguida para o ensino fundamental (6º ao 9º anos), fechando com dicas para adquirir o hábito da leitura na fase adulta, sendo que essa parte está mais voltada ao próprio professor, conforme a abertura da página: *Muitos professores brasileiros não tiveram a chance de construir uma história como leitores de literatura. Mas sempre é tempo de criar o **hábito da leitura** e também inspirar os alunos*.

Figura 06: Capa da Revista *Nova Escola*, edição 234, Agosto/2010



Todas as seções respondem às seis perguntas básicas: por que ler?, quem lê, como ler, quando ler, onde ler e o que ler. Assim, para cada etapa escolar da criança ou adolescente, a Revista oferece dicas e procedimentos a serem seguidos de forma bastante didática.

O sentido da reportagem é de orientação e também um convite para os professores que possuem dificuldades em trabalhar com leitura.

Muitos (docentes brasileiros) não tiveram acesso a obras literárias em casa nem construíram práticas sociais de leitura (...). Então, o que fazer para transformar essa pessoa que tem pouca familiaridade com a literatura em um agente disseminador de boas práticas leitoras? O mais importante é saber que nunca é tarde para se deixar encantar pela literatura e começar uma trajetória como leitor – ou, quem sabe, ampliar ainda mais os conhecimentos sobre os livros. Vamos nessa? (NOVA ESCOLA, 2010d, p. 56).

Portanto, a publicação busca influenciar o agir do professor não apenas para o trabalho de sala de aula, mas também para sua própria vida e formação, indicando livros e métodos para que o educador obtenha o hábito da leitura ou se torne um leitor literário.

### 5.3.1 Editorial “Trabalho em equipe”

Figura 07: Editorial da Revista Nova Escola, edição 234, Agosto/2010

# Caro educador

Carta do editor

**ENFOQUES VARIADOS**  
As ideias de três grupos, após compiladas, estão publicadas nesta edição

## Trabalho em equipe

**F**ormação em serviço e trabalho em equipe são duas expressões comuns em escolas – e também aqui, em NOVA ESCOLA. Mais do que nunca, porém, elas estiveram em alta graças a um trabalho especial desenvolvido por todos da redação e também de NOVA ESCOLA GESTÃO ESCOLAR e do nosso site: um curso de edição organizado especialmente pelo Grupo Abril (leia-se a maior editora de revistas da América Latina).

Sob o comando de Thomaz Souto Corrêa, do Conselho Editorial da Abril e o maior especialista em revistas do país, 22 designers, repórteres e editores foram divididos em três grupos para assistir a aulas expositivas e participar de atividades práticas, com o objetivo de aperfeiçoar as técnicas de edição: desde reescrever e redesenhar reportagens até pensar do zero temas e abordagens.

O “trabalho de conclusão” do curso começa na reportagem de capa desta revista, prossegue na edição de agosto/setembro de GESTÃO ESCOLAR (que já está nas bancas) e se completa na internet. São 18 páginas impressas e complementos em formato digital sobre leitura de textos literários na escola. Um verdadeiro trabalho de equipe, já que jornalistas e artistas gráficos das duas redações trabalharam “misturados”, buscando soluções integradas para os públicos das duas revistas: professores e gestores escolares. Na reta final do projeto, todos se uniram

para condensar as ideias surgidas no espaço disponível.

Vá até a página 48 para ler as dicas específicas para professores trabalharem diretamente em sala de aula (e também para se tornarem bons leitores de literatura), compre seu exemplar de GESTÃO ESCOLAR e conheça as ações institucionais para diretores e coordenadores pedagógicos criarem o hábito da leitura na escola e acesse [www.ne.org.br/gestao](http://www.ne.org.br/gestao) para ver vídeos, participar do concurso (que vai dar um pacote de oito livros) e muito mais. Tenho certeza de que você (como eu) vai passar a admirar ainda mais a qualidade do trabalho dos designers Alice Vasconcellos, Julia Browne, Renata Borges, Victor Malta e Vilmar Oliveira, do webmaster Thiago Moura e dos jornalistas Ana Rita Martins, Anderson Moço, Beatriz Santomauro, Beatriz Vichessi, Bianca Bibiano, Bruna Nicolielo, Camila Monroe, Elisa Meirelles, Gustavo Oliveira, Janaína Castro, Noêmia Lopes, Paula Nadal, Paula Takada, Rodrigo Ratier, Ronaldo Nunes e Verônica Fraidenaich. Um grande abraço,

**GABRIEL PILLAR GROSSI**  
Diretor de Redação

**NAS BANCAS ESTE MÊS**

A edição número 9 de GESTÃO ESCOLAR e o especial **CONTOS** – Volume 5 já estão à venda

R\$ 5,80

R\$ 6,90

8 AGOSTO 2010 [www.ne.org.br](http://www.ne.org.br)

O título escolhido para este editorial (Figura 07) foi “Trabalho em equipe”, porém não é qualquer trabalho em equipe, mas **o** trabalho **da** equipe da Revista *Nova Escola* e da Revista *Nova Escola Gestão Escolar*, que se uniram em torno de uma ação em conjunto.

Na tentativa de manter uma coerência entre o tema abordado e a escola, o autor inicia o editorial defendendo que *formação em serviço e trabalho em equipe são duas expressões comuns em escolas – e também aqui, em Nova Escola*. Assim, ele concretiza o que Bronckart (2009) afirma com relação aos mecanismos de textualização:

Os mecanismos de **textualização** são, por sua vez, articulados à progressão do conteúdo temático, tal como é apreensível no nível da infra-estrutura. Explorando as cadeias de unidades lingüísticas. Organizam os elementos constitutivos desse conteúdo em diversos percursos entrecruzados, explicitando ou marcando as relações de continuidade, de ruptura ou de contraste, contribuindo, desse modo, para o estabelecimento da *coerência temática* do texto (BRONCKART, 2009, p. 260, grifos do autor).

O editor da Revista faz uma comparação entre a equipe de redação das duas revistas e a equipe envolvida no ambiente escolar, mais especificamente, os professores. Isso porque, lembramos, conforme o perfil dos leitores da RNE apresentado anteriormente, os interlocutores dessa comunicação são o autor – no caso, diretor de redação da Revista – e os professores – em sua maioria, mulheres, com idade entre 25 e 44 anos. Assim, o discurso veiculado está voltado a esses leitores, pressupondo que o trabalho em equipe seja uma prática efetiva na escola.

Quando o editor diz que essas duas expressões – formação em serviço e trabalho em equipe – estiveram em alta, ele está valorizando um curso de edição do qual toda a equipe participou. Ele ressalta, no entanto, que o curso foi *especialmente organizado pelo Grupo Abril (leia-se a maior editora de revistas da América Latina)*. Isso demonstra o tom propagandístico do editorial e a exaltação do trabalho do Grupo Abril.

Abordando de forma ampla a expressão trabalho em equipe, temos que ela faz parte de uma nova metodologia, surgida como um diferencial de perfil para enfrentar o mercado de trabalho. Ou seja, em diversos ramos de negócio, saber atuar em equipe passou a ser uma habilidade exigida no momento da pré-contratação. Dessa forma, socialmente essa expressão possui uma conotação bastante positiva, tendo em vista que inclui divisão de opiniões, troca de ideias e experiências, maturação de objetivos, enfim, diversos elementos que contribuem para a tomada de decisão, seja ela em qualquer área. Portanto, no momento da interação com o leitor do editorial, o diretor está reforçando esse caráter positivo da expressão e ressaltando a importância da iniciativa do Grupo Abril em proporcionar tal oportunidade. O leitor, por sua

vez, pode se apropriar desse discurso e passar a refletir sobre sua postura profissional, observando se faz uso dessa habilidade.

Ainda sobre a palavra trabalho, percebemos o uso por meio de vozes sociais que extrapolam a voz do autor empírico, no caso, o diretor de redação. Seguindo os pressupostos do ISD, conforme os mecanismos enunciativos, encontramos na voz do autor empírico a modalização apreciativa, a qual “consiste em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático, procedente do mundo subjetivo da voz que é a fonte desse julgamento” (BRONCKART, 2009, p. 332).

Além da valorização do termo trabalho, no sentido de ofício, função e profissão, exposto pelo autor do editorial, temos uma analogia ao sentido de trabalho real, considerado como algo necessário para a sobrevivência e para o sustento. Assim, percebemos uma voz social de supervalorização do trabalho, algo característico da sociedade capitalista, ou seja, há um apagamento ou uma “alienação do trabalho”.

O trabalho alienado é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho, porque as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador, mas do proprietário das condições de trabalho. Como se não bastasse, o fato de que o produtor não se reconheça no seu próprio produto, não o veja como resultado de seu trabalho, faz com que o produto surja como um poder separado do produtor e como um poder que o domina e ameaça (CHAUÍ, 1994, p. 55).

É nesse sentido que o professor precisa se reconhecer como parte do processo e ter consciência de que as condições materiais são criadas nas relações sociais, não existem por si. O trabalho é necessário, na atualidade, mas foi algo criado na prática social e, por essas práticas, foram desenvolvidas cada vez mais ações com o objetivo de prender o trabalhador. Por exemplo, para que o professor receba remuneração, ele precisa de formação continuada, precisa atender certas exigências – como trabalhar em equipe – ou, ainda, cumprir metas estipuladas pelo governo. Não defendemos aqui a não realização de capacitação ou afins, mas a necessidade de uma tomada de consciência sobre os fatos que acontecem na sociedade, para que haja uma reflexão acerca dos discursos formadores e uma não-reprodução dos mesmos.

No segundo parágrafo, Grossi continua o discurso autopromocional e conta que sua equipe participou da atividade de formação, com o objetivo de *aperfeiçoar as técnicas de edição: desde reescrever e redesenhar reportagens até pensar do zero temas e abordagens*. Nessa perspectiva, está materializado no discurso um sentido de importância da capacitação/atualização constante, pois se a equipe de redação, que prepara os materiais a serem publicados, necessita de formação, os professores também precisam. Esse tom

apreciativo com relação ao trabalho marca um discurso generalizador sobre o trabalho docente. Machado afirma que esse tipo de discurso “considera o professor como um ser a quem sempre “falta” algo (“falta-lhe conhecimento”, “falta-lhe reflexão”, “falta-lhe vontade de mudar”, etc.) (MACHADO, 2009, p.17).

No terceiro e penúltimo parágrafo o autor entra no tema principal da edição, ou seja, leitura. A fim de relacionar este assunto ao tema trabalho em equipe, ele conta que o primeiro trabalho realizado pelos jornalistas após a participação no curso de edição foi a reportagem especial sobre leitura literária. Justificando o termo “trabalho em equipe” ele explica que os repórteres, designers e editores das duas revistas não se uniram apenas no curso, mas também na produção da matéria jornalística que ocupou a capa do mês de agosto de *Nova Escola*:

São 18 páginas impressas e complementos em formato digital sobre leitura de textos literários na escola. Um verdadeiro trabalho de equipe, já que jornalistas e artistas gráficos das duas redações trabalharam “misturados”, buscando soluções integradas para os públicos das duas revistas: professores e gestores escolares (NOVA ESCOLA, 2010d, p. 8)

Para fechar o editorial, o diretor de redação utiliza verbos no imperativo para fazer com que o leitor confira o trabalho da equipe. Assim, o autor espera um agir do professor no sentido de que ele *vá até a página 48, compre o exemplar de Gestão Escolar e acesse [www.ne.org.br/gestao](http://www.ne.org.br/gestao)*. Tais indicações demonstram a posição social da revista que se coloca como um manual de consulta e de apoio para outras ações docentes. É possível, portanto, que ao ler os materiais, o professor utilize as indicações para *trabalhar diretamente em sala de aula, para se tornar bons leitores de literatura, ou para gestores escolares criarem o hábito da leitura na escola*. O discurso exposto não apenas oferece um material de consulta como afirma o que o professor/gestor deve fazer após a leitura do mesmo.

Por fim, nesse mesmo último parágrafo, há uma valorização da equipe de redação, com a citação do nome de cada um dos jornalistas e designers que participaram da edição de todo o material publicado, seja na edição de *Nova Escola*, na de *Gestão Escolar* ou na página eletrônica.

Em termos estruturais, o editorial apresenta-se, segundo a classificação definida por Beltrão como normativo, “quando o editor tenta convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o e encorajando-o”; de estilo intelectual, “quando o editor faz um apelo à razão do leitor”; e de natureza polêmica, “editorial eminentemente doutrinário, que pretende convencer o leitor sobre suas convicções” (BELTRÃO, 1980, p.57-58).

### 5.3.2 Seção Caixa Postal

Tomando a leitura como conteúdo temático da edição nº 234, de agosto de 2009, temos na edição seguinte, nº 235, de setembro de 2009, os comentários referentes a esse tema. Lembramos, conforme Bakhtin/Voloshinov (2010a), que a enunciação é regulada através de um auditório social, de acordo com a posição que cada indivíduo ocupa perante o outro.

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 117).

Assim, temos na interação do leitor, por meio da seção *Caixa Postal*, a sua relação perante o interlocutor, no caso, a equipe da Revista *Nova Escola*. Essa comunicação é possível dentro da esfera jornalística, por meio do gênero carta do leitor, seguindo as características próprias desse gênero. Os interlocutores são a equipe de redação que recebe as cartas dos leitores, os quais respondem em nome do grupo, e os indivíduos leitores do produto veiculado geralmente pessoas na posição social de educadores/professores, os quais possuem condição/permissão de falar sobre o assunto desta ou de outra forma. Com isso, não estamos afirmando que a redação não recebeu nenhum comentário desse tipo, mas simplesmente que não houve a publicação dos mesmos.

Nesse sentido, traremos três depoimentos selecionados, sendo um depoimento de destaque e dois depoimentos de reprodução. Cabe ressaltar que nessa edição não houve depoimento de resistência, ou seja, comentário com sentido contrário ao exposto pela equipe editorial no desenvolvimento da matéria jornalística.

Assim como no depoimento de destaque da edição nº 227, este também segue num tom impessoal e com aspecto generalizado:

O bom projeto pedagógico deve contemplar a leitura nas suas múltiplas formas e linguagens. Há várias maneiras de apresentá-la, mas o importante é envolver o aluno (NOVA ESCOLA, 2010c, p. 16).

A autora do texto é uma mulher de Natal/RN, que encaminhou o comentário via e-mail. Seguindo a classificação de Beltrão (1980), o contato foi escrito, com conteúdo que se

aproxima do ilustrativo, o qual busca complementar a reportagem. Fazendo uso da teoria referente aos mecanismos enunciativos apresentados por Bronckart (2009), podemos ressaltar que a voz social da autora é, possivelmente, de uma professora ou gestora educacional que entende do assunto em específico, ou seja, leitura. Essa voz social, segundo o autor, surge como uma “instância externa de avaliação”, pois ao assumir a posição de educadora, a autora do depoimento carrega no seu discurso as expressões da esfera social à qual pertence, no caso, a escolar/educacional. Ao dizer o *bom projeto pedagógico*, percebemos a marcação de uma modalização enunciativa de ordem deôntica, ou seja, “uma avaliação apoiada nos valores do mundo social, apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social” (BRONCKART, 2009, p. 331). Assim, ela nos permite pensar que reconhece um bom e um mau projeto, conforme as orientações recebidas e vividas por meio de sua atividade profissional.

O foco do agir do professor está em saber elaborar um bom projeto voltado à leitura, contemplando-a em suas múltiplas formas e linguagens. Na verdade, essa foi a proposta da reportagem, que apresentou várias abordagens de leitura tendo em vista o perfil dos alunos, desde a Educação Infantil até a fase adulta. Em seguida, a autora afirma que existem várias formas de apresentar a leitura aos alunos, mas saber envolvê-los é o mais importante. Também nesse trecho ela está reforçando o discurso da Revista, de que essa função é do professor, dando o sentido de que ele é o único responsável por esse trabalho. Assim, se concretiza a teoria bakhtiniana de que o locutor, ao enunciar, integra a enunciação do outro, ou seja, ele se apropria do discurso do outro como se fosse o seu próprio discurso.

Seguindo para os depoimentos de reprodução, temos o agir representado no discurso de forma bastante evidente. O primeiro depoimento apresenta um agir futuro, marcado pelo uso do verbo auxiliar “ir”, que ao ser empregado com o infinitivo do verbo principal “utilizar” passa o sentido de que a ação será executada:

**Vou utilizar** as idéias do texto para estimular ainda mais a leitura entre meus alunos (NOVA ESCOLA, 2010c, p. 16).

Com esse discurso, fica reforçado que a Revista obtém sucesso ao propor “modelos de agir”.

Por meio de uma colaboração de conteúdo ilustrativo (Beltrão, 1980), a leitora de Luiz Antonio/SP, remete seu discurso à Revista com a intenção de demonstrar que não só concorda com as dicas apresentadas na reportagem, mas que irá utilizá-las na sala de aula. Nessa

relação de interação, cumpre-se o sentido de que a Revista *Nova Escola* está sendo utilizada como um manual didático ou uma ferramenta de ensino para o professor. O próprio uso da palavra “estimular” pode significar uma reprodução dos verbos utilizados no desenvolvimento da reportagem de capa, tais como: incentivar, estimular, despertar, inspirar, entre outros. Também aqui há uma apropriação do discurso do outro.

Podemos pressupor, também, um agir presente, pois a autora do texto utiliza o advérbio *ainda*, dando o sentido de que já estimula a leitura entre os alunos, mas com as dicas da reportagem poderá estimulá-los *ainda mais*.

Nesse mesmo sentido de reprodução, o terceiro depoimento apresenta um agir executado, mas com ações a serem realizadas por causa do conteúdo da publicação:

Introduzi a leitura literária para meus alunos de 1º e 2º anos no início do ano letivo. A reportagem me ajudou a planejar melhor as próximas aulas (NOVA ESCOLA, 2010c, p. 18).

Assim, a leitora de Catende/PE, teve a autonomia de introduzir a leitura literária antes mesmo de ler a reportagem, porém, após ver o material publicado, pôde fazer uma avaliação do seu trabalho e *planejar melhor as próximas*.

A autora faz uso da primeira pessoa do singular para assumir sua posição de educadora e o seu papel de agente educacional. Assim, o discurso da leitora nos faz pressupor que ficou faltando algo quando ela introduziu a leitura aos seus alunos, por isso o conteúdo da reportagem foi pertinente e atendeu às suas expectativas, tanto que a auxiliará nas próximas aulas.

Seguindo a classificação de Beltrão (1980), o conteúdo do depoimento pode ser considerado como informativo, pois a leitora comenta uma atividade já realizada por ela, como forma de contribuir com o sentido de que a leitura literária é realmente algo importante para os alunos.

#### 5.4 CONTEÚDO TEMÁTICO: CARREIRA DO PROFESSOR

Com a chamada principal *O professor do futuro é você*, a RNE de outubro de 2010 faz um apelo ao leitor-professor para que ele conheça as principais características do profissional

do futuro. Na capa (Figura 08), além dessa chamada, aparece em destaque o busto de uma professora em formato de mosaico digital composto por fotos de outros professores.

A imagem simboliza o professor do século 21, constituindo um sentido de que todas as fotos que a compõem representam esse profissional do futuro, ou seja, cada professor que encaminhou a foto para a equipe editorial da Revista tem essa responsabilidade de ser o educador do futuro.

O projeto gráfico complementa o conteúdo apresentado na reportagem principal, buscando sensibilizar o professor para que ele assuma uma nova postura educacional. Como já dito anteriormente, a produção da capa está diretamente relacionada aos interesses econômicos e ideológicos da Revista, é ela quem vai fazer com que o professor leia ou não o material exposto e, muitas vezes, nas vendas nas bancas de revistas, a capa é essencial para a decisão de compra. Nessa perspectiva, por ser o mês de comemoração pelo dia dos professores, a imagem da professora em mosaico, sorrindo, e o título principal *O professor do futuro é você* conferem um sentido de valorização e homenagem aos professores.

Antes mesmo da produção da reportagem, a equipe jornalística convidou os professores a interagirem com a Revista encaminhando uma foto. Porém, para aqueles que não conseguiram enviar a tempo, há uma nova proposta de interação, para que o professor acesse o site<sup>28</sup> da editora e insira uma foto sua no mosaico e, assim, obtenha uma capa exclusiva da Revista.

Nesse sentido, a Revista promove uma suposta valorização do professor, para que ele se sinta incluído, ativo e participante no processo educativo. Afinal, vivendo numa sociedade capitalista como a nossa, quem não gostaria de ver ou não se sentiria lisonjeado em ter sua foto publicada na capa de uma Revista de grande circulação como a RNE?

A proposta da reportagem principal é abordar a carreira do professor afirmando que existe *um novo perfil de professor*. Com o subtítulo *Diferentes demandas se apresentam hoje como essenciais para quem está à frente de uma sala de aula. Conheça quais são elas e as histórias de quem já as incorporou à rotina e comprovou que se aperfeiçoar faz toda a diferença na aprendizagem da turma*, fica evidente a posição da Revista em se colocar como conselheira e defensora de que o aperfeiçoamento do professor influencia diretamente o aprendizado dos alunos. Fica silenciado que o professor é apenas parte de um processo complexo que é o sistema educacional. A formação e o aperfeiçoamento, sem dúvida, são

---

<sup>28</sup> <http://revistaescola.abril.com.br/>.

essenciais para a melhoria do ensino, porém, não podem ser tidos como únicos agentes influenciadores.

Figura 08: Capa da Revista *Nova Escola*, edição 236, Outubro/2010



A reportagem baseia-se em um estudo feito por uma empresa norte-americana de consultoria, de onde tirou o resultado de que o profissional de Educação deve se encaixar em um determinado perfil que exige algumas habilidades essenciais. A fim de resumir tais habilidades, a equipe de redação organizou seis tópicos: ter boa formação, usar as novas tecnologias, atualizar-se nas novas didáticas, trabalhar bem em equipe, planejar e avaliar sempre e, ainda, ter atitude e postura profissionais. Para dar vida a esses tópicos, são apresentadas experiências vividas por professores em exercício. Lembramos que esse tipo de estratégia já é característico da RNE, que sempre apresenta histórias bem sucedidas e exemplos a serem seguidos:

Não podemos nos esquecer de que esses estudantes conectados têm uma relação diferente com o tempo e com o mundo, o que coloca desafios para a docência. A boa notícia é que há muita gente encarando esse novo mundo nas escolas. Nas próximas páginas, você confere as histórias de seis professores que estão firmes nesse caminho (NOVA ESCOLA, 2010b, p. 46).

Acreditamos que os seis tópicos apresentados não são novidades para os professores. A partir do momento em que o profissional está na sala de aula, tais necessidades surgem naturalmente. Correr ou não atrás delas não é simplesmente uma questão de querer ou não querer, muitas vezes falta oportunidade para que esse profissional consiga atingir essa habilidade. Tomemos como exemplo o tópico usar as novas tecnologias, é sabido que tais recursos auxiliam no aprendizado, porém, muitos professores – mesmo bem intencionados – não possuem acesso a esses recursos, nem mesmo na própria escola e então fica difícil assumir essa responsabilidade sozinho.

## 5.4.1 Editorial “O professor do século 21”

Figura 09: Editorial da Revista *Nova Escola*, edição 236, Outubro/2010

## Caro educador

Carta do editor

**MOSAICO DE IMAGENS**  
Mais de mil leitores mandaram suas fotos para compor a capa

MONTAGEM DE TATO ARAÚJO SOBRE FOTO MONTY RAKUSENCULTURA RM/GETTY IMAGES, COM FOTOS ENVIADAS POR LEITORES

# O professor do século 21

**Q**uando se pensa em “futuro” e em “coisas do século 21”, a tecnologia sempre aparece com destaque. Nos cenários mais alarmistas, ela substitui as pessoas – mas, na vida real, ela nos ajuda a desempenhar melhor suas tarefas. É assim em inúmeras profissões. E também na escola. Porque o fato é que já estamos no século 21 há uma década e continuamos construindo o futuro, dia após dia.

É claro que essa caminhada faz com que mudem as expectativas em relação ao trabalho dos educadores. Discutir tudo isso é a proposta da reportagem de capa desta edição, que mostra que o professor do século 21 já está nas salas de aula – é você.

Para ilustrar essa ideia, o artista gráfi-

co Tato Araújo trabalhou durante duas semanas na montagem do mosaico digital que aparece na capa e na página 46. Tudo começou com um pedido, lançado por e-mail na newsletter distribuída aos cadastrados em nosso site: “Escolha seu melhor retrato e mande-o para nós”. Em poucos dias, mais de mil fotos chegaram à redação, vindas de todo o Brasil.

As imagens acima revelam etapas do processo. Cada foto é usada para fazer parte de uma foto maior, que reproduz um rosto imaginário de uma professora do século 21. Se você não mandou seu retrato para compor o mosaico, uma boa notícia: a tecnologia vai permitir que você monte uma capa exclusiva de NOVA ESCOLA. Basta acessar [www.ne.org.br/vocenacapa](http://www.ne.org.br/vocenacapa). Confira mais detalhes no texto da página 18.

Finalmente, aproveito para contar que setembro foi repleto de comemorações aqui, na redação. A Fundação Victor Civita (FVC), que edita NOVA ESCOLA e NOVA ESCOLA GESTÃO ESCOLAR, completou 25 anos de existência. Em 1985, quando foi criada, o interesse pela Educação era menor do que é hoje no Brasil – razão pela qual Victor Civita (1907-1990) ainda é lembrado como um visionário. Acreditar que é possível transformar a realidade, a cada dia, é o que nos move. Tenho certeza de que você também compartilha desse sentimento.

**GABRIEL PILLAR GROSSI**  
Diretor de Redação

**NOVEMBRO**  
**17**  
É o dia em que nossa próxima edição estará nas bancas

**NAS BANCAS ESTE MÊS**

A edição número 10 de **GESTÃO ESCOLAR** e o especial **Hora de Brincar** já estão à venda.

**R\$ 5,80**

**A parceria que funciona**

**R\$ 7,90**

**Hora de brincar**

Um livro de jogos, brincadeiras e brincadeiras para a escola e a comunidade

**10** OUTUBRO 2010 [www.ne.org.br](http://www.ne.org.br)

Uma vez que esse material é considerado um enunciado, conforme pressupostos teóricos de Bakhtin (2010a), que é constituído por uma situação social, partimos da premissa de que naquele determinado momento era possível para o diretor de redação da Revista *Nova Escola* falar sobre a carreira do professor. O assunto também se torna pertinente por tomar como foco de atenção o próprio professor e ser publicado na edição comemorativa pelo Dia do Professor, como uma espécie de homenagem.

Por esse motivo, o título do editorial (Imagem 09) é *O professor do século 21*, e não é qualquer professor é “o” professor, um em específico, dando o sentido de que apenas um único perfil de profissional se encaixa na categoria professor do século 21. Segundo Bakhtin/Voloshinov (2010a), as palavras não são neutras, elas estão carregadas de sentido e podem ser uma forma de reação a outros dizeres. Portanto, há uma carga ideológica nesse sentido do termo “professor do século 21”.

Assim, temos que nesse editorial o tema geral de abordagem é a carreira desse professor do século 21. Porém, no desenvolvimento do texto o editor não mantém a mesma temática e aproveita o espaço para comentar sobre aspectos referentes à própria publicação. No primeiro parágrafo, o autor inclui a tecnologia e defende a sua utilização na educação, em seguida, ele comenta sobre a proposta da reportagem principal da edição. No terceiro e quarto parágrafos, ele comenta sobre o projeto gráfico que elaborou a imagem da professora em mosaico digital. Por fim, o último parágrafo apresenta algumas considerações sobre a Fundação Victor Civita (FVC) que comemorou 25 anos de existência.

Mesmo que tratado de forma breve, o tema “carreira do professor” é defendido no texto como uma necessidade emergencial, da qual a aceitação das tecnologias é o ponto fundamental. O discurso proferido afirma que a tecnologia *ajuda a desempenhar melhor as tarefas*, seja em qualquer profissão. Na escola não é diferente, portanto, é natural que as expectativas em torno do trabalho do professor, também mudem.

É claro que essa caminhada faz com que mudem as expectativas em relação ao trabalho dos educadores. Discutir tudo isso é a proposta da reportagem de capa desta edição, que mostra que o professor do século 21 já está nas salas de aula – é você (NOVA ESCOLA, 2010b, p. 10).

Com base nesse trecho e também em elementos presentes na reportagem interna, é possível tirarmos algumas conclusões com relação à imagem que a Revista tem do professor:

- 1) Estamos no século 21 há uma década, o futuro já está em construção;
- 2) O professor do século 21 é você, professor que está lendo a Revista;

- 3) O século 21 apresenta mudanças radicais em diversos aspectos, um deles é a inserção da tecnologia como elemento de apoio ao trabalho docente;
- 4) Para fazer parte desse século, o professor precisa de atualização;
- 5) O que você está esperando para ser “o” verdadeiro professor do século 21.

Assim, possivelmente, a publicação tem a imagem de um professor acomodado, resistente à tecnologia e à qualificação profissional e que precisa tomar consciência de sua posição social e mudar de postura. Conforme trecho da reportagem interna:

De fato, não é mais possível dar aulas apenas com o que foi aprendido na graduação. Ou achar que a tecnologia é coisa para especialistas. Trabalhar sozinho, sem trocar experiências com os colegas, e ignorar as didáticas de cada área são outras práticas condenadas pelos especialistas quando se pensa no professor do século 21. Planejar e avaliar constantemente, acreditando que o aluno pode aprender, por outro lado, é essencial na rotina dos bons profissionais (NOVA ESCOLA, 2010b, p. 47).

Nessa perspectiva de futuro, a equipe da Revista buscou na tecnologia um elemento para cativar esse professor: a formação do mosaico de imagens com fotos dos próprios professores leitores. O uso do sintagma preposicional **para** caracteriza um organizador textual dando maior conexão ao texto, segundo orientação dos mecanismos de textualização defendidos por Bronckart (2009): *para ilustrar essa ideia, o artista gráfico Tato Araújo trabalhou durante duas semanas na montagem do mosaico digital que aparece na capa* (NOVA ESCOLA, 2010b, p. 10).

O recurso do mosaico foi uma cartada fenomenal, pois ao mesmo tempo em que mostra que a tecnologia pode ser utilizada em favor do trabalho – seja ele de qualquer área – também busca a interatividade por meio da participação efetiva dos leitores que mandaram suas fotos para a montagem da imagem. No terceiro parágrafo do editorial, o editor explica como a ideia começou e afirma que em pouco tempo, mais de mil fotos foram enviadas por profissionais de todo o país, revelando o sucesso da iniciativa. Seguindo para o próximo parágrafo, ele explica como a imagem foi montada e faz um convite aos profissionais que não mandaram a foto em tempo, pois haverá a possibilidade de criar uma capa exclusiva através de um determinado link de acesso ao site da Revista. Assim, o leitor sente-se valorizado e encontra uma nova oportunidade de poder interagir com a equipe editorial.

Para fechar o editorial, utilizando um mecanismo de conexão por meio do advérbio finalmente, o editor muda o assunto e promove um discurso publicitário com relação à Fundação Victor Civita, responsável pela edição, entre outras publicações, da *Nova Escola*.

Ele cita a comemoração dos 25 anos de existência da fundação e defende a preocupação da equipe para com a Educação no Brasil.

Fazendo uma análise sob a ótica dos mecanismos de textualização (Bronckart, 2009), além dos que já foram expostos acima, ressaltamos que neste editorial em específico não há muitos organizadores de coesão nominal, isso porque na construção do texto não houve a necessidade de muitas retomadas, pois o editor mudou o tratamento do tema e não precisou ficar remetendo ao conteúdo temático principal que é a carreira do professor. No que se refere aos mecanismos de coesão verbal, ressaltamos que o tempo dominante no texto varia entre o presente e o passado. Nos dois primeiros parágrafos o autor utiliza o presente do indicativo (*pensa, aparece, substitui, é*), já no terceiro ele utiliza o pretérito perfeito (*trabalhou, começou, chegaram*). No quarto parágrafo há o uso de verbos no presente e no pretérito, porém, salientamos o uso do verbo *confira* no imperativo, fazendo um convite para que o professor leia um conteúdo publicado mais adiante na Revista. O quinto parágrafo possui a temporalidade do passado, pois o autor comenta o fato de a FVC ter completado 25 anos de existência.

Seguindo a classificação de Beltrão (1980), o presente editorial possui conteúdo normativo, de estilo intelectual, pois o diretor de redação tenta convencer o leitor sobre a importância da valorização profissional, incentivando-o a agir nesse sentido. Sua natureza é promocional, na medida em que “acompanha regularmente os eventos e ideias marcantes da atualidade, tomando posição definida para analisá-los e explicá-los dentro da política editorial traçada, tendo em vista convencer a comunidade e levá-la à ação” (BELTRÃO, 1980, p. 57-58).

#### 5.4.2 Seção Caixa Postal

No momento da interação linguística realizada por meio do gênero carta do leitor, o produtor do texto toma a posição de locutor, buscando a concretização de uma comunicação com seu interlocutor. No caso desta dissertação, temos professores, educadores ou leitores em geral falando da posição social que assumem, à equipe de redação da Revista *Nova Escola*.

Nessa relação interlocutiva, o locutor dirige um conteúdo a seu interlocutor com algum objetivo que o motivou a escrever e, ainda, esperando uma resposta de seu interlocutor.

Essa resposta não precisa ser necessariamente real e efetiva, mas a simples compreensão do enunciado já aponta uma responsividade do interlocutor. Assim, conforme Bakhtin (2010b):

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2010b, p. 275).

A primeira expectativa do produtor do texto é a publicação de seu comentário, o que significa que o depoimento foi lido e aceito pela redação do periódico, ou seja, aconteceu uma compreensão ativamente responsiva. Nesse momento, concretizou-se a alternância dos sujeitos falantes.

É dentro desse entendimento que analisamos os depoimentos publicados na edição nº 237, de novembro de 2010, da Revista *Nova Escola*, que são referentes à reportagem sobre carreira do professor publicada na edição anterior. Seleccionamos, portanto, três depoimentos, sendo um de destaque, um de resistência e um de reprodução.

Iniciaremos pelo depoimento de destaque:

A prática docente de qualidade não é possível sem o interesse do profissional em estudar sempre. A boa formação inicial e em serviço é indispensável para tanto (NOVA ESCOLA, 2010a, p.10).

Fica marcada nesse comentário a chamada alternância dos sujeitos falantes. Vejamos o percurso: a autora do depoimento – uma leitora da cidade de Flores/PE – leu a reportagem de capa da edição nº 236, cujo tema central era a carreira do professor; em seguida, refletiu sobre suas considerações e tomou a decisão de tornar a interação ainda mais ativa (o momento da compreensão já foi uma marca de responsividade), enviando seu comentário para a Revista. Por sua vez, a equipe de redação compreendeu o enunciado enviado e decidiu explicitar essa compreensão publicando o conteúdo como o comentário do mês. Esse é o modelo exposto por Bakhtin (2010b):

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absolutos: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente

responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2010b, p. 275).

Concretizando a teoria bakhtiniana, a autora do depoimento reproduziu o enunciado (ou o discurso) da reportagem da Revista ao afirmar que o profissional de educação precisa estudar sempre, esse foi o conteúdo central desenvolvido em toda a matéria jornalística. Por sua vez, a publicação fez uma re-reprodução do seu discurso ao escolher esse comentário para ser o de destaque na página da Seção *Caixa Postal*. Assim, temos não apenas a voz do autor empírico – a leitora – mas a voz da própria empresa jornalística falando por meio da Seção *Caixa Postal*. Há, ainda, no texto da leitora, uma voz institucional governamental, que cobra do professor a valorização profissional. Ao empregar o termo **é indispensável**, a autora faz uso de uma oração impessoal que designa uma modalização lógica, segundo os mecanismos enunciativos explicitados por Bronckart. Para ele, esse tipo de modalização “define o mundo objetivo, e apresenta os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc” (BRONCKART, 2009, p. 330). Dessa forma, o discurso sobre a constante capacitação profissional adquire condição de verdade incontestável.

Já o depoimento de resistência, mesmo que ratificando a ideia da necessidade de atualização profissional, promove uma reflexão e, de certa forma, um questionamento quanto ao conteúdo publicado:

O mestrado é um caminho importante para a atualização profissional, mas na maioria das vezes retira o professor da sala de aula (NOVA ESCOLA, 2010a, p. 10).

Nesse depoimento, a leitora de Governador Valadares/MG está se referindo a um dos pontos abordados na reportagem de capa da edição nº 236, no qual o mestrado é apontado como um “caminho natural” para que o profissional tenha uma boa formação. O discurso da matéria jornalística é todo construído em forma de testemunho de determinada professora de Língua Portuguesa. Disso concluímos que a Revista se apropriou da voz da educadora para defender a ideia central de valorização da capacitação profissional, “apagando” ou fazendo silenciar que foi um jornalista quem escolheu tal testemunho e quem editou o material publicado. Enfim, no texto, a professora afirma:

Acredito que a boa formação é o caminho para a Educação pública dar um salto de qualidade. Só assim os educadores vão dominar os conteúdos, fazer

um planejamento de acordo com as diretrizes da rede e a realidade dos alunos e avaliar a própria prática (NOVA ESCOLA, 2010b, p. 48).

No discurso da carta enviada pela leitora, há uma reflexão importante, ela concorda que o mestrado é uma importante forma de atualização, porém, questiona o fato de que um professor mestre continue lecionando na Educação Básica, principalmente no ensino público. Com isso, ela levanta questões que permeiam a sociedade atual<sup>29</sup> em discussões referentes às condições do trabalho docente, pois muitos professores de escolas públicas questionam a baixa remuneração; a excessiva carga horária em sala de aula, sem tempo destinado à preparação das aulas; o grande número de alunos por sala; a infraestrutura; entre vários outros fatores. Dessa forma, na maioria das vezes, o profissional qualificado – especialmente com mestrado concluído – vai buscar outras alternativas de trabalho, como lecionar em faculdades públicas ou particulares, as quais oferecem salários mais altos e melhores condições de trabalho. Por isso, a leitora afirma que o *mestrado retira o professor da sala de aula*. Também com base nesse trecho, podemos pressupor que ela está se referindo ao afastamento do professor da sala de aula, enquanto cursa o mestrado, e, ainda, à possibilidade deste profissional voltar-se à pesquisa científica, fator que é bastante motivado em cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

O último depoimento apresenta a perspectiva do agir futuro, como uma forma de reprodução literal do discurso da Revista:

Vou colocar a reportagem no mural da minha escola para chamar a atenção de pais e professores e quem sabe atingir aqueles que estão acomodados em seu saber de 20 anos atrás. Se o mundo mudou e se as crianças acompanharam essa evolução, não há como um professor seguir trabalhando com métodos que já não funcionam mais (NOVA ESCOLA, 2010a, p. 10).

Nesse caso, a leitora de São Paulo/SP tomou a postura de defensora do discurso da Revista e, para tanto, irá fixar a reportagem em um mural para que mais pessoas possam ler a matéria e, *quem sabe*, transformar sua ação. Além de reproduzir o sentido exposto na matéria, a leitora parece dar “indiretas” aos colegas de trabalho que *estão acomodados em seu saber de 20 anos atrás*.

O agir representado no discurso sugere a voz enunciativa de uma pessoa ligada à educação, podendo ser professora, coordenadora pedagógica ou diretora, mas, com certeza, uma pessoa que se sente à vontade para fixar a reportagem no mural da escola com o objetivo de atingir diretamente seus colegas de trabalho. Há, ainda, uma voz institucional – que pode

---

<sup>29</sup> Sobre esse assunto, trazemos algumas reflexões no item 4.3 A (des) valorização do trabalho do professor.

ser a do governo ou do Ministério da Educação – a qual defende a constante atualização profissional do educador, num sentido de que isso seria a salvação para a melhora da qualidade de ensino no Brasil. Acreditamos, sim, que a capacitação é um dos fatores necessários para a busca da qualidade, porém, não é o único. Conforme já mencionado sobre o materialismo histórico dialético, o professor produz e é produto da sociedade, ele tem o poder da transformação, mas isso não quer dizer que ele precisa atuar sozinho e sim que ele precisa ter consciência de seu espaço e se mobilizar para a mudança.

Dessa maneira, as análises apresentadas neste capítulo ressaltam a importância do papel social do professor, não apenas perante aos alunos e à comunidade escolar, mas, na sua amplitude, a toda sociedade.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Nosso objetivo neste “fechamento” é o de apresentar os resultados das análises num contexto geral, ou seja, ressaltando os pontos de convergência e de divergência encontrados nos textos. Ao mesmo tempo, oferecemos algumas respostas possíveis para as três questões norteadoras desta dissertação.

De início, apontamos algumas conclusões a respeito do suporte midiático – Revista *Nova Escola* – dos gêneros editorial e carta do leitor, para, em seguida, apresentar a abordagem do agir existente nos mesmos.

Conforme observado em leituras gerais da Revista, percebemos que a publicação ocupa um espaço destinado aos manuais didáticos e paradidáticos, pois oferece dicas para o agir pedagógico e “receitas” a serem seguidas – passo a passo – pelo professor.

Assim, a *Nova Escola* faz um convite ao professor para que ele utilize as indicações prescritas na sala de aula. A divulgação de ações bem sucedidas, exemplos a serem seguidos, conteúdos a serem trabalhados, etc., permite-nos inferir que a própria Revista se coloca na função de manual paradidático. É frequente encontrarmos a conjunção **como**, fazendo referência à maneira como o professor deve agir diante de uma determinada situação. Dessa forma, a publicação cumpre a função de um organismo que age ideologicamente, assim como qualquer outro veículo de comunicação.

Na comunicação social, o jornalismo, a publicidade, a propaganda, o merchandising, entre outras ferramentas comunicativas passíveis de uso, há caracterizações específicas em sua linguagem, o que discerne também suas funções. À medida que o jornalismo tem função social e informativa, as ferramentas publicitárias apresentam um discurso que visa à persuasão de um público determinado, com uso de valores culturais e ideológicos na produção das mensagens (CAMARGO, 2009, p.303-304)

Outro fator ideológico observado refere-se ao discurso motivador, conferindo ao professor a ilusão de que ele seja o único agente mobilizador. Acreditamos que o educador é apenas uma parte, muito importante, diga-se, de um todo complexo que envolve políticas públicas, valores culturais e ideológicos. Sendo assim, é como se a Revista responsabilizasse o professor por problemas relativos à educação brasileira, enquanto que outros agentes, seja na esfera política ou na esfera social/familiar, também são fatores importantes a serem considerados. A esse respeito, Érnica afirma:

Não raro, o apagamento das contradições subjacentes ao trabalho do professor nasce da suposição de um relativo consenso entre alunos, professores, instituição e famílias acerca dos objetos, objetivos e práticas didáticas, além, claro, de não problematizarem as diferenças econômicas, de poder e prestígio que estão envolvidas (ÉRNICA, 2004, p. 126).

Assim, entendemos que não há como responsabilizar apenas as ações individuais dos professores, pois existe uma multiplicidade de fatores que se fazem presentes na ação escolar e na própria ação do professor. Portanto, cabe ao educador/leitor de *Nova Escola*, ou leitor desta dissertação, refletir sobre os diversos elementos que compõem o chamado trabalho docente e reconhecer os discursos reprodutores de modelos e prescrições que generalizam as atividades educativas.

Partindo para as considerações a respeito dos gêneros analisados, abordamos agora, alguns aspectos referentes aos editoriais da Revista *Nova Escola*.

A fim de promover certa intimidade com o leitor, os editoriais são apresentados de maneira interativa, em que o editor/diretor de redação fala diretamente ao educador, como se ambos ocupassem a mesma posição social. Nos quatro editoriais analisados encontramos na voz do autor o pronome **você**, referindo-se ao leitor, o que corrobora nossa afirmação. Essa aproximação com o leitor torna a linguagem utilizada mais informal, sendo que o editorial pode ser comparado a uma carta do editor ou carta ao leitor.

Utilizando essa linguagem informal e objetiva, o autor vai apresentando os conteúdos da Revista no decorrer do texto, como que fazendo uma propaganda das reportagens. Assim, percebemos que os editoriais, além de defenderem os interesses da empresa jornalística, assumem uma posição propagandística que “vende” idéias. Prova disso é o editorial sobre o *Prêmio Victor Civita*, no qual o tema central não foi a reportagem de capa – como de costume –, mas o concurso promovido pelo Grupo Abril. Isso demonstra claramente que para promover as ações organizadas pelo grupo é permitido, inclusive, que o editorial mude sua temática.

Por serem textos curtos e breves, diferentemente de um texto narrativo, os editoriais não apresentam profunda utilização de organizadores textuais (diga-se, mecanismos de textualização). Notamos o uso de elementos de conexão, coesão nominal e coesão verbal sem muita complexidade, apenas com a intenção de facilitar a compreensão do texto. No editorial sobre leitura, por exemplo, o editor fez uso dos mecanismos de textualização para falar sobre o assunto trabalho em equipe. Ou seja, seu objetivo era defender (divulgar) o trabalho da equipe da Revista *Nova Escola*, mas para fazer sentido, ele precisava aproximar o tema da realidade dos seus leitores, contribuindo para uma coerência temática.

Já os mecanismos enunciativos, são bastante aparentes, com uso de modalizações, por meio das quais encontramos julgamentos e avaliações sobre o conteúdo temático. Isso se dá porque o editorial é um gênero pertencente ao jornalismo opinativo e, portanto, permite avaliações e julgamentos sobre o tema. Com relação às vozes enunciativas presentes nos editoriais, encontramos outras vozes falando no discurso do autor empírico, assim, cumpre-se o que Bakhtin/Voloshinov (2010a) haviam afirmado, de que: “Nosso discurso é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2010a, p. 294-295).

O tom apreciativo no discurso do editorial ficou bastante marcado no texto sobre o *Prêmio Victor Civita*, em que o editor apresenta um discurso capaz de dizer quem é o “bom” professor, ou seja, a Revista assume a posição de quem tem poder para dizer quem é um bom ou um mau professor. Os “bons”, para eles, são aqueles que participam do concurso de premiação.

Seguindo para as considerações a respeito das cartas dos leitores, da Seção *Caixa Postal*, percebemos que o professor ou profissional da educação é o agente maior de participação, reforçando o que apresenta o perfil dos leitores da revista. Assim, os depoimentos publicados oferecem noções da posição social assumida pelos participantes, o que possibilita a marcação das vozes enunciativas presentes no discurso.

Por serem depoimentos e por estarem assinados, os textos da seção *Caixa Postal* transmitem julgamentos e valores a respeito dos temas. Na maioria dos casos, eles reproduzem o discurso da própria Revista, como que reforçando a posição ideológica da empresa jornalística. Isso não quer dizer que, generalizadamente, todos os leitores entrem nesse engendramento, mesmo porque não há como tomarmos conhecimento dos depoimentos que não foram publicados.

Concluimos, com isso, que a carta do leitor, como um gênero secundário (da ordem da ideologia por meio da mídia) apresenta não apenas a voz do leitor, mas, principalmente a voz da própria publicação, como uma forma de reforçar o seu próprio discurso. Ou seja, a seção *Caixa Postal*, embora passe a ideia de privilegiar o sentido, o entendimento ou a simples participação dos leitores, é uma maneira de – veladamente – fazer prevalecer o discurso da Revista, pois todos os conteúdos são lidos, por vezes editados, e publicados caso atendam aos interesses da própria organização jornalística.

Tomando a interação social como fator essencial para a comunicação humana, as atividades de linguagem presentes nos depoimentos são marcadas por aspas, um recurso que ressalta a *alternância dos sujeitos falantes*.

O discurso do outro tem dupla função: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. Tudo isso se verifica onde o discurso do outro é citado textualmente e destacado com nitidez (entre aspas): os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das suas mútuas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente (BAKHTIN, 2010b, p. 299).

Nesse sentido, o falante (leitor da revista) corresponde às expectativas do ouvinte (revista) na medida em que atende ao apelo da seção *Caixa Postal* e envia sua carta. Porém, mais importante do que isso, é o fato de o falante marcar no seu discurso o discurso do outro.

Respondendo às questões norteadoras da dissertação, apresentamos a primeira pergunta: 1) Como se configura a imagem e o agir do professor em editoriais da Revista *Nova Escola*?. O discurso presente nos editoriais visa a um agir do professor. Espera-se, num primeiro momento, que o professor continue lendo a publicação e chegue até sua reportagem principal. Em seguida, o agir explorado acontece em termos de ação mesmo, ou seja, espera-se que o professor utilize os conteúdos publicados na própria sala de aula ou num contexto escolar de forma geral. No editorial sobre a carreira do professor, por exemplo, a publicação afirma-se como defensora do aperfeiçoamento profissional constante e, buscando o agir do professor, ela oferece um manual de caminhos a serem seguidos por estes profissionais. Como o tema central do editorial foi o “professor do século 21”, a Revista cria um modelo para esse tipo de educador. Dessa forma, percebemos que a RNE, por meio dos editoriais, apresenta-se como um “modelo de agir” (Bronckart, 2006), que influencia a ação dos educadores.

Seguindo para a próxima pergunta: 2) Como o professor se vê/se define em situações de interação com a revista, por meio de cartas publicadas na seção *Caixa Postal*?. Nos depoimentos analisados, os professores-leitores se permitem interagir com a Revista e assumem – na maioria dos casos – a posição social à qual pertencem, ou seja, afirmam ser professores e/ou gestores educacionais. Dessa forma, o agir representado no discurso é um agir passado, quando o leitor afirma que já utilizou as dicas/informações da publicação na sua rotina profissional; ou um agir futuro, quando o mesmo afirma que irá utilizar os conteúdos apresentados.

Cabe frisar que as cartas dos leitores apresentam parte da voz do professor (tendo em vista que as opiniões explicitadas passam pelo crivo da empresa jornalística), o que dificultou nosso trabalho de análise por conta do perigo de direcionar afirmativas de forma equivocada. Podemos, portanto, afirmar que – com base nos depoimentos **publicados** e analisados – há uma reprodução do discurso da Revista, ao menos no que se refere ao agir expresso pela linguagem escrita. Em alguns casos, essa reprodução pode ficar apenas na ordem do discurso,

ou seja, não significa que o professor siga os “modelos de agir” presentes na Revista em sua prática profissional, mas que reproduz os sentidos ao reiterar aquilo que foi dito na edição anterior.

E, por último: 3) Existe uma banalização do trabalho do professor?. Nossa intenção nesta dissertação foi averiguar se existe uma vulgarização do trabalho do professor por meio dos discursos que circulam na mídia, particularmente da revista citada. Assim sendo, há uma banalização no sentido de apresentar o ofício de professor como sendo algo simples e corriqueiro. O trabalho docente representado é vulgarizado, ainda, quando a Revista propõe modelos prontos de aulas, negando e apagando que o professor é o autêntico articulador da sua aula. As dicas e informações podem e até devem ser utilizadas como auxiliares, desde que o educador seja o real autor de seu trabalho e, para isso, há que repensar os perigos existentes, conforme alerta Lousada (2007):

Se acreditamos que nos constituímos por diferentes discursos, cabe a nós apontar e denunciar o que as análises desses discursos revelam sobre o papel atribuído ao professor e compreender melhor por que, às vezes, o próprio professor se coloca como “não conhecedor” e “não capaz”: ele está reproduzindo seu “não-saber” revelado nos diversos textos que circulam na Educação (LOUSADA, ABREU-TARDELLI, MAZILLO, 2007, p. 254).

Fechando, então, essas reflexões, acreditamos que o professor é um possível agente transformador que pode utilizar os discursos do outro e/ou discursos da mídia de forma reflexiva e crítica mantendo a sua posição social de profissional atuante na esfera escolar.

Distantes de propor um estudo acabado, oferecemos nesta dissertação, apenas uma reflexão sobre o quê e como se vê o trabalho e a imagem do professor por meio do discurso da mídia. Portanto, movimentos de reconstrução deste trabalho são extremamente necessários para a contribuição com as discussões relativas ao trabalho docente e à imagem que se vem construindo a respeito do professor na sociedade atual. Afinal, ser professor é refletir e refratar – já dizia Bakhtin (2010a).

## REFERÊNCIAS

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

APESAR de essenciais, professores brasileiros são desprestigiados. **Jornal Nacional**, 12 de maio de 2011. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/apesar-de-essenciais-professores-brasileiros-sao-desprestigiados.html> > Acesso em: 23/05/2011.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. (p. 277-327)

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas/SP: Unicamp, 1997. (p. 27-38).

BAUMGARTNER, Carmen Teresinha & CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. Gêneros do Discurso: Apontamentos. In: CATTELAN, João Carlos & LOTTERMANN, Clarice (orgs). *A redação no vestibular da Unioeste: alguns apontamentos à luz da linguística textual*. Cascavel: Edunioeste, 2009.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2009.

\_\_\_\_\_. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. A Atividade de linguagem frente à LÍNGUA. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antonia. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas, SP: Mercado de Letras,

2006.

BUENO, Sinésio Ferraz. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, p. 300-307, maio/ago. 2007. Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a10v1235.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a10v1235.pdf) >. Acesso em: 14 de fevereiro de 2010.

BUTTLER, Daniella Barbosa. *A imagem esfacelada do professor: um estudo em textos de revistas*. São Paulo: 2009, pp.179. (Tese de Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

CAMARGO, Wander Amaral. *Atitude Responsiva Ativa e Linguagem Televisiva*. Línguas & Letras. Edunioeste/Cascavel, vol. 10, nº 19, 2º sem./2009.

CATTELAN, João Carlos. *Colcha de retalhos: micro-história e subjetividade*. Cascavel/PR, Edunioeste, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ÉRNICA, Maurício. O trabalho desterrado. In: MACHADO, Anna Rachel (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina/PR: Eduel, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARIA, Gina Glaydes Guimarães. *A Revista Nova Escola: um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000)*. Publicado na 25ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2002. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/25/ginaglaydesfariat05.rtf>. Acesso em 19/06/09, às 16h15.

FERNANDEZ, Cristina Mott. *Manual do Professor de uma coleção de livros didáticos de Língua Inglesa: autonomia ou subsunção?*. 2009. 218f (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antonia (orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

INDISCIPLINA: Causa ou Sintoma. *Revista Nova Escola*. Seção Caro Educador. São Paulo. Ano XXIV, nº 226, p.10, out. 2009.

LIMA, Roberta de Abreu. Aula cronometrada. *Revista Veja*, 23 de junho de 2010. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/230610/aula-cronometrada-p-122.shtml> > Acesso em: 09/09/2011.

LOUSADA, Eliane G., ABREU-TARDELLI, Lília S.; MAZZILLO, Tânia. O trabalho do professor: revelações possíveis pela análise do agir representado nos textos. In:

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antonia (orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

MACHADO, Anna Rachel e colaboradores; CRISTOVÃO, Vera L.L., ABREU-TARDELLI, Lília S. (Orgs). *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antonia. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007a. p. 77-97.

\_\_\_\_\_. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

\_\_\_\_\_. (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S (orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.

MARTINS, Helena. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, v.3. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 439-473.

MARX, Karl. *Uma Contribuição para a crítica da Economia Política*. Prefácio. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm>. Acesso em: 14/05/2010, às 16h42.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antonia. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007. p. 51-64.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Janeiro/Fevereiro de 2011, ano XXVI, nº 239, p.106-111.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Novembro de 2010a, ano XXV, nº 237.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 2010b, ano XXV, nº 236.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Setembro de 2010c, ano XXV, nº 235.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Agosto de 2010d, ano XXV, nº 234.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Dezembro de 2009a, ano XXIV, nº 228.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Novembro de 2009b, ano XXIV, nº 227.

NOVA ESCOLA. *A revista de quem educa*. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 2009c, ano XXIV, nº 226.

O professor do século 21. *Revista Nova Escola*. Seção Caro Educador. São Paulo. Ano XXV, nº 236, p.10, out. 2010.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica*. Curitiba/PR: Secretaria de Estado do Paraná, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. (152-183).

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. (184-207).

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de. O ensino como trabalho. In: MACHADO, Anna Rachel (org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

SILVA, José Otacílio da. *Elementos de sociologia geral: Marx, Durkheim, Weber, Bourdieu*. Cascavel/PR: Edunioeste, 2004.

SILVA, Marcos. *A revista Nova Escola e seu papel na reforma educacional brasileira*. Publicado nos Anais do II Seminário Internacional de Educação: A Pesquisa em Educação – Dilemas e Perspectivas. 2006. Disponível em <http://silva.marcos.sites.uol.com.br/artigos/edu/rne1.pdf>. Acesso em 19/06/09, às 15h50.

STORRER, Vanessa. *Resposta à Revista Veja*. E-mail pessoal. Set./2011.

TODOS pela educação. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14852/todos-pela-educacao-lanca-campanha-de-valorizacao-do-professor>. Acesso em: 23/05/2011, às 19h09.

TRABALHO em equipe. *Revista Nova Escola*. Seção Caro Educador. São Paulo. Ano XXV, nº 234, p.8, ago. 2010.

UM bom começo, um bom professor. Direção: PG Santiago. Produção: André Rosa. São Paulo: DM9DDB, 2011.

UM brinde aos professores. *Revista Nova Escola*. Seção Caro Educador. São Paulo. Ano XXIV, nº 227, p. 12, nov. 2009.

## ANEXO 01 – Reportagem Jornal Nacional

## **Apesar de essenciais, professores brasileiros são desprestigiados**

**Da pré-escola ao ensino superior, são hoje 2,3 milhões no país. No Brasil, a lei fixa um salário inicial de R\$ 1.187 para 40 horas de trabalho por semana.**

Na série especial de reportagens que o Jornal Nacional apresenta sobre a educação, nesta quinta-feira, você vai ver uma análise da situação dos professores. Da pré-escola ao ensino superior, são hoje 2,3 milhões no país. É uma profissão essencial. E, mesmo assim, uma das mais desprestigiadas.

Na sala de aula, muitos querem fazer administração e quase metade, direito. Quem quer ser professor? Apenas um, dois. “Eu não vejo futuro, eu acho que é uma carreira que não me satisfaria financeiramente também”, contou a aluna Luana Gallo, de 17 anos. “Ser professor hoje no Brasil, infelizmente, não compensa”, disse Gustavo Lovatto, de 17 anos.

O desinteresse pela profissão é mais do que um sintoma de crise. É uma ameaça ao futuro. “É uma pena porque o professor é tudo em um país”, destacou um deles. “Só existem as outras profissões porque existe o professor”, lembrou uma professora.

Nas faculdades de pedagogia e nas que formam professores da educação básica, os números confirmam o desprestígio. Em quatro anos, caiu pela metade a quantidade de formandos. Houve redução também nos cursos de licenciatura, que formam professores de disciplinas específicas.

Quem é esse aluno que no futuro deseja trocar de posição na sala de aula? Uma pesquisa mostra que quase metade dos estudantes de pedagogia veio de famílias de baixa renda e a mãe só fez até a quarta série. E 80% estudaram em escolas públicas. “Enquanto você não conseguir trazer o jovem motivado e bem qualificado para a carreira de professor, você não consegue fazer um salto na educação”, afirmou a diretora do Instituto Paulo Montenegro, Ana Lucia Lima.

Para que os alunos de fato aprendam, é fundamental que, além de dominar o conteúdo, o professor saiba como ensinar. Parece óbvio, mas em muitos casos, falta esse preparo. Em um mundo onde os alunos têm cada vez mais acesso à informação, é preciso inovar para tornar as aulas mais atraentes

Muitas vezes, ideias simples bastam para chamar a atenção. Investir em qualificação de quem já está no mercado tem sido uma preocupação em vários estados, uma oportunidade que nem todos conseguem aproveitar. “Eu sei que o estado oferece, mas eu não tenho tempo. Eu ensino em duas escolas particulares e em uma escola da rede municipal e mais essa escola que é da rede estadual. De manhã, de tarde e à noite”, disse a professora de ciências e biologia Daniella Barbosa.

É a rotina de muitos professores para driblar os baixos salários. No Brasil, a lei fixa um salário inicial de R\$ 1.187 para 40 horas de trabalho por semana. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, a remuneração é bem menor. Na prática, em todo o país, muitos professores recebem menos do que o piso.

O Ministro da Educação, Fernando Haddad, diz que há R\$ 10 bilhões por ano para reestruturar a carreira dos professores. “O professor ganha no Brasil, em média, 60% do que ganham os demais profissionais de nível superior. Uma das metas do Plano Nacional de Educação é superar essa distância”.

Plano que o Brasil traçou para alcançar em 2020. Formado na Universidade de São Paulo, uma das mais prestigiadas do país, o professor de filosofia Eduardo Amaral ganha R\$ 1.100 por mês. Tem 650 alunos em 23 turmas. “Você não tem tempo de corrigir adequadamente os trabalhos, de dar um retorno para os alunos. Você acaba comprometendo todo o processo pedagógico”, contou.

A lei diz que um terço da jornada deve ser reservada para preparação das aulas e correção das provas, determinação que vem sendo contestada na Justiça só é realidade em seis estados, segundo um levantamento divulgado pela categoria.

Como temporária, Cristina recebe apenas pelo trabalho dentro da sala de aula. “Não tem horário para fazer planejamento não. Cada um faz no horário que der, final de semana, à noite, quando dá”, disse.

A falta de horizonte na carreira e as condições de trabalho são outros entraves. Em Alagoas, por falta do diário de classe, a frequência dos alunos é anotada no caderno, tarefa que terá de ser refeita. No Piauí, onde a temperatura passa de 40°C, é difícil manter a concentração dos alunos com ventiladores quebrados.

São muitos os professores que tiram do próprio bolso para garantir o ensino. “Compro meus lápis, tudo de reserva. Você fala: ‘Não tenho’. ‘Então, está aqui’. ‘Não tenho no meu caderno’, ‘Então está aqui uma folha de papel, vamos escrever!’ Quando eu vejo uma criança lendo as primeiras palavras, eu derreto toda eu fico muito feliz!”, contou a professora do 1º ano Joana Teixeira.

A relação com o professor, que nos primeiros anos de escola é mais afetiva, muda com o passar do tempo. “Eu tenho alunos que falam: ‘Eu só venho porque minha mãe me obriga, eu não quero vir’. Um aluno que chega assim fica muito mais difícil de aprender”, destacou a professora Adriana Martins. “Tem muito professor desestimulado que reflete em desestímulo ao aluno e tem o aluno que não tem a perspectiva de aprender dentro da escola e isso desestimula o professor”, afirmou um deles.

A fórmula para quebrar esse círculo vicioso combina investimento e cobrança de resultados. “Tem que deixar muito claro o que ele tem que fazer, qual é a meta que ele tem que atingir. Tem que ter um cenário mais claro para o professor”, disse a diretora do Todos pela Educação, Priscila Cruz.

Quem sabe assim, no futuro, mais brasileiros levem adiante o desejo de criança de ser professor.

## ANEXO 02 – Reportagem Veja

### Aula cronometrada

**Com um método já aplicado em países de bom ensino, o Brasil começa a investigar o dia a dia nas escolas**

Roberta de Abreu Lima

Fotos Eduardo Martino/Documentography e Istockphoto/RF



### Controle do tempo

**Escola municipal no Rio de Janeiro: os cronômetros vão ajudar a entender as causas da evidente ineficácia na sala de aula**

As avaliações oficiais para medir o nível do ensino no Brasil têm se prestado bem ao propósito de lançar luz sobre os grandes problemas da educação – mas não fornecem resposta a uma questão básica, que se faz necessária diante da sucessão de resultados tão ruins: por que, afinal, as aulas não funcionam? Muito já se fala disso com base em impressões e teoria, mas só agora o dia a dia de escolas brasileiras começa a ser descortinado por meio de um rigoroso método científico, tal como ocorre em países de melhor ensino. Munidos de cronômetros, os especialistas se plantam no fundo da sala não apenas para observar, mas também para registrar, sistematicamente, como o tempo de aula é despendido. Tais profissionais, em geral das próprias redes de ensino, já percorreram 400 escolas públicas no país, entre Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em Minas, primeiro estado a adotar o método, em 2009, os cronômetros expuseram um fato espantoso: com aulas monótonas baseadas na velha lousa, um terço do tempo se esvai com a indisciplina e a desatenção dos alunos. Equivale a 56 dias inteiros

perdidos num só ano letivo.

Já está provado que a investigação contínua sobre o que acontece na sala de aula guarda relação direta com o progresso acadêmico. Ocorre, antes de tudo, porque tal acompanhamento permite mapear as boas práticas, nas quais os professores devem se mirar – e ainda escancara os problemas sob uma ótica bastante realista. Resume a especialista Maria Helena Guimarães: "Monitorar a sala de aula é um avanço, à medida que ajuda a entender, na minúcia, as razões para a ineficácia". Não é de hoje que países da OCDE (organização que reúne os mais ricos) investem nessas incursões à escola. Os americanos chegam a filmar as aulas. O material é até submetido aos professores, que são confrontados com suas falhas e insucessos. Das visitas que fez a escolas nos Estados Unidos, o pedagogo Doug Lemov depreendeu algo que a breve experiência brasileira já sinaliza: "Os professores perdem tempo demais com assuntos irrelevantes e se revelam incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital".

Numa manifestação de flagrante corporativismo, os professores brasileiros chegaram a se insurgir contra a presença dos avaliadores dentro da sala de aula. Em Pernambuco, o sindicato rotulou a prática de "patrulhamento" e "repressão". Note-se que são os próprios professores que preferem passar ao largo daquilo que a experiência – e agora as pesquisas – prova ser crucial: conhecer a fundo a sala de aula. Treinados pelo Banco Mundial, os técnicos já se puseram a colher informações valiosas. Afirma a secretária de educação do Rio de Janeiro, Cláudia Costin: "Pode-se dizer que o cruzamento das avaliações oficiais com um panorama tão detalhado da sala de aula revelará nossas fragilidades como nunca antes". Nesse sentido, os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino.

### ANEXO 03 – Resposta à Revista Veja

Sou professora do Estado do Paraná e fiquei indignada com a reportagem da jornalista Roberde Abreu Lima “Aula Cronometrada”. É com grande pesar que vejo quão distante estão seus argumentos sobre as causas do mau desempenho escolar com as VERDADEIRAS razões que geram este panorama desalentador. Não há necessidade de cronômetros, nem de especialistas para diagnosticar as falhas da educação. Há necessidade de todos os que pensam que: “os professores é que são incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital” entrem numa sala de aula e observem a realidade brasileira.

Que alunos são esses “repletos de estímulos” que muitas vezes não têm o que comer em suas casas quanto mais inseridos na era digital? Em que pais de famílias oriundas da pobreza trabalham tanto que não têm como acompanhar os filhos em suas atividades escolares, e pior em orientá-los para a vida? Isso sem falar nas famílias impregnadas pelas drogas e destruídas pela ignorância e violência, causas essas que infelizmente são trazidas para dentro da maioria das escolas brasileiras.

Está na hora dos professores se rebelarem contra as acusações que lhes são impostas. Problemas da sociedade deverão ser resolvidos pela sociedade e não somente pela escola. Não gosto de comparar épocas, mas quando penso na minha infância, onde pai e mãe, tios e avós estavam presentes e onde era inadmissível faltar com o respeito aos mais velhos, quanto mais aos professores e não cumprir as obrigações fossem escolares ou simplesmente caseiras, faço comparações com os alunos de hoje “repletos de estímulos”. Estímulos de quê? De passar o dia na rua, não fazer as tarefas, ficar em frente ao computador, alguns até altas horas da noite, (quando o têm), brincando no Orkut, ou o que é ainda pior envolvidos nas drogas. Sem disciplina seguem perdidos na vida.

Realmente, nada está bom. Porque o que essas crianças e jovens procuram é amor, atenção, orientação e disciplina.

Rememorando, o que tínhamos nós, os mais velhos, há uns anos atrás de estímulos? Simplesmente: responsabilidade, esperança, alegria.

Esperança que se estudássemos teríamos uma profissão, seríamos realizados na vida. Hoje os jovens constatarem que se venderem drogas vão ganhar mais. Para quê o estudo? Por que numa época com tantos estímulos não vemos olhos brilhantes nos jovens? Quem, dos mais velhos, não lembra a emoção de somente brincar com os amigos, de ir aos piqueniques, subir em árvores?

E, nas aulas, havia respeito, amor pela pátria.. Cantávamos o hino nacional diariamente, tínhamos aulas “chatas” só na lousa e sabíamos ler, escrever e fazer contas com fluência.

Se não soubéssemos não iríamos para a 5ª. Série. Precisávamos passar pelo terrível, mas eficiente, exame de admissão. E tínhamos motivação para isso.

Hoje, professores “incapazes” dão aulas na lousa, levam filmes, trabalham com tecnologia, trazem livros de literatura juvenil para leitura em sala-de-aula (o que às vezes resulta em uma revolução), levam alunos à biblioteca e a outros locais educativos (benza, Deus, só os mais corajosos!) e, algumas escolas públicas onde a renda dos pais comporta, até a passeios interessantes, planejados minuciosamente, como ir ao Beto Carrero.

E, mesmo, assim, a indisciplina está presente, nada está bom. Além disso, esses mesmos professores “incapazes”, elaboram atividades escolares como provas, planejamentos, correções **nos fins-de-semana**, tudo sem remuneração;

Todos os profissionais têm direito a um intervalo que não é cronometrado quando estão cansados. Professores têm 10 minutos de intervalo, quando têm de escolher entre ir ao banheiro ou tomar às pressas o cafezinho. Todos os profissionais têm direito ao vale

alimentação, professor tem que se sujeitar a um lanchinho, pago do próprio bolso, mesmo que trabalhe 40 h.semanais. E a saúde? **É a única profissão que conheço que embora apresente atestado médico tem que repor as aulas.** Plano de saúde? Muito precário.

Há de se pensar, então, que são bem remunerados... Mera ilusão! Por isso, cada vez vemos menos profissionais nessa área, só permanecem os que realmente gostam de ensinar, os que estão aposentando-se e estão perplexos com as mudanças havidas no ensino nos últimos tempos e os que aguardam uma chance de “cair fora”. Todos devem ter vocação para Madre Teresa de Calcutá, porque por mais que esforcem-se em ministrar boas aulas, ainda ouvem alunos chamá-los de “vaca”, “puta”, “gordos”, “velhos” entre outras coisas. Como isso é motivante e temos ainda que ter forças para motivar. Mas, ainda não é tão grave.

Temos notícias, dia-a-dia, até de agressões a professores por alunos. Futuramente, esses mesmos alunos, talvez agridam seus pais e familiares.

Lembro de um artigo lido, na revista Veja, de Cláudio de Moura Castro, que dizia que um país sucumbe quando o grau de incivilidade de seus cidadãos ultrapassa um certo limite.

E acho que esse grau já ultrapassou. Chega de passar alunos que não merecem. Assim, nunca vão saber porque devem estudar e comportar-se na sala de aula; se passam sem estudar mesmo, diante de tantas chances, e com indisciplina... E isso é um crime! Vão passando série após série, e não sabem escrever nem fazer contas simples. Depois a sociedade os exclui, porque não passa a mão na cabeça. Ela é cruel e eles já são adultos.

Por que os alunos do Japão estudam? Por que há cronômetros? Os professores são mais capacitados? Talvez, mas o mais importante é porque há disciplina. E é isso que precisamos e não de cronômetros. Lembrando: o professor estadual só percorre sua íngreme carreira mediante cursos, capacitações que são realizadas, preferencialmente aos sábados. Portanto, a grande maioria dos professores está constantemente estudando e aprimorando-se. Em vez de cronômetros, precisamos de carteiras escolares, livros, materiais, quadras-esportivas cobertas (um luxo para a grande maioria de nossas escolas), e de lousas, sim, em melhores condições e em maior quantidade.

Existem muitos colégios nesse Brasil afora que nem cadeiras possuem para os alunos sentarem. E é essa a nossa realidade! E, precisamos, também, **urgentemente** de educação para que tudo que for fornecido ao aluno não seja destruído por ele mesmo. Em plena era digital, os professores ainda são obrigados a preencher os tais livros de chamada, à mão: sem erros, nem borrões (ô, coisa arcaica!), e ainda assim se ouve falar em cronômetros. Francamente!!!

Passou da hora de todos abrirem os olhos e fazerem algo para evitar uma calamidade no país, futuramente. Os professores não são culpados de uma sociedade incivilizada e de banditismo, e finalmente, se os professores até agora não responderam a todas as acusações de serem despreparados e “incapazes” de prender a atenção do aluno com aulas motivadoras é porque não tiveram TEMPO.

Responder a essa reportagem custou-me metade do meu domingo, e duas turmas sem as provas corrigidas.

**Vamos fazer uma corrente via internet, repasse a todos os seus! Grata.**

Vamos começar uma corrente nacional que pelo menos dê aos professores respaldo legal quando um aluno o xinga, o agride... chega de ECA que não resolve nada, chega de Conselho Tutelar que só vai a favor da criança e adolescente (capazes às vezes de matar, roubar e coisas piores), chega de salário baixo, todas as profissões e pessoas passam por professores, deve ser a carreira mais bem paga do país, afinal os deputados que ganham 67% de aumento tiveram professores, até mesmo os "alfabetizados funcionais". Pelo amor de Deus somos uma classe com força!!! Vanessa Storrer - professora da rede Municipal de Curitiba!

